NO LIMIAR DO MISTÉRIO DA SOBREVIVÊNCIA

EXPERIÊNCIAS COM O EU ASTRAL

AINDA NO LIMIAR DO MISTÉRIO DA SOBREVIVÊNCIA

APONTAMENTOS COMPLEMENTARES

HAMILTON PRADO

NO LIMIAR DO MISTÉRIO DA SOBREVIVÊNCIA

EXPERIÊNCIAS COM O EU ASTRAL

HAMILTON PRADO, advogado, deputado federal, nascido em Rio Claro, Estado de São Paulo, dia 27 de agosto de 1907 e falecido dia 1º de janeiro de 1972, em Ubatuba, vítima de um acidente. Foi um homem de vida intensa e brilhante. Era ao mesmo tempo um intelectual de excepcional cultura e um esportista amador de raraa qualidades. Além disso ele foi um notável viajor astral.

HAMILTON PRADO nasceu na cidade paulista de Rio Claro, no dia 27 de agosto de 1907, filho de Esperidião Prado e Jordelina Prado. Fez os primeiros estudos em sua cidade natal, na Escola Profissional Armando Bayeux da Silva, dando continuidade na vizinha cidade de Campinas. Em dezembro de 1930, bacharelou-se em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito de São Paulo.

Hamilton e seu irmão Newton eram tenentes quando lutaram na Revolução Constitucionalista (1932). Foi preso e conduzido para a Ilha Grande, no litoral fluminense, de onde se evadiu para reincorporar-se às tropas rebeldes, derrotadas definitivamente em outubro de 1932. Seu irmão veio a falecer em meio ao conflito.

Após aqueles acontecimentos, nosso autor dedicou-se ao exercício da advocacia. Em 1941, assume o cargo de diretor-vice-presidente da Companhia Antarctica Paulista, e passa a atuar em iniciativas do setor empresarial. Foi membro do conselho consultivo do Departamento de Produção Industrial da Secretaria do Trabalho, Indústria e Comércio do Estado de São Paulo; de 1950 a 1953 foi membro do Conselho Nacional de Economia; dentre outros cargos e atividades. Pertenceu também à Associação Comercial e ao Círculo Militar de São Paulo.

Na vida político-partidária, Hamilton Prado foi deputado federal em várias legislaturas de 1955 (PSD) a 1970 (Arena), sendo considerado um dos mais destacados e capazes representantes na Câmara. Foi membro também do PTN (Partido Trabalhista Nacional), do qual chegou a ser líder. Com a mudança de regime, em 1964, foi um dos encarregados na organização da Aliança Renovadora Nacional (Arena), da qual se tornou filiado.

O ex-deputado faleceu de forma trágica aos 64 anos em 1º de janeiro de 1972, na Praia do Lázaro, em Ubatuba, SP, quando, por ocasião das festas de fim de ano, praticando esqui aquático, foi atingido pela hélice de outra lancha em alta velocidade, tendo morte instantânea.

Hamilton apreciava literatura, notadamente poesia, e cultura em geral; foi um desportista amador atuante. No relacionamento, tornara-se conhecido por sua humildade e também franqueza. Era casado com Margarida Theil Prado, com quem teve dois filhos.

Deixou os seguintes livros publicados: “O que é política”, “Como julgar os políticos”, “Legado das gerações”, “A inflação e outras causas da carestia da vida”, “Tributos e inflação”, “Nasce uma metrópole - A evolução de São Paulo no período republicano”. Sobre Experiência Fora do Corpo (EFC) foram dois títulos: “No limiar do mistério da sobrevivência” (1967) e “Ainda no limiar do mistério da sobrevivência” (1969).

Hamilton Prado iniciou seu primeiro livro sobre EFC em 1942 aos 35 anos. Até 1946, foi compilando os registros de suas vivências no assunto. Depois disso, até 1963, pouca coisa foi acrescentada, pois os compromissos crescentes da vida comum e as preocupações cotidianas tomavam-lhe cada vez mais o tempo e a atenção. Nesse período, somente fez anotações ocasionais, aguardando por uma oportunidade propícia à conclusão do trabalho.

Os dois livros foram publicados numa época em que, muito menos do que hoje, havia no país obras disponíveis sobre EFC e assuntos correlatos. Um homem público no Brasil publicar um livro sobre o tema, na década de 1960, era inusitado, assunto praticamente interdito.

Ao publicar o que o leitor tem em mãos, Prado buscou três objetivos: 1 - Afirmar a sobrevivência do espírito à morte do corpo material; 2 - Demonstrar a influência decisiva do comportamento moral do ser humano sobre seu estado de consciência quando no mundo espiritual e 3 - Propor a existência de um princípio de justiça absoluto que determina que, ao longo do tempo, todos terão semelhantes oportunidades. Foi um modo de Hamilton compartilhar o que vivenciou com os demais seres humanos.

Nesta edição eletrônica estão reunidos os dois títulos. “Ainda no limiar....”, com os apontamentos complementares, encontra-se a partir da página 161 [pdf].

Dados do boletim Metaconsciência, Volume II N° 4, 18 de fevereiro de 2011, por César S. Machado e <www.fgv.br/cpdoc>.

HAMILTON PRADO

NO LIMIAR DO MISTÉRIO DA SOBREVIVÊNCIA

EXPERIÊNCIAS COM O EU ASTRAL

Edição do
SERVIÇO SOCIAL BATUIRA
1967

Prezado leitor.

O que você vai ler neste livro é o relato sumário de uma série de experiências pessoais vividas no decurso de quase tôda uma existência. Não obstante elas tivessem começado a verificar-se quando eu ainda era bastante jóvem, as circunstâncias em que se verificavam, as dúvidas que me perturbavam a mente e fatôres outros, diversos, não me levaram, de início, à preocupação de escrever a seu respeito. Sòmente em 1942, quando já homem de 35 anos, advogado, com grandes responsabilidades profissionais, é que, ponderando sôbre o merecimento de tais experiências, a influência das mesmas sôbre a minha formação moral e filosófica e o significado que elas poderiam ter tanto para a ciência como para a orientação de meus semelhantes, envolvidos, na generalidade, no tumulto freqüentemente angustioso das lutas e sucessos da vida cotidiana, é que me decidi a transpô-las para um caderno, começando a relatá-las. Naquele ano, foram escritos a Introdução e os primeiros capítulos.

Todavia, sofreu o meu trabalho inúmeras interrupções.

As páginas seguintes darão notícia das causas e razões de tais intervalos.

Melhor será lê-las.

Ao relato acrescentei, apressadamente, há pouco tempo, uma série de conclusões, que indicam em como as conseqüências das experiências que tive podem ser profundas. Todavia, a pressa é inimiga da perfeição. Perdoe-me, pois, as deficiências que aí notar.

São Paulo, agôsto de 1967.

INTRODUÇÃO

JÁ há muito vinha pensando escrever sôbre o que tem acontecido comigo e só o tumulto e a agitação da vida que quase todos hoje levamos para conseguir o sustento e a satisfação das exigências dos nossos hábitos me têm impedido de dedicar o tempo que seria preciso para tanto.

Mas, indiscutìvelmente, o que comigo tem acontecido muito vem contribuindo para que minha visão de conjunto da vida e dos destinos dos homens e dos povos se amplie; muito vem contribuindo para uma nova compreensão das coisas, dando-me, assim, mais ânimo para vencer as dificuldades, mais resignação para suportar os sofrimentos e maior sentimento de solidariedade humana. Porisso, mesmo com sacrifício, acho que devo transmitir aos outros êsses fatos, que tanto me têm auxiliado e que podem auxiliar também os meus semelhantes.

Muitos dos que lerem êste livro não acreditarão nos fenômenos relatados; outros os atribuirão a causas mórbidas, outros, afinal, os compreenderão. A êstes, talvez, o que eu escrever poderá ser de grande utilidade. Para todos, porém, acentuo uma coisa: o que vou escrever é absolutamente sincero, tudo é absolutamente honesto. Aliás, não só relatarei os fatos, como, também, as minhas dúvidas, as minhas observações e as minhas experimentações. Tudo relatarei com lealdade. Não me referirei a datas, em geral, porque não tomei apontamentos oportunamente, senão com raras exceções. Também não referirei nomes, quando fôr o caso, porque, afinal, não há necessidade, pois o depoimento é só meu e as observações exclusivamente minhas.

Para aquêles que atribuírem os fatos a causas mórbidas, direi, com franqueza, que talvez uma ponta pequena (muito pequena) de razão possuem. Assim digo, porque tive ensejo de notar, durante o longo tempo em que venho observando comigo as ocorrências que vou relatar, que os estados mórbidos facilitam também a verificação das mesmas. Notei, por exem-

plo, que em casos de intoxicação, debilidade, esgotamento nervoso, os fenômenos ocorriam com mais assiduidade. Todavia, acentuo que êsses estados anormais, por outro lado, sempre deram às ocorrências um cunho especial, febril, agitado, perturbando, assim se poderia dizer, a limpidez, a pureza do fato. A ocorrência vinha mesclada de circunstâncias que a tornavam, não raro, confusa, sem seqüência lógica. Enfim, a causa mórbida tornava, também, anormal, *doentia* a ocorrência. Em condições normais, os fenômenos se davam em sucessão concatenada, sendo as percepções tôdas muito claras e definidas, muitas delas absolutamente imprevistas, inesperadas, provocando-me tudo, não obstante, uma visão global, uma compreensão e uma recordação duradouras. Aliás, não só ao se verificarem os fatos eu me achava absolutamente calmo, tranqüilo, como também, após a ocorrência, o meu estado de espírito subsistia o mesmo, e até melhor, pois animavam-no, depois, a satisfação e o bem-estar que eu percebera em mim enquanto a ocorrência se dava. Porisso, e pelo mais que notei e vou relatar, fui, aos poucos, compreendendo que a morbidez, resultante de fatôres ocasionais, pouca influência tinha sôbre as ocorrências, e quanto à possibilidade de que um estado mórbido permanente, conseqüente de alguma lesão nervosa, pudesse ser o ocasionador dos fenômenos, falarei mais adiante, para mostrar que ainda aqui razões muitas me sobram para afastá-la como hipótese.

Mas, falando em morbidez, anormalidade, não será oportuno lembrar que tudo quanto foge às condições corriqueiras da vida e não pode ser logo compreendido cientificamente é logo designado como anormal e, posteriormente, muitos dos fatos assim qualificados passam a ser normais para determinadas circunstâncias?

Enfim, para aquêles outros que não acreditarem no que vai adiante escrito, não tenho elementos de convicção, a não ser os que já usei, a saber, que isso que aí está é uma confissão honesta, sincera, feita na certeza de que, como tal, poderá contribuir para a felicidade de outras pessoas, sujeitas, como eu, às dificuldades da vida, que, não raro, se apresentam desanimadoras, insuperáveis.

CAPÍTULO I

HABITUALMENTE, as crianças são assustadiças e medrosas, e eu também, em criança, tinha mêdo de ficar no escuro, de atravessar lugares desertos, de ouvir prosas sôbre aparições e fantasmas.

Sonhava, como creio que tôdas as crianças sonham, com homens querendo prender-me e eu esforçando-me para correr, sem desligar-me do meu lugar senão com muito custo. Felizmente, tais sonhos não eram freqüentes. Quando sonhava com a minha casa, via nela, sempre, um movimento desusado, com muitas pessoas estranhas. Hoje, com uma idéia de conjunto, lembro-me de ter ouvido que, naquela casa, funcionara um clube de diversões e, depois, ali morara um padre.

Afora êsses fatos normais, nada de excepcional me ficou na lembrança dêsse tempo, não obstante fôsse eu, então, bastante doentio, assaltado freqüentemente por uma bronquite asmática, que só me deixou aos onze anos de idade, com uma saúde bem precária.

Era já rapaz quando começou a dar-se comigo um fato interessante, que me causava horror tremendo e cuja só lembrança me dava, à noite, vontade de não ir deitar-me.

Tal fato consistia no seguinte: — Sempre de madrugada, debaixo da maior tranqüilidade, sentia-me às vêzes, de repente, acordado, mas absolutamente incapaz de mexer-me. Em seguida, um ruído fino e estridente, como o de uma carretilha pequena a escorregar por um fio de aço, começava a produzir-se lá no fundo da casa, aliás de cômodos muito amplos, e desde a despensa, ou cômodo de depósitos, vinha aquêle ruído se aproximando através do quarto dos fundos, cozinha, corredor, sala de jantar e daí para o meu quarto, onde passava pelo pé da cama, continuando para a sala de visitas, com a qual meu quarto se comunicava e daí para um outro quarto da frente, onde se extinguia [1]. Mal terminava o ruído, readquiria eu

(1) Recentemente (março de 1964), dando uma cópia destas anotações à minha irmã, mais môça que eu, para ler, surpreendeu-se ela com esta passagem, pois na sua infância, segundo me disse, por várias vêzes ouvira êsse mesmo ruído, que lhe causava tremendo pavor.

o movimento, quando me aproveitava para cobrir-me todo, passando por sôbre a cabeça a minha coberta.

Inúmeras vêzes ocorreu êsse fato e, como era sempre da mesma forma, sem vir acrescido de nada mais, quase me conformei com êle, dominando, mesmo, o horror que me causava. O ruído, porém, começou a rarear, enquanto aquela espécie de estado catalético, em que eu ficava sem poder mover-me, continuou a verificar-se duas ou três vêzes por mês, sempre de madrugada. Nesse estado, tinha a impressão de que só me era possível mover os artelhos e as pontas dos dedos muito pouco e com enorme dificuldade. Também ouvia vozes e passos de pessoas da casa, pelo que freqüentemente supunha já ser de manhã e haver gente nos cômodos vizinhos, o que não era exato. Parecia-me, ainda, que a respiração era custosa e insuficiente. Com o tempo, notei uma íntima relação entre o meu estado e a respiração, pois, quando conseguia aumentá-la, de pronto adquiria os movimentos. Às vêzes, aliás, esforçando-me para movimentar mais amplamente os artelhos e os dedos, acabava-o conseguindo, mas então readquiria todos os movimentos.

Era natural que, ao sentir-me acordado e imobilizado, me assaltasse o mêdo e muitas idéias me cruzassem o espírito. Às vêzes, sentia um esmorecimento ante a inutilidade dos meus esforços para acordar, inutilidade que, não raro, se prolongava e, então, pensava que não mais acordaria. Com o esmorecimento, vinha um sentimento de abandono, que mais me assustava ainda, pois temia que, entregando-me a tal sensação, a morte seria inevitável e, pelo mêdo, sufocava o desejo que freqüentemente comecei a ter de fazer uma experiência e deixar de resistir para ver até onde chegaria.

Todavia, logo adiante, começou a ocorrer comigo outro fato curioso. Em meio a qualquer sonho, vinha-me a compreensão de que o que estava vendo era efetivamente um sonho e então, ou se desfaziam as imagens, ou elas permaneciam, e eu, quando sentia desejo de acordar, percebia tudo escurecer, enquanto uma forte ventania assoprava sôbre meus ouvidos, como se em grande velocidade eu fôsse arremessado no espaço, acordando imediatamente depois. E o interessante é que, às vêzes, resultava na minha idéia o conhecimento do local em que estivera, ou com o qual sonhara.

Assim é que uma vez, em que ocorreu êsse fato, sonhava com algumas casas construídas sôbre um barranco murado de pedras, ao lado de umas linhas de estrada de ferro. Em dado momento, compreendi que estava sonhando e manifestei,

então, o desejo de acordar, tendo imediatamente tudo escurecido, e eu, depois de sentir como que uma ventania nos ouvidos, acordei em minha cama, no interior do Estado de São Paulo, onde morava, com a impressão de ter estado no Rio de Janeiro [2]. Já então, essas ocorrências não me causavam mêdo, porém, ao contrário, satisfação, sendo freqüentes as vêzes em que eu me esforçava para prolongar aquela espécie de sonho, ainda depois.

Essas ocorrências ora sucediam-se com freqüência, ora com intervalos longos, até que...

(2) Verifiquei, posteriormente, que o subúrbio da Central, no Rio, era semelhante à visão que tivera.

CAPÍTULO II

TINHA eu vinte anos e cursava já o terceiro ano da Faculdade de Direito.

Nessa época, gozava de boa saúde e apenas sofria, diàriamente, as conseqüências de um pronunciado desvio do septo nasal. Isso quer dizer que quase tôdas as noites, depois de muito espirrar, debatia-me com o defluxo, que dificultava grandemente minha respiração, roubando-me sempre muitas horas de sono, pois só depois de cansado acabava dormindo, respirando pela bôca, o que muito me desagradava. Sujeitava-me aos tratamentos a que me submetia o meu médico, que não gostava de fazer operações e me receitava inalações, pomadas, etc. e, com maior paciência ainda, eu suportava o nenhum efeito dessas panacéias tôdas.

Afinal, numa dessas noites em que cheguei até a madrugada sem conciliar o sono, monologava que os males, às vêzes, nos afligem, porque têm que nos afligir, pois ali me achava eu disposto a qualquer espécie de tratamento, inclusive a uma intervenção, que me parecia o método mais rápido de cura, e, no entanto, lá estava o meu médico a dificultar-me essa cura... E concluindo que na vida da gente há coisas inevitáveis, eu me enchia de paciência e pedia a Deus que esta nunca me faltasse em momentos tão desagradáveis quanto aquêle.

Assim, insensìvelmente, dormi.

Em dado momento, eu me vi pairando a uns dois metros do nível de uma rua (que por um dos lados mais parecia um viaduto) calçada de paralelepípedos, que se lançava reta na minha frente, tendo, do lado esquerdo e no seu nível, pequenas casas construídas pegadas, de um tipo uniforme, e do lado direito, bem abaixo do seu nível, uma grande cidade iluminada pela luz do amanhecer. A cidade pareceu-me bonita, principalmente porque notava, sobressaindo do casario, várias cúpulas arredondadas de edifícios majestosos. Lindíssimo, porém, me pareceu o conjunto, pois fechando a cidade,

no outro extremo, via eu uma grande serra azulada, sôbre a qual se desenhava, a meia altura, o perfil de uma nuvem branca e comprida, como se fôsse uma faixa de vaporosa gaze. A tranqüilidade era absoluta e tudo eu via e sentia como se vê e sente com os sentidos do corpo. Aos poucos, fui deslisando pelo alto e com uma estranha sensação de bem-estar ia notando os paralelepípedos do calçamento, as fachadas das casas ao lado esquerdo; em baixo, do lado direito, as formosas cúpulas dos grandes edifícios, as casas menores, a serra, e tudo iluminado por um albor radioso e tranqüilo. Assim, deslisando sempre por sôbre a rua, cheguei até um ponto em que, à minha frente, notei, apoiados em uma das casas de porte maior, vários círculos concêntricos, nos quais estavam colocadas espécies de lâmpadas elétricas. Percebi que dali saía um ligeiro sonido, como uma pequena vibração. Diante de tão curioso aparelho, perguntei a mim mesmo o que seria e, a essa pergunta, me veio imediatamente uma resposta: "Um aparelho captador de eletricidade". A resposta, cheia de fôrça, veio com uma convicção de realidade tal que nem dúvida tive de aceitá-la. Mas, raciocinando como o fazia, claramente, essa resposta me sugeriu logo outra questão: afinal, onde estava eu, daquele jeito, em um lugar onde havia um captador de eletricidade? Pronta, da mesma forma, surgiu-me a resposta: "Em espírito, em outro mundo".

"Em outro mundo? — perguntei-me — mas então, e a terra, onde está?" "Lá em baixo" — foi a resposta, e eu, pensando na terra, "lá em baixo," vi tudo desaparecer de minha frente, enquanto o conhecido zumbido do vento nos meus ouvidos precedeu, de um momento apenas, o meu acordar. Acordei lúcido, mas ligeiramente sufocado e tossindo.

A sensação que me possuia era a de grande bem-estar e tranqüilidade e tal foi a satisfação que o fato me causou que, tendo notado movimento no quarto de meus pais, o que me advertiu estarem êles acordados, fui lesto para lá, a fim de contar-lhes o sucedido.

* * *

Depois dêsse acontecimento, que me revelou, de maneira precisa, uma sensação inteiramente diversa do sonho, pois que aquêles momentos eu vivera diferentemente, sob a impressão de uma realidade indiscutível, pròpriamente material, física, comecei a suportar com mais satisfação o entorpecimento que a falta de respiração regular às vêzes me causava. Anima-

va-me o desejo de que mais vêzes ocorressem situações semelhantes àquela.

Aliás, êsses fenômenos se sucederam espaçadamente, permitindo-me fazer observações bem curiosas.

A ocorrência dêles dava-se sempre de madrugada, quando tudo era tranqüilo e calmo. Sentia-me então acordado, sob a impressão de grande sensibilidade, e nesse estado foi que, de uma feita, me vi, de repente, perto de casa, deslisando próximo do chão e, como eu ouvisse vozes um pouco alteradas, enchi-me de mêdo e desejei voltar, o que fiz com facilidade, acordando imediatamente. De outra vez, surpreendi-me no corredor para o qual dava o meu quarto e aí, nesse corredor, caminhei, atravessando a porta dos fundos sem sentir e vi-me, assim, na área que existe sôbre o quintal. Dessa área, olhei para o céu e, através das ramas de um abacateiro existente no quintal, vi, no alto, uma estrêla. Com pleno conhecimento do meu estado, convencido de que estava em espírito, desejei alçar-me até aquela estrêla, esforcei-me por fazê-lo e senti, realmente, erguer-me do solo, porém cheguei até as ramas do abacateiro e por mais que me esforçasse não fui além. Ao contrário, até, cansando-me com aquêle esfôrço, recaí no lugar primitivo e em seguida acordei.

Confesso, porém, que, com o hábito de analisar tôdas as coisas, procurava, para êsses fatos, justificativas de ordem natural e essas justificativas se ofereciam como sendo aquelas ocorrências apenas as resultantes de estados mórbidos, não passando, pois, de ilusão da mente, e ligada a essa conclusão, uma outra, que era a de se relacionarem êsses fatos a um fenômeno de auto-sugestão imperceptível, em que as coisas por mim percebidas naquele estado tinham sido criadas, no mesmo instante, pelo meu pensamento, porque, se em condições normais, a auto-sugestão pode criar ficções, em um estado de hipersensibilidade êsse resultado podia ser instantâneo, ao ponto de não poder jamais ser identificado pela mais avisada pessoa.

Todavia, inúmeras observações que fiz me foram deixando surprêso. Um dia (foi a primeira vez que observei um fenômeno durante o dia), deviam ser aproximadamente umas quinze horas, achava-me eu deitado, dormindo de bruços, em meu quarto, descansando do muito exercício e dos afazeres a que me entregara desde cedo até depois do almôço. No meu quarto, absolutamente tranqüilo, entravam pela janela fortes raios de sol, que batiam sôbre os pés da cama. Em dado momento, por entre as pálpebras semicerradas, vi a minha

mão esquerda normalmente pousada a quase dois palmos de meu rosto, sôbre o largo travesseiro e, acima dessa mão, outra mão absolutamente igual à primeira. Observei, demoradamente, a semelhança de ambas e procurei, em seguida, mover a minha mão, que se achava em baixo, sendo-me isso absolutamente impossível. Veio-me a idéia, então, de que a minha mão era a que se achava por cima. Procurei, porisso, mover essa mão e fi-lo para baixo e a mesma obedeceu imediatamente ao impulso que dei, confundindo-se com a que estava em baixo e que readquiriu, instantâneamente, o seu movimento.

De outra feita, em uma madrugada, quando me senti naquele estado de estranha sensibilidade, pensei que muito interessante seria visitar um outro mundo. Ao ter noção de que eu me afastava do meu corpo, senti-me levado pelos ares, por onde subi ziguezagueando. Afinal, desci sôbre a superfície extensa de uma praça, em que se erguia uma grande construção, que me pareceu um formoso templo e em cujas fachadas os detalhes ornamentais eram tão delicados e mimosos que me senti admirado. Contra a minha vontade, porém, ia eu sendo afastado da construção, deslisando a uns três ou quatro metros de altura do solo, por uma estrada que, saindo detrás da construção, contornava uma plantação em que as árvores, como pés de peras, se elevavam com ramos esguios até à altura em que eu deslisava. Em dado momento, ainda contra a minha vontade, afastei-me da estrada e entrei pela plantação e assim ia deslisando por entre os ramos altos das árvores quando vi, em sentido contrário àquele em que ia, vir vindo um menino, que trazia em sua mão uma lanterna, que êle, exagerando o movimento alternativo dos braços, oscilava de um para outro lado. A uns dez ou quinze metros de mim, o menino parou surprêso, olhando para cima, isto é, para mim. Percebendo que o assustara, desejei, francamente, adverti-lo para que não tivesse mêdo, que eu nada lhe faria. Mas, com um gesto brusco, o menino abaixou-se como que a procurar alguma coisa e, em seguida, ergueu-se e arremessou uma pedra, que ouvi cortar o espaço. O mais estranho e inesperado para mim foi que senti a pedra atingir-me e atravessar-me, dando-me uma sensação meio dolorosa e desagradável, que me irritou muito. Meus sentimentos mudaram e eu desejei, sinceramente, irritado como estava, assustar mesmo o menino. Todavia, mal aflorado êsse desejo, tudo escureceu, senti-me arrastado a grande velocidade e acordei, ouvindo, ainda, repetir dentro de mim, como uma admoesta-

ção: "fôste indigno, com os teus sentimentos, do lugar em que estiveste".

Fatos como êsse é natural que provoquem em nossa mente cogitações inúmeras.

Lembro-me bem que, ainda ao acordar, sentia-me absolutamente surpreendido com a circunstância de a pedra arremessada pelo menino ter-me atravessado como se eu fôsse apenas fumaça. O gesto do menino, aliás, eu não o compreendera senão depois que ouvi o zunido da pedra e senti esta atravessar-me. Tudo fôra para mim imprevisto e, não obstante, continuei ainda, por muito tempo, a admitir a possibilidade de outro tipo de reação subconsciente, e só os sucessos posteriores me fizeram afastar, definitivamente, essa hipótese.

CAPÍTULO

III

AFINAL, até aqui, muito tenho falado de minhas dúvidas, porém nada a respeito de minhas convicções.

Sempre fui tímido, principalmente por temer o ridículo. Por isso, quando a necessidade ou um motivo forte se impunha, tinha a coragem e a fôrça necessárias para ser ousado. Mas, no trato com terceiros, sempre temi molestar ou prejudicar, resultados êsses que reputo impedimentos à minha ação.

Vivendo numa coletividade, sempre senti que os interêsses desta valiam mais do que os meus e mais valem também os do meu semelhante, a não ser que tais interêsses não sejam recomendáveis.

Acresce que, com a instrução, fui tendo melhor noção da minha insignificância e também do pouco que vale o mundo no conjunto universal, não obstante tudo seja êle para nós. E tanto é o mundo para nós, que nêle, nas suas coisas em relação conosco, com nosso interêsse, ou com nossa curiosidade, vivemos absorvidos. Assim, o tempo passa, envelhecemos, e, imperceptìvelmente, enquanto vamos abandonando antigos projetos, velhas ilusões, novos projetos e novas ilusões vamos criando, cada vez mais limitados, mais adstritos às nossas conveniências, nossas comodidades, nossas afeições e nossos interêsses, que se transformam nos últimos objetivos da vida.

Poucos procuram fugir a êsse tentacular redemoinho, olhando, às vêzes, por cima dos seus objetivos imediatos para fitar, ao longe, o complexo conjunto das grandiosas coisas visíveis no universo. Muito mais raros, ainda, são os que adquirem o hábito de manter alevantada a sua vista, sempre enfrentando a vida tendo em mente o conjunto do universo. Por ter notado isso desde cedo, procurei ser dos últimos, mas, com sinceridade, confesso que fracassei no intento, porque as contingências da vida foram mais fortes e eu não tive fôrças nem elevação suficientes para resistir às

mesmas. Deixei-me dominar por elas e hoje, como um outro qualquer, estou apegado às minhas ocupações, luto diária e constantemente para vencer as dificuldades materiais imediatas e sinto-me muito feliz, ainda, por poder, algumas vêzes, fugir a êsse imediatismo e fazer alguns exames sôbre o conjunto.

Quando mais môço, porém, alheio ainda à áspera e ingrata luta pela subsistência, alimentava-me um ardente idealismo, cujas objetivações era meu anelo se tornassem a única razão de ser da minha vida.

Tôdas as noites em que o tempo permitia, fixava o céu estrelado e naqueles pontos luminosos, ardendo a milhões de léguas de distância, eu me esforçava por lembrar os sóis radiantes e multicores que distribuem luz e calor a milhões de mundos, insignificantes também como o nosso, e em muitos dos quais humanidades devem viver. E dessas considerações resultava, em meu íntimo, uma grande compaixão pela nossa humanidade, ainda percorrendo, hesitante, os primeiros passos da civilização, tão pouco instruída de sua verdadeira situação, tão pouco segura no seu progresso intermitente, tão pouco solidária com os seus membros. No universo, devem existir muitas humanidades assim, onde, ao lado de uma porcentagem elevada de infelizes sombras dominadas por misérias, doenças, e humilhações, outras existem de indiferentes votados à busca exclusiva de suas comodidades, outras, também, de febris enamorados do prazer, do vício ou da corrupção, mais outras, ainda, de ávidos de riquezas e poderio, suscitando intrigas, desarmonias e guerras e outras desgraças mais... De maior piedade enchia-me, então, o coração, por sentir que talvez não seria impossível um acôrdo ou, pelo menos, uma evolução, em que aquêles índices maus diminuíssem, e se fôssem atenuando aos poucos, com sacrifício, apenas, dos excessos individuais e com o resultado admirável da felicidade para todos, ou, quando menos, da tranqüilidade para quase todos.

Como reflexo dessas considerações constantes, minha vida se desenrolava exemplar. Dedicado aos estudos e ao trabalho, fugia a todos os deslises ou fraquezas, mesmo as mais comuns, e cultivava um entranhado sentimento de solidariedade humana, semente promissora de uma sábia filantropia.

Estou hoje convencido de que êsse estado de espírito, constante naquela época, mas infelizmente transitório na minha existência, muito contribuiu para a ocorrência dos fenômenos, que afinal me revelaram, *objetivamente,* o outro mundo

que existe ao lado dêste, que todos nós conhecemos, e outras coisas mais, inclusive a eternidade da alma.

Essa convicção resulta principalmente das minhas experiências ulteriores, que me denunciaram um detalhe que parece determinar um dos requisitos dêsses fenômenos: nos períodos de minha vida em que se modificaram sensìvelmente os meus hábitos, passando eu a levar uma vida pouco ou nada espiritual, com preocupações apenas materiais e subalternas, modificaram-se também os fenômenos, não só nas condições que os rodeavam — como a seguir se verá — mas, bem assim, na imprecisão que freqüentemente passou a caracterizá-los, ao ponto de quase se assemelharem exclusivamente aos sonhos normais, perdendo, em conseqüência, os característicos que os diferenciam absolutamente dos sonhos.

Assim, uma das condições para o desenvolvimento dêsses fenômenos parece ser uma vida reta, sem preocupações materiais, grosseiras ou subalternas, iluminada por um idealismo humanitário, nobilitante. Já essa condição, êsse requisito está bem a revelar que o fenômeno se subordina a leis, sendo, portanto, natural e não anormal.

CAPÍTULO IV

No capítulo II, referi-me ao imprevisto de certos acidentes e, de fato, essa circunstância sempre me surpreendeu nas minhas saídas, em que os acontecimentos e percepções freqüentemente se desenrolavam, como se dependessem exclusivamente de outros fatôres, nos quais eu não intervinha, nem podia intervir absolutamente.

Assim, lembro-me de saídas muito interessantes, que podem fornecer aos meus leitores detalhes abundantes nesse terreno.

Nas primeiras vêzes em que foram sucedendo comigo os estranhos passeios, fui vendo lugares desertos e tranqüilos, sem nêles encontrar pessoa alguma, exceção feita ao caso já referido com o menino.

De uma feita, porém, ao ter noção de mim, achava-me como que encerrado em uma bola sombria. Imediatamente, percebendo um ponto pequeno de vaga luminosidade, senti-me aproximar do mesmo, que como se ampliou, permitindo-me passar por êle. E vi-me, então, sôbre uma baía, em que, ancoradas ou navegando, se achavam várias embarcações, que eu via de muito alto. Lá por cima, avancei em direção a uma cidade (situada à margem da baía), que ultrapassei, chegando até um morro, que se erguia do outro lado da cidade e pelo qual subia o prolongamento de uma rua desta.

Chegando ao ponto do prolongamento da rua, que era pròpriamente uma estrada, notei o chão úmido, que denunciava chuva recente e desejei continuar subindo estrada acima. Porém, em dado momento, vi que à medida que subia pela estrada eu me tornava como que mais pesado e não conseguia mais alçar-me senão com enorme dificuldade. Quando, cedendo ao esgotamento, eu cessava o esfôrço, sentia-me deslisar para baixo, como que escorregando e, à medida que ia retrocedendo no caminho, voltava a sensação de leveza. Duas vêzes fiz a tentativa e, depois, desisti, deixando-me deslisar por sôbre a estrada, morro abaixo.

Tendo tomado um desvio da mesma, assim ia indo quando vi, em sentido contrário, virem caminhando duas mulheres vestidas de maneira muito simples, que conversavam entre si animadamente. Esforcei-me para verificar se, porventura, alguma coisa aparentavam que me mostrasse não tivessem elas uma existência material, porém nada, absolutamente, notei. Caminhavam lado a lado, cada qual sôbre as elevações que nas estradas ficam entre os sulcos cavados pelas rodas dos veículos e o deixado pelo trotear das viaturas, evitando, às vêzes, os buracos cheios de lama que encontravam. Assim, uma delas, justo quando a uns dois metros de mim caminhava, para evitar um dêsses buracos, deu um passo ao lado, a fim de contornar o obstáculo e, ao fazê-lo, não teve felicidade, porque, escorregando, caiu sôbre os joelhos, e com as mãos procurou apoio no chão. O acidente foi para mim tão imprevisto que me movimentei para auxiliar a mulher que escorregara, mas contive-me a tempo com a intuição que me veio de que o meu auxílio em nada adiantaria. Aliás, a outra mulher ràpidamente socorreu sua companheira, que se levantou rindo, e ambas continuaram caminhando enquanto eu, ainda emocionado com o acidente, deslisei pelo alto, estrada abaixo. Dessa estrada saía também uma rua estreita e curta, ladeada de casas antigas e baixas, numa das quais vi uma placa, que me esforcei para ler. Percebi, então, que a escrita era em caracteres estranhos. Todavia, quando fixei êsses caracteres na placa, vi-os modificarem-se e li um nome de mulher antecedido da palavra rua. Achei interessante êsse detalhe e continuei pela rua, que logo terminou em um pequeno largo, que ladeava uma igreja. Nesse pequeno largo, existiam postes de madeira, ligados entre si por fios cheios de bandeirinhas multicores, que me pareciam de papel. E ali, nesse largo, umas dez crianças, aproximadamente, brincavam com uma pequena bola, fazendo grande algazarra. Olhei para a porta da igreja, ansioso de ver também alguma coisa escrita, parecendo-me divisar qualquer coisa, inclusive algarismos, mas sentia-me já cansado e instintivamente desejei acordar, o que me aconteceu imediatamente, ficando eu com a impressão muito nítida e viva de tudo quanto observara. Hoje, passados tantos anos, a recordação não mais é precisa, mas lembro-me ainda das cogitações que fizera. Tudo me parecera absolutamente imprevisto. Admitia então que, se em verdade aquilo não fôra o resultado de uma auto-sugestão, para a qual não houvera motivo, ou causa aparente, teria sido, realmente, um desdobramento do meu espírito. Aliás, acordara com a respiração muito tênue, porém não ofe-

gante. E tudo quanto eu observara me parecera de uma realidade material indisfarçável, mas se assim era, perguntava eu, como e por que se teriam modificado as letras da placa, e só essas letras? Se tudo eu fixava com interêsse, por que só as letras sofreram alteração? Teria sido a intervenção de fôrças estranhas para me facilitarem a leitura de uma escrita talvez por mim desconhecida? Ou tudo teria sido o fruto inconsciente e exclusivo de minha imaginação?

Tôdas essas questões, que me surgiram precipitadas ao espírito, exigiam de mim maior análise, melhor observação quando, de futuro, se oferecessem novas oportunidades para tanto. Evidentemente, apresentava-se a alternativa indisfarçável: ou eu apenas sonhava e imaginava e, nessas condições, nenhum interêsse prático teriam êsses acontecimentos, senão para revelar, talvez, a existência de uma psicose, ou, então, ocorriam realmente comigo os chamados fenômenos de desdobramento espiritual e, se assim fôsse, cumpria-me observar as condições em que os mesmos se realizavam, para tirar dessa observação todos os elementos úteis que permitissem a investigadores curiosos, conclusões de ordem científica e prática.

Animado por essas preocupações, comecei a agir cuidadosamente, por ocasião dos desdobramentos posteriores. E, com o desejo de investigar, comecei a atentar melhor para as circunstâncias em que êles ocorriam. Assim, esforcei-me por ver o meu corpo material e examinar as relações entre êste e o meu "Eu", isto é, a minha personalidade, que passeava, ou supunha passear. Como já disse anteriormente, até então sempre eu dava acôrdo de mim, naquele estado de desdobramento, em algum lugar distante, ou, mesmo, em algum cômodo de minha casa. Propus-me, pois, em tais ocasiões, voltar para junto do meu quarto e observar o que se me apresentava. Porém, tôda vez em que assim procedi, ao aproximar-me de meu quarto, mal eu ingressava neste, logo acordava. Pouco depois, porém, comecei, no momento de realizar-se o desdobramento, a encontrar-me em meu próprio quarto, mas, ao aproximar-me de meu leito, breve acordava, o que não impedia que eu visse o meu corpo deitado sôbre a cama e notasse a posição em que o mesmo se achava, bem assim a coberta, para conferir, depois de acordado, se as posições coincidiam. As verificações feitas foram sempre satisfatórias, pois coincidiam. Afinal, um dia, de um dos cantos do quarto, notei que de mim saía uma espécie de cordão luminoso, que procurei observar melhor, segurando-o com as mãos. Notei que não era um simples fio, mas uma espécie de cordão,

a que se ligavam muitas bolas de tamanhos diversos, cuja apalpação me dava a sensação de que eu estivesse segurando tecidos macios e escorregadios que eram, ademais, fosforecentes. Assim, segurando em minhas mãos aquêle estranho cordão e puxando-o como quem puxa por uma corda, vi-me, de repente, junto à minha cama, onde notei o meu corpo material deitado de lado. Porém o cordão me ligava, isto é, ligava o meu "Eu", não ao corpo material, mas a um pequenino corpo cinzento, como se fôsse uma criança, que jazia atrás daquele. Procurei, então, examinar êsse pequeno corpo, mas mal eu me aproximei dêle, acordei. Ainda dessa vez, depois de acordar, verifiquei que a posição do meu corpo era a que eu vira antes.

CAPÍTULO

V

TODOS os meus esforços tenderam, daí por diante, no sentido de uma análise acurada das condições em que os fenômenos ocorriam.

A par da dúvida primitiva sôbre a natureza dos mesmos, havia já o conhecimento de circunstâncias excepcionais, que precisavam ser perquiridas.

Então, era possível ao princípio inteligente que nos anima separar-se de nossa própria pessoa, e, em seguida, continuar vivendo com as mesmas sensibilidades, com o mesmo sentimento de unidade? Ou tudo aquilo seria apenas a ação subconsciente do cérebro, sob a provocação de agentes já esquecidos, ou talvez de origem mórbida, dando asas à nossa faculdade imaginativa?

Tôdas essas questões eu desejaria resolver e iria procurar resolvê-las dentro das observações que me fôssem possíveis.

Já linhas atrás me referi ao aspecto de imprevisto com que fui obrigado a examinar certas situações. Tais imprevistos constituíram, para mim, a melhor fonte de informação sôbre a origem dos fenômenos, levando-me a admitir que no fundo dos mesmos não havia a mola de uma auto-sugestão, nem o renascimento de alguma idéia esquecida.

Alguns tempos após o falecimento de meu pai, ocorrendo um desdobramento, percebi, perto de mim, uma pessoa que eu não via e que, ao dar-me sua mão, me permitiu reconhecer, pelo tato, ser mão dêle, a qual eu estava habituado a ver e tocar.

Aquela pessoa, que admiti, pois, ser o espírito de papai, em um vôo rápido levou-me por sôbre a cidade, para um campo, por cima do qual comecei a deslisar, até atingir uma colina que, ainda voando, começamos a subir. Em dado momento, percebi, vindo em sentido contrário, andando por uma trilha que corria colina abaixo, dois homens, que caminhavam conversando animadamente e sôbre os quais passamos sem ser percebidos. Assim, atingimos o alto da colina, de onde se desfrutava larga paisagem, em cujo fundo se discer-

nia nitidamente, se bem que distante, o casario da cidade. A tranqüilidade, a quietude era tal, que o sentimento de um enorme sossêgo me invadiu todo, verificando-se um relaxamento no estado de atenção hiper-aplicada em que me achava. Natural e instintivamente, acheguei-me a um pequeno barranco, para nêle assentar-me, enquanto apreciava a paisagem. Fiz o gesto, mas enorme surprêsa senti quando verifiquei que eu não me assentava no barranco e apenas resvalava sôbre o mesmo. O meu corpo oscilou sôbre o barranco, como uma bola de guta-percha cheia de gás oscila sôbre uma superfície sólida, ao menor sôpro. Direi que a sensação que sentia não era a de quem descansa sôbre algum assento, mas a de quem resvala suavemente numa parede sem fazer pressão sôbre ela. Enfim, pairei na superfície do barranco, sem pousar sôbre o mesmo. À surprêsa, seguiu-se uma imediata interrogação no meu espírito, interrogação essa que meu pai deve ter percebido, porque sua voz — tão minha conhecida — se fêz ouvir, dizendo-me: "Então você não sabe que neste estado você não sofre a ação geocêntrica de atração da matéria?" A explicação esclareceu-me logo sôbre a causa da minha surprêsa, — naquele estado eu fugia, em parte, à gravidade terrestre, — mas aumentou também, em mim, a convicção de que o fenômeno tinha alguma coisa que fugia à área da auto-sugestão, visto como eu não pensara ainda sôbre a curiosa situação em que se veria um homem que perdesse o seu pêso no espaço.

Mais surpreendente, sem dúvida, foi o que ocorreu tempos depois.

Achava-me, então, no Rio de Janeiro, onde esperava ter que permanecer ainda por longo tempo, ou fixar minha residência. Procurando condições mais ao alcance de minhas possibilidades, deixara Copacabana para residir no caminho da Tijuca, num edifício de apartamentos, cuja construção estava sendo terminada. Tendo escolhido um apartamento térreo, não me foi necessário aguardar o término da construção do prédio, e, não obstante, ao mudar-me, verifiquei que já tinha vizinhos num apartamento térreo ao lado e num outro andar de cima. Todavia, por estranho que pareça, senti-me mal quando me vi instalado no apartamento, que possuia um estranho ambiente de hostilidade e tristeza. Na segunda noite em que lá dormi, como já era freqüente, vi-me, em espírito, em vários lugares, e, na hora de voltar, de acôrdo com o hábito que vinha adquirindo, esforcei-me para examinar os acidentes até o local em que se achava o meu corpo. Todavia, ao perceber êste, não pude deixar de manifestar minha estranheza,

porque, ao invés de ver ali os cômodos do apartamento para o qual mudara, vi uma grande sala, cheia de janelas, desprovida de móveis, tendo apenas, quase no centro, uma cama larga, estilo antigo, daquelas que em cada canto têm uma coluna torneada, que sobe, para formar, por cima do leito, um docel. Respondendo à minha surprêsa, uma voz disse ao meu lado: "Não estranhe; aqui é, de fato, a sua nova casa, mas o que você vê é o quarto da mãe do Sr. R., o proprietário do edifício, na casa antiga da mesma, a qual era aqui edificada". Satisfeito com a resposta, acordei, mas, impressionado com o incidente, na manhã seguinte comuniquei à pessoa que comigo morava, o que soubera naquela noite. Essa pessoa, uma môça de convicções materialistas e muito apegada às comodidades da vida, dessa espécie de gente que nem quer ouvir falar em assuntos que possam roubar a tranqüilidade de seu cômodo utilitarismo, ou que mostrem sôbre a vida um aspecto mais espiritual, riu-me na cara, chamando aquilo de baboseira. Entretanto, mal passada uma semana, ao chegar em casa, encontrei essa pessoa emocionada, vindo contar-me o seguinte: poucos momentos antes o Sr. R. estivera no prédio vendo o andamento das obras e, ao passar sob a janela da vizinha do andar de cima, janela essa que dava para os fundos do nosso apartamento, entretivera com aquela vizinha uma pequena conversa, no curso da qual essa senhora lembrara que os proprietários de hoje são mais felizes do que os antigos, visto como onde êstes só tinham uma casa para alugar, aquêles têm agora várias casas. A essa observação o Sr. R. respondera concordando e referindo o seu próprio caso como um exemplo eloqüente. Dissera, então, que naquele local existira a casa de sua mãe, uma construção muito sólida, tanto assim que o próprio alicerce pudera até ser aproveitado em parte, mas construção inadequada, pois a frente tôda do prédio, que hoje era ocupada pela entrada e os dois pequenos apartamentos fronteiros à rua, era tomada por uma só sala, enorme, que servia de quarto de dormir para a velha.

A partir dessa data, confesso, comecei a emprestar a tudo quanto observava nos meus desdobramentos, muito maior credulidade.

Aliás, para reforçar a convicção, que em meu espírito se ia formando, de que os desdobramentos tinham um cunho de indisfarçável realidade, no sentido de uma exteriorização consciente do meu "Eu" e um abandono integral do corpo, ocorreu, logo mais tarde, outro caso bastante impressionante para mim.

Já me transferira novamente para São Paulo, mas as dificuldades que encontrei para construir a minha vida em condições condizentes com as minhas necessidades eram grandes. Aumentando as minhas preocupações, avultava a circunstância de a companheira que trouxera do Rio não se conformar com a vida reclusa, despida de atrativos, que o tumulto e o trabalho em que a gente se esgota na capital paulista nos traziam. Sob as instâncias dela, cheguei a meditar sèriamente sôbre a conveniência de voltar para o Rio, não obstante, à primeira vista, nada enxergasse nessa cidade que pudesse facilitar-nos a vida.

E uma noite em que muito pensei no assunto, de madrugada, senti-me levado pela mão de meu pai, que eu sòmente percebia mas não enxergava, até um local onde se desenrolou, sob meus olhos, uma sucessão de cenas, que reproduziam momentos de grandes infelicidades para um môço, que era como se fôsse eu. Para confirmar, ao terminarem as cenas, a voz suave e pausada de meu pai disse-me: "Vê, meu filho? Se você vier para o Rio, tudo isso lhe acontecerá". Não obstante sentisse a mão de papai, reconhecesse a sua voz e me houvesse emocionado com o que vira, uma enorme dúvida existia ainda em meu espírito, e não me contive que não respondesse: "Mas será possível? E que lugar é êsse?" Papai, certamente, penetrara bem no fundo da minha dúvida, pois, com o mesmo tom de voz, me disse: "Não crê? Então venha comigo". E arrastando-me por várias ruas, levou-me até uma em que, por cima de um muro de pedras, através das ramagens das árvores plantadas junto ao muro, divisei, iluminada, a figura acolhedora do Cristo sôbre o Corcovado. A surprêsa e a emoção que senti foram tais, que pedi a Papai para eu acordar logo e pedi-lhe mais que não me deixasse esquecer aquilo que me mostrara, depois que eu acordasse. Cortando o espaço, sempre trazido pela mão de meu pai, cheguei até junto de meu corpo, e, nesse momento, abraçando papai, cujo corpo continuava a não ver, mas a sentir sòmente, instei com êle para que me avivasse na memória, enquanto eu acordava, aquelas cenas tôdas que eu vira. A sua voz suave e pausada foi-me repetindo: "Não receie, meu filho, que você não se esquecerá". Ainda quando já me achava acordado, mas imóvel, o sussurro de sua voz amena repetia em meus ouvidos aquelas palavras, que eram um apêlo e uma advertência. A emoção em mim causada foi tão grande que não me contive e levantei-me em seguida, e até o romper do dia não mais me animei a deitar-me.

Tempos depois, estando de passagem no Rio, esforcei-me em procurar o local em que teria visto o Cristo no Corcovado, local êsse que profundamente se gravara na minha lembrança. Não me foi difícil. No caminho do Jockey Club, encontrei aquêle muro de pedra que eu vira e, atrás dêle, aquelas mesmas árvores copadas, entre cujos ramos, a pedaços, via-se branca, sôbre o céu azul, e acolhedora, a figura comovente de Cristo, com os seus braços abertos.

CAPÍTULO VI

CONFESSO que essas ocorrências me foram conduzindo progressivamente à convicção de que naqueles fenômenos havia uma parcela considerável de realidade, já que freqüentemente correspondiam a fatos e coisas que, objetiva e materialmente, podiam ser verificados. Não obstante ainda devesse admitir que para a verificação de tais fenômenos talvez contribuisse alguma circunstância estranha, desconhecida, indiscutível me parecia agora que êles tinham uma conexão com fatos, com coisas de natureza objetiva, real e não apenas subjetiva.

Aliás, não se poderia dizer que tais fatos ou coisas objetivas funcionassem apenas como excitante e causa de tais fenômenos. Não, êles eram encontrados por ocasião do fenômeno e o meu espírito, no estado em que então se achava, os reconhecia, identificava-os da mesma forma como com os seus cinco sentidos o corpo material reconhece e identifica os objetos materiais, luminosos, sonoros, etc. E, reconhecendo e identificando tais fatos ou coisas, o meu espírito ia além, na percepção das qualidades ou singularidades dos mesmos, do que me seria possível com os cinco sentidos apenas. Êle estabelecia relações entre êsses objetos e fatos outros dependentes ou ligados a tais objetos e que me eram, antes, completamente desconhecidos, embora certos. Aliás, com o transcurso do tempo, outras manifestações de exteriorização fui tendo que me revelaram que não sòmente as percepções que eu tinha nesse estado se relacionavam a coisas objetivas, de ordem material, perceptíveis de todos, como também se relacionavam com uma segunda ordem de coisas que, não obstante de aparência absolutamente material, eram só perceptíveis naquele estado. Essas segundas, como se fôssem absolutamente materiais, me afetavam a vista, o tato, o olfato, o gôsto e o ouvido, e no entanto, ao acordar, não me eram mais perceptíveis.

Vários casos posso citar que, melhor do que as palavras, esclarecerão essa afirmativa.

Uma noite, sentia-me em estado de quase exteriorização, com o corpo rígido, respiração tênue, já percebendo, não obstante achar-me com os olhos fechados, os móveis do meu quarto, e então noto que se aproxima de mim a figura daquela companheira, de quem já me separara, e que passa ao meu lado como que sem ver-me, não obstante me parecesse estar à minha procura. Ao passar êsse espírito por mim, fico surpreendido sentindo fortemente o perfume que essa pessoa usava. Curioso por verificar se a eventual presença do perfume sugerira a imagem, esforço-me por acordar, o que faço imediatamente e, acordado, já não sinto mais cheiro algum. O quarto estava tranqüilo e nada de mais se notava.

Outra noite, perambulava o meu espírito por uma rua de uma pequena cidade, de casas baixas e simples, que me parecia muito minha conhecida. A rua estava absolutamente tranqüila e apenas, na esquina de que me aproximava, duas crianças conversavam. Naquela quietude envolvente e acolhedora, senti-me enlanguecido e num dêsses gestos que se tem quando se termina uma grande caminhada, insensìvelmente me abaixei e, fitando os dois meninos que se achavam adiante, aproximei-me do solo, como que para deitar-me ali. Todavia, senti o cheiro forte da terra ligeiramente umedecida por um chuvisqueiro que devia ter caído pouco antes. Imaginando logo que talvez, na realidade, estivesse chovendo e o vento trouxesse até o meu corpo, no meu quarto, o cheiro da terra molhada, procurei acordar, o que fiz, podendo verificar, porém, que tudo estava quieto no meu quarto, que não havia nenhum cheiro especial e que, fora, não chovia, estando até uma noite clara, enluarada.

Em uma outra noite, em que me deitara cansado e meio adoentado, senti-me levado para uma espécie de laboratório e, em dado momento, vi em minhas mãos uma flor, cuja polpa tive a intuição de que devia comer. Procurei mastigá-la e a senti desfazer-se enquanto um sabor suave e estimulante se me espalhava na bôca. Como de outras vêzes, procurei acordar, o que fiz, porém nada que se assemelhasse àquele sabor continuava sentindo. Apenas um enorme bem-estar geral me animava, em contrário à indisposição com que me deitara.

Noutra ocasião, transcorreu o desdobramento de forma muito curiosa, que merece relato mais pormenorizado.

Vi-me, primeiramente, em uma extensa rua, em que se alinhavam portas, pelas quais entravam e saíam pessoas, de que a rua estava cheia. Tive a percepção de que todos buscavam, atrás daquelas portas, aquilo que na vida constitui um

anseio: o prazer. Porém logo me senti levado daquele lugar pelo espaço afora, até atingir uma praça arborizada, em cujo extremo dois edifícios enormes se levantavam. Um, de aparência sombria, era de construção artística, caprichada e dava a idéia de que seus compartimentos internos eram precedidos por um monumental vestíbulo, que de fora se percebia por causa de uma grande abóboda, que o recobria. Externamente, chegava-se à entrada dêsse vestíbulo por uma grande escadaria ladeada por dois robustos corrimãos de pedra lavrada, encimados, no lance inicial, por dois enormes leões de mármore. O outro edifício, de tamanho quase igual ao primeiro, era de construção singela e sua entrada era uma porta comum, de proporções aumentadas, encimada por uma platibanda, em que se alinhavam estátuas em tamanho natural. Desejei penetrar nesse segundo edifício, porém, ao invés de endereçar-me à porta, senti-me conduzido para uma janela que ladeava a platibanda.

À minha frente, abriu-se a janela e o que se me apresentou me fêz parar estarrecido e desejoso de não continuar: nevoento, pesado era o ambiente que se apresentava à minha frente e nêle eu via, como se fôsse num corredor, instalados em espécies de beliches superpostos, homens e mulheres, na maioria velhos, cujas fisionomias abatidas, enfermiças, expressavam tôdas, sem exceção, cinismo e depravação. O ambiente era enervante e me angustiou, motivo por que recuei ante a janela e fiz menção de afastar-me, o que me foi fácil. Alguém, que me acompanhava, explicou-me que eu vira um sanatório a que recolhiam os espíritos que se haviam extenuado no anseio de prazeres sexuais ou paixões eventuais e que ali se retemperavam e eram corrigidos, para poderem iniciar novas peregrinações. Afastei-me e segui por uma rua triste e abandonada, que partia de entre os dois grandes edifícios. Surpreendeu-me que essa rua fôsse ladeada por dois altos muros brancos, um dos quais — o da esquerda — a meio do caminho, possuia um grande portão de ferro, ao qual se podia chegar subindo dois ou três degraus, dando idéia de uma entrada de cemitério. Não obstante estivesse essa rua por tal forma abandonada que crescesse em tôda ela uma grama densa, pela mesma ziguezagueava um trilho. Mais adiante, por êsse trilho, caminhavam, num entrechocar de sinetas, dois vultos que, pela formação, davam a idéia de esqueletos de rezes feitos de madeira. Ao fim dessa rua, achava-se imóvel e encapotado um vulto alto. Esquivando-me dêsse vulto, mas olhando-o sempre, aproximei-me da esquina, colado ao muro da direita, e, ao chegar ali, recebi sôbre a

nuca, como que vindo da rua transversal, um vento muito frio, gelado. Acorreu-me, então, a idéia de que talvez, nesse momento, no meu quarto, a janela se tivesse aberto e o vento da manhã, insinuando-se pelas cortinas e cobertas, me houvesse atingido a nuca, provocando, como reflexo, aquela sensação de frialdade sôbre a nuca daquele "Eu", que devia ser a minha alma ou uma ilusão do que me parecia a alma. Desejei então acordar para verificar a coincidência e fiz isso depressa, porém, acordando, verifiquei logo que tudo no quarto estava tranqüilo; fora, não se ouvia barulho algum de vento, e nem sequer era possível que qualquer vento me houvesse atingido na nuca, porque a minha posição na cama — deitado de costas — não o teria permitido, dada a forma como estava eu abrigado.

* * *

Aliás, preciso dizer que, com a freqüência do fenômeno, fui sentindo maior desembaraço quando o mesmo ocorria e houve tempo em que pude, senão provocá-lo, pelo menos acompanhá-lo desde o início. Inúmeras vêzes, ao verificar-se o fenômeno, esforçava-me por acordar, o que logo conseguia, e em seguida mantinha-me na mesma posição em que acordara, e me esforçava para recair no estado de exteriorização. Confesso que, de início, me foi difícil, porque a excitação da curiosidade me roubava a serenidade, sem a qual o fenômeno era impossível. Breve, porém, consegui realizar, nessas condições, a exteriorização, que me permitiu observações bem curiosas. Conseguia, com certo custo, deslocar o braço espiritual e êle fàcilmente atravessava as cobertas que cobriam o meu corpo. Como o fato sempre ocorria de madrugada, eu, através das minhas pálpebras semicerradas, via, no lusco-fusco do amanhecer, o meu braço atravessar as cobertas e, em seguida, levava a minha mão em direção à janela do quarto, podendo, assim, através de minha mão, ver as cortinas da janela e os detalhes desta.

Levava essa mão espiritual sôbre o meu rosto e, então, sentia um contacto "sui-generis", pois me parecia que aquela mão era de uma substância froculosa, que não oferecia resistência alguma. Pela mão, porém, eu sentia, nessas ocasiões, que a minha mão efetiva era aquela que se agitava imponderável, ao passo que a outra, que jazia inerte sob as cobertas, parecia-me nada ter comigo e ser até corpo estranho.

Da mesma forma que com as mãos, fazia, às vêzes, com os pés e a própria cabeça. Porém, com esta, dava-se freqüente-

mente a circunstância de, ao conseguir deslocá-la, ouvir vozes, rumores no quarto ou em cômodos vizinhos e, mesmo, perceber sombras que deslisavam pelo quarto, coincidências essas que, a princípio, me faziam retrair-me e com as quais, posteriormente, me acostumei.

Nessas condições acima apontadas, fácil se me tornava deslocar todo o meu espírito do meu corpo, ou então acordar de vez. Para um perfeito contrôle dêsses fatos e para verificar se não estava sendo vítima de sugestão quando acordava — o próprio ato de acordar podia eventualmente ser apenas na imaginação, — a princípio me movimentava e depois cheguei até a levantar-me, ir ao banheiro e mesmo acordar minha espôsa, ou fazer anotações, para, em seguida, passados alguns minutos, reencetar a experiência.

CAPÍTULO VII

Os fatos narrados no capítulo anterior e outros mais que fui observando me revelaram progressivamente, de maneira absolutamente concludente, que o meu "Eu", que se distanciava do meu quarto de dormir, levava consigo a minha personalidade. Que o meu corpo inerte, no quarto, nada mais significava de mim; que tôdas as emoções e sensações que eu sentia nesse estado eram absolutamente semelhantes às que eu teria se estivesse acordado, acrescidas ainda de outras peculiares a êsse estado. Daí, nasceu em mim o desejo de observar melhor o que ia vendo, porquanto nítida me surgiu a conclusão de que era um nôvo mundo, que só seria possível conhecer ou quando estivesse morto ou quando em estado especial de transe, que poderia ser anormal — por não ser comum — mas que constituiria a senha mediante a qual uma pessoa viva poderia conhecer realidades que não podiam ser percebidas através dos cinco sentidos comuns aos homens, e que nem por isso deixavam de existir ao lado das realidades que êsses homens percebiam com os seus mencionados cinco sentidos.

Verifiquei, então, que um ou mais mundos se justapõem ao mundo físico em que vivemos, mundos êsses construídos à semelhança do nosso, provàvelmente da mesma única e primitiva substância que integra todos os corpos e tôdas as matérias no universo, sòmente que em densidades variáveis, de forma tal que o próprio espírito, variando na densidade de seu corpo, pode identificar-se com as densidades de cada um dêsses mundos, comunicando-se com êles e vivendo nêles como vivemos neste mundo em que o veículo do espírito é o corpo humano. Dêsses mundos de menores densidades é possível perceberem-se os fenômenos de mundos de maior densidade, porém o inverso, para acontecer, exige a satisfação de condições, de requisitos especiais, que são entre nós conhecidos como qualidades mediúnicas.

Essas conclusões minhas resultaram de muitas observações.

Freqüentemente, ao deixar o meu corpo, eu o fazia notando todos os acidentes que o rodeavam e que eram os mesmos que eu observava quando acordado. Assim, além do meu corpo deitado sôbre a cama, eu distinguia essa cama perfeitamente, bem como as cobertas, o guarda-roupa, a camiseira, as cortinas, a janela, etc., e fora do meu quarto encontrava tudo quanto nos seus lugares efetivamente existia. Outras vêzes, porém, ao invés de, ao sair, notar aquilo que materialmente ali se encontrava, outras coisas e objetos via no meu quarto, coisas e objetos que nunca vira em qualquer lugar, menos ainda no meu referido quarto. Aliás, com o tempo, eu pude notar que o meu próprio espírito variava em densidade quando eu saía do meu corpo.

Inúmeras vêzes, na vida, modificamos hábitos, estados de ânimo, propensões e disposições psicológicas, quer em conseqüência de acontecimentos especiais de nossas existências, quer em virtude de novas condições de vida, ou de novas convicções, de novos hábitos, etc. Porisso, não é de estranhar que, se em alguns períodos de minha vida os meus hábitos têm sido exemplares, em outros eu tenha vivido de maneira bem merecedora dos reparos de um moralista.

O interessante, porém, é que as modificações ocorridas em meus hábitos afetaram profundamente as condições em que se realizavam as exteriorizações.

Recordo-me, de maneira precisa, de uma época em que, enredado em aventura com certa mulher muito sensual, dei livre expansão aos meus desejos sexuais. Verifiquei, ao fim de algum tempo, inopinadamente, que, ao ocorrer o fenômeno, eu já não conseguia, como antes, fàcilmente ascender no espaço. Sentia o meu corpo espiritual mais denso, pesado. Pouco depois, uma outra experiência desagradável me aguardava. Ao sair do meu corpo, o meu espírito nem ao menos conseguia manter-se ao nível daquele, porque descia para porões e subterrâneos escuros, em que encontrava inúmeros outros espíritos que possuiam, porém, fisionomias grosseiras, deformadas. Já não via, nem percebia, como dantes, paisagens distantes e formosas, horizontes iluminados, ambientes suaves e tranqüilos, mas, ao contrário, recantos e corredores escuros, ensombrados, ambientes densos e inquietantes. A minha angústia, em tais ocasiões, era de tal ordem que freqüentemente, no início das manifestações, já eu me esforçava para acordar, o que me custava sempre um pouco. Como é natural, ansiava, então, por ocorrerem os fenômenos como ocorriam antes, mas inùtilmente.

Sentia que as condições dos fenômenos dependiam das minhas condições de vida e, lògicamente, no íntimo, desejava modificá-las. Afinal, essas condições de vida consegui ir modificando, porém só muito vagarosamente também se foram modificando as circunstâncias que rodeavam a exteriorização. Recomecei a andar fora de subterrâneos, mas sentia o corpo pesado, como se carregasse uma armadura e o meu rosto duro e convulsionado, como se trouxesse sôbre êle uma pesada máscara de barro. Aliás, essa comparação não é despropositada, porquanto numa das exteriorizações seguintes senti que devia levar as mãos ao rosto e, ao fazer isso, fiz em pedaços uma crosta dura que o cobria e que enrijecia as minhas feições. Noutras saídas seguintes, já pude percorrer de nôvo o espaço como se, porventura, me tivesse eu tornado mais leve.

Aliás, sôbre a possibilidade de o espírito, nesse estado, ir até certo limite no espaço, fiz algumas experiências, das quais duas passo a relatar.

Uma ocasião, deslisava eu por sôbre um extenso areal, aproximando-me de uma casa branca, cercada de umas poucas árvores. Em dado momento, desejando ver mais distante que possível me fôsse, esforcei-me por elevar-me no espaço, como quem dá um grande salto. Realmente, subi no espaço até uma altura que me pareceu elevada, até um ponto que, por mais esfôrço que fizesse, não conseguia ultrapassar, pois, ao atingi-lo, eu me senti pesado e cansado. Mal o atingi, comecei a cair e na queda fui abaixo do ponto inicial, atingi o chão e mergulhei na terra. Ao mergulhar na terra, senti escuridão, ambiente pesado e angustioso. Logo depois, subi, retornando ao ponto inicial. Pareceu-me que eu fizera como essas pequenas bolas presas a elásticos, que são jogadas ao ar, porém não vão além do que o elástico permite e que, ao retornarem, descem em sentido contrário, até onde o elástico cede, para serem de nôvo recolhidas no ponto de partida.

De outra feita, caminhava em uma rua estreita, feia e sombria, entre casas velhas, que me pareciam altas. Tive, então, o desejo de subir por uma delas, o que me pareceu fácil, porquanto só o apoiar-me com as mãos sôbre a superfície das paredes já me dava a sensação de firmeza, bastando-me, para subir, eu ir pondo minhas mãos cada vez mais alto. Assim fui fazendo até um ponto em que senti que se tornara difícil subir mais, porquanto me parecia que eu adquirira pêso e uma fôrça elástica me puxava para baixo. Porém esforcei-me bastante e consegui elevar um pouco mais a mi-

nha cabeça, que emergiu sôbre uma superfície em que se desdobrava uma paisagem tôda ensolarada, e vi, então, a distância, em um campo, uma pequena e humilde casa, banhada de sol. A sensação que me causou essa paisagem luminosa e tranqüila foi inefável. Porém o esfôrço me cansou e tive que ceder à pressão que sentia e desci de nôvo até aquela rua estreita e feia, ladeada de casas velhas, que me pareceram, então, mais tristes do que antes.

Além dessas duas experiências, uma outra tive que me fêz concluir da possibilidade de o espírito mudar de plano e, de um plano superior, apreciar as ocorrências no inferior.

Uma noite, após a minha saída, tive curiosidade de encontrar o espírito de uma pessoa muito minha amiga e fazer-me reconhecer. Manifestei essa intenção com insistência e senti que atendiam ao meu pedido, quando me vi impelido para baixo, como se mergulhasse na terra. Logo, encontrei-me numa espécie de câmara, em que se viam inúmeras mulheres, que se penteavam ou se arrumavam em frente a espelhos. Entre aquelas mulheres, vi a pessoa que eu procurava encontrar e dela me aproximei. Todavia, foi inútil dirigir-me à mesma, porque, contràriamente ao que eu podia esperar, o espírito dessa pessoa não me reconheceu, por mais que eu insistisse, não obstante devesse estar-me vendo como eu devo ser acordado. Desanimado e movido pela curiosidade, ainda desejei conhecer o local em que me encontrava e comecei a percorrê-lo. Assim é que, saindo daquela câmara, passei por vários cômodos, até chegar a um grande salão, regorgitando de gente, onde havia jogos de várias espécies. Continuando, passei para outro salão, desejoso por abandonar o local. É conveniente esclarecer que aí, entre aquêles espíritos, eu me sentia como me sinto quando em estado de vigília. Tudo e todos afetavam a minha vista, os meus ouvidos, o meu olfato, o meu tato, como se fôssem coisas absolutamente materiais e viventes. Assim, avizinhava-me, caminhando, do outro extremo do salão, quando uma mulher, vestida com roupas de "soirée", se aproximou de mim e me segurou como quem desejasse abraçar-me. Tentei esquivar-me, ansioso por retirar-me e aproximei-me da porta que dava para um pequeno vestíbulo. Ao chegar à porta, a referida mulher, que ainda me agarrava pelo pulso, fêz um sinal a um homem que ali estava como que de guarda e lhe pediu que a ajudasse a reter-me. Aquêle homem perguntou-me quem eu era e eu lhe disse um nome qualquer, que não o meu. Indeciso, dito homem aproximou-se de um outro, alto e forte,

que se entretinha num grupo de outras pessoas. Aproveitei-me da oportunidade e senti que, auxiliado por fôrças estranhas, conseguia desembaraçar-me da mulher e esquivar-me sorrateiramente por trás do grupo até a saída que dava para um corredor descoberto, entre duas altas paredes, que ia ter a um pátio interno fechado. Todavia, quando transpunha a porta externa, ouvi, atrás de mim, que diziam que eu fugira e, ainda, que corriam várias pessoas para pegar-me. Confesso que, apesar de saber que estava em espírito, cheguei a afligir-me, pois ignorava o que poderia acontecer, mas alguém me disse que nada temesse, e logo em seguida notei que o meu corpo se rarefazia, se tornava mais leve e tive a impressão que só uma coisa vivia em mim: a vista. Assim foi que vi pelo corredor descoberto vir avançando um grupo de quatro ou cinco homens armados de pequenos "casse-têtes", enquanto alguém dizia: "Êle correu por aqui e nós podemos apanhá-lo já, pois não tem saída". Nisso, um vulto passou pelo pátio e todos imediatamente correram para êle, procurando detê-lo, mas o vulto se desfêz entre as pessoas do grupo, o que muito as assustou, deixando-as surprêsas. Ouvi que diziam não compreender como eu sumira e que melhor era desistirem de procurar-me. Todos concordaram e retornaram, passando aos meus pés sem enxergar-me. Mal êles se retiraram, senti que me seguravam e, num relance, me traziam até o pé de minha cama, onde fácil me foi acordar.

Concluí, também, nessa ocasião, que os nossos espíritos, enquanto dormimos, vão para os lugares e para os ambientes que mais os atraem ou sugestionam, ou ainda, mais conformes com as suas tendências inconscientes e ali passam a noite, organizando, no plano que lhes é permitido freqüentar, de acôrdo com a sua elevação ou pensamento habitual, as condições normais de vida a que estão acostumados, ou que desejariam viver acordados, reproduzindo os mesmos hábitos, os mesmos vícios, as mesmas fraudes, os mesmos crimes, as mesmas virtudes, os mesmos sacrifícios a que estão acostumados na vida, ou pelos quais têm pendores, vivendo, nesse estado, em promiscuidade com os espíritos afins de pessoas já mortas. A única forma de libertar-se o espírito dessa rotina é, através da elevação de suas virtudes, o alcance da sabedoria, que lhe permite o pleno conhecimento das condições em que se verificam êsses fenômenos, permitindo-lhe então, mercê das fôrças psíquicas de que disponha, em virtude das suas qualidades morais, procurar o ambiente mais adequado à realização de seus objetivos, com

absoluta independência em relação às fôrças que dominam e escravizam o espírito inferior, ou não esclarecido.

Em conclusão, para mim, no universo, os mundos se escalonam em planos sucessivos, que se estratificam pela densidade, de tal forma que os mais atrazados, mais impregnados de eflúvios materiais, grosseiros, se acomodam mais baixo, enquanto os mais puros, mais delicados, mais etéreos se superpõem aos primeiros sucessivamente. As almas, quando dormem os corpos, ou êstes se acham mortos, ou inanimados por qualquer circunstância, deslisam para o plano que lhes é próprio, não só porque as atraem as afinidades dêsse plano, como também porque as repelem os planos com que não se identificam os seus pensamentos, emoções, tendências. É como o gás que sobe até o limite da sua densidade ou a substância mais densa que mergulha no líquido até o nível que lhe compete, ainda de acôrdo com a mesma lei.

Assim, da superfície do mundo, sobem para o espaço e se estratificam também pela terra a dentro os planos sucessivos pelos quais o espírito passa quando desembaraçado do corpo, até que, livre, em definitivo, pelo seu progresso, pela sua evolução moral, das gangas materiais que o revestem e imantam a substância constitutiva do seu corpo ao plano que lhe é afim (desempenhando, para êsse efeito, a função de lastro sôbre o espírito), possa, em definitivo, fugir das superfícies dos mundos atrasados e alçar-se a regiões mais sutis, cheias de luz, onde se inicia no estudo e compreensão metódicos da grande organização do universo, para que sirva depois como guia seguro das multidões de almas que se prendem ainda às regiões inferiores do espaço.

Só quem tenha tido o ensejo das ocorrências estranhas aqui relatadas pode ter uma idéia do que possa ser essa transmigração sucessiva de um para outro plano. Cada um dêles, especialmente os que mais se avizinham da superfície do nosso mundo e recebem as miríades de espíritos dos bilhões de homens e mulheres que têm vivido presos a emoções e sentimentos peculiares às rotinas da nossa vida e permanecem séculos no espaço, tem multidões de vultos e sombras, que se ombreiam na convicção de que desempenham uma relevante função no universo, onde não passam de figuras frágeis e ineficientes, até que se transformem pelo esfôrço, pelo sacrifício e pelo amor, acrisolados por duras provas, em ativas fôrças de luz.

CAPÍTULO VIII

JÁ nos capítulos anteriores referi várias modificações que fui notando, progressivamente, na forma do meu corpo, ou melhor, do corpo do meu espírito, quando em saída pelo espaço. Realmente, foi sempre êsse um detalhe sôbre que procurei fazer observações, isso porque, logo nas primeiras vêzes que me vi fora do meu corpo, notei-me com o pijama com que dormia, ou então com uma capa espanhola, um ponche, que habitualmente deixava nos pés de minha cama. Quanto ao meu físico, era êle normal. Depois observei, quando comecei a peregrinar por subterrâneos lôbregos, que a minha fisionomia devia ser deformada como aquelas que eu notava, pois eu a sentia grossa, dura, como se fôsse de uma máscara feia, angulosa, e além disso, às vêzes, via-me sujo e enlameado. Certa vez em que vinha percorrendo o espaço por uma rua em que se estendiam de ambos os lados muros, atrás dos quais se elevavam árvores, ao aproximar-me de dois indivíduos que vinham conversando pela calçada, em sentido contrário ao meu, percebi uma transformação do meu corpo e, como se eu fôsse um morcêgo, adejei ao lado daquelas duas pessoas que caminhavam serenas, e, depois de tê-las ultrapassado, senti retornar à minha forma natural, e assim continuei pelo espaço até atingir minha casa e acordar. Além disso, várias vêzes o meu espírito passou por lugares em que sua imagem se refletia e pude notar que meu rosto estava inteiramente diferente do que me era próprio. Uma ocasião, por exemplo, em que fui pôsto perante uma espécie de espelho, vi, surprêso, refletida neste, a cara de um chinês, de rosto gordo e rabicho, além da vestimenta característica.

Durante muito tempo indaguei sôbre se, eventualmente, em tais oportunidades, o meu espírito estaria adotando as formas e aspectos que teria tido no passado, porém, hoje, penso de forma diferente. Creio mais que, de acôrdo com os nossos pensamentos, com as nossas propensões, emoções, desejos, curiosidades, enfim, de acôrdo com determinantes mais acentuadas do momento, o espírito se adapta às circuns-

tâncias do ambiente para o qual se transportou por afinidade. Pode ocorrer ainda que, dando expansão a um sentimento ou a uma emoção, o espírito assuma certa forma sob a qual aquêle sentimento ou aquela emoção melhor se expanda. Independentemente disso, ainda há, ou deve haver, para o espírito, a possibilidade de transformar-se e adotar a forma que mais deseje ter no momento.

Tudo isso é possível, porque o que vale, o que subsiste é a individualidade, núcleo indissolúvel de cada um. A forma é como um vestido, ou uma fantasia, que o núcleo adota, quando age conscientemente, ou de que é dotado, quando sofre, inconscientemente, as conseqüências das suas emoções, dos seus pensamentos, dos seus sentimentos, etc.

Evidentemente, à medida que a alma evolui, ela se liberta das formas inferiores e adota, então, formas mais delicadas.

Comigo, além das formas atrás referidas, já me vi, uma vez, sôbre um enorme deserto, em que ardia um sol muito claro, na forma de um homem absolutamente simiesco. Era quase um grande macaco, de longos braços a resvalarem pelo chão, de andar largamente balanceante, como quem deseja escorar-se nas mãos para caminhar com as pernas, e coberto por um pêlo curto e branco. O silêncio que me cercava era enorme e enquanto eu me examinava, pensava comigo que aquela forma eu a devia ter tido há milhares de anos atrás.

Em contraposição, nas ocasiões em que alimento aspirações elevadas e em que minha vida se orienta com esforços empenhados em preocupações nobres, tenho notado que do meu próprio espírito se desprende luz. Assim é que, ao deixar o meu corpo, vejo, na penumbra do meu quarto, que se desprende luz do meu espírito, e ao aproximar-me de outros espíritos, observo em como êles me olham e me consideram, sendo que alguns, mesmo, se referem ao fato. Também tenho encontrado espíritos que, ao invés de cabeça, trazem sôbre os ombros uma forte auréola. Outros espíritos encontrei que não se deixam ser vistos, mas irradiam tanta luz que clareiam o local em que o meu espírito se encontra e projetam a sombra dêste sôbre o chão ou sôbre a parede. E freqüentemente, quando outros espíritos que me acompanham desejam que eu veja como estou trajado, ou qual a minha forma, noto que uma luz dêles se projeta e a minha sombra então se estampa em negro sôbre o fundo luminoso que clareia o chão ou uma parede.

Tudo isso me tem feito admitir claramente que no espaço a forma é um acidente muito precário. A cada espírito é

possível assumir a forma que deseje, mas antes que isso possa acontecer, cada espírito tem que adotar, sem o perceber, a forma determinada pelas suas emoções ou pensamentos dominantes. Se êstes são materiais, terrenos, grosseiros, a forma é animal, grosseira, sujeita a tôdas as contingências da matéria. Se, porém, são êles delicados, a forma humana subsiste e daí o espírito ascende para outras mais delicadas, como a de um anjo, — que já vi nas minhas peregrinações, — ou um simples foco de luz.

* * *

Aliás, um sentido em que deve processar-se também a evolução da alma, é, a meu ver, o da formação de uma individualidade forte, capaz de reagir contra o meio que a cerca, e de impor-se pelas suas qualidades, ou virtudes. Para isso, terá ela que vencer, primeiramente, o mêdo, que é uma emoção aniquiladora da personalidade e que a reduz à situação de prêsa passiva das emoções e das reações puramente animais. O efeito do mêdo no espírito eu o pude notar em várias ocasiões, quando se me foi tornando possível notá-lo em outros espíritos. Isso porque, a princípio, ao divisar algum vulto obscuro ou sentir um ambiente angustioso, ao mesmo tempo que me assediava o temor, eu me esforçava por acordar, o que efetivamente fazia. Percebia, em tais ocasiões, que após a minha retirada vergonhosa, um sentimento de reprovação me cercava, como que partido de pessoas que me estavam acompanhando. Por isso, gradativamente, compreendi que devia animar-me a resistir ao temor e adquirir audácia. Notei, então, que me submetiam a provas. Recordo-me, nìtidamente, de uma ocasião em que me senti conduzido para uma estrada ladeada de árvores, cujos galhos, à medida que eu caminhava, se iam fechando em um túnel, que aos poucos se foi escurecendo, o que me infundiu, progressivamente, um sentimento angustioso a que não pude resistir e, assim, procurei acordar, o que logo consegui. Mal acordei, senti que alguém reprovava a minha fraqueza; porisso, prometi reagir e pedi que me submetessem novamente àquela prova. Nada mais, porém, aconteceu naquela noite. Mas, na noite seguinte, novamente me senti levado para a entrada de um túnel, e, lembrando-me de que eu mesmo pedira a renovação da prova, investi túnel a dentro. Mas, ao invés de escurecer, como eu esperava e como acontecera na noite anterior, o túnel, pelo qual caminhava, ràpidamente se estreitou, obrigando-me a baixar a cabeça para poder cami-

nhar de cócoras. Absolutamente resolvido, desta vez, a caminhar sempre para a frente, até onde me fôsse possível, prossegui corajosamente, mas eis que, logo a seguir, vejo à minha frente o túnel estreitar-se mais ainda, de forma que só deitado me seria possível caminhar. Ao mesmo tempo, um cheiro fétido começou a exalar-se daquele buraco que eu fronteava. Confesso que parei indeciso mas, recordando-me de que eu, na véspera, prometera que não teria mêdo, investi para a frente e já me enfiava pelo buraco, não obstante o mau cheiro que dêle se exalava e a angústia que me assaltava, quando me senti arrancado daquele local e me vi transportado para uma sala, onde fui colocado em uma cadeira, tendo ao meu lado dois homens e uma mulher. Os dois primeiros, depois de se olharem, disseram entre si qualquer coisa e se afastaram, mas a mulher que, não obstante tivesse uma fisionomia que eu nunca vira, me parecia conhecida, disse-me: "Êle vai ficar satisfeito quando souber. Aliás, eu já esperava, tanto que apostava 8 em 10 que você venceria". Logo se afastou, também, aquela mulher, e fui levado pelo espaço, acordando em seguida.

De maneira mais intensiva, daí por diante, comecei a cultivar a ousadia e a combater o temor e, à medida que o fazia, fui notando que o vulto do meu espírito, no espaço, aumentava de tamanho. Por outro lado, tive ensejo de notar, em espíritos que encontrei, que o mêdo os fazia tanto agir desorientadamente, como também diminuir de tamanho, tornando-os absolutamente insignificantes. Assim, numa ocasião, ao sair, senti-me conduzido para as vizinhanças de uma grande casa, e ali notei que o espírito de um menino se empenhava em aborrecer um outro, que me pareceu conhecido. Aproximei-me de ambos e fiz entender ao travêsso que eu não permitiria mais isso. A minha intervenção, porém, não produziu resultado, porque o traquinas se postou atrás de um parapeito e dali alvejava, como se fôsse com pequenas pedras, o outro, que se postara próximo de mim, aceitando minha proteção. Houve um momento em que, sentindo-me irritado, avancei rápido sôbre o agressor, que procurou fugir. O susto estampara-se, porém, logo ao meu primeiro gesto, na fisionomia do menino e, à medida que êle se esforçou para fugir, o seu vulto se amesquinhou, sendo-me fácil apanhá-lo. Quando isso se deu, senti-o diminuir em minhas mãos, chegando a ficar do tamanho de uma bolinha de gude. Apertei-o entre os dedos enquanto um guincho fino, estrídulo, cheio de pavor, partia dêle. Alguém, porém, me disse ao meu lado: "Não o aperte tanto que você pode machucá-lo". Atendendo ao aviso,

joguei aquela bolinha a distância e logo ela sumiu de minha vista.

Da relação que, a meu ver, tem a eliminação do mêdo com as condições de vida material, no sentido da evolução espiritual, falarei mais adiante, porque acho necessário, agora, entrar no exame de um assunto que precisa ser esclarecido para uma exata compreensão das impressões que foram sendo colhidas pelo meu espírito, nas suas saídas, no que respeita às personalidades que fui encontrando.

CAPÍTULO IX

Raras vêzes, no estado de desdobramento, vi espíritos de pessoas que, de acôrdo com o meu conhecimento, já estivessem mortas. De tudo que eu vi, tive a impressão de que os espíritos dos vivos e os dos mortos permanecem em tão estreito contacto que se confundem no plano que freqüentam, de acôrdo com a sua elevação.

Os espíritos dos mortos, de certo muito mais que os dos vivos, podem ser dominados por uma emoção, ou por um sentimento. Assim, uma emoção ou um sentimento é para êles mais do que um acidente transitório: é, às vêzes, um abalo profundo em sua natureza, que, por largo período, ou tempo (coisa de que os espíritos não devem ter noção), leva-os a se concentrarem exclusivamente na ressonância daquela emoção ou daquele sentimento. Comigo mesmo notei várias vêzes, no estado de desdobramento, como uma emoção é dominadora, absorvente. A sensibilidade, por sua vez, se multiplica de maneira considerável. Assim é que, certa vez, percorrendo o espaço por sôbre uma rua deserta, ao avizinhar-me de uma praça, ouvi partir de uma casa um canto triste e harmonioso. Logo me assaltou um sentimento angustioso, quase convulsivo. No fundo do meu "Eu" ainda havia uma reação crítica que me observava: afinal, por que chorar? Mas a emoção era tão profunda e avassaladora que eu me sentia fraco para sopitá-la. Por isso, esforcei-me por acordar, o que fiz logo em seguida, e, mal acordado, fácil me foi suprimir aquela angústia que até há pouco sentira e meditar friamente sôbre a ocorrência. Se não me fôsse mais possível acordar, até quando continuaria afetado por aquêle sentimento de angustiosa tristeza?! Por certo, durante ainda muito tempo.

Êsse e outros fatos me mostraram que o corpo material desempenha para o espírito o papel de um grande freio, de uma escola de auto-contrôle, de domínio das emoções. E nesse sentido está, também, o progresso espiritual.

Qualquer emoção, numa pessoa viva, para expandir-se, encontra logo, além das inaptidões do próprio corpo, a resistência do ambiente material, que é estranho à vibração emo-

cional íntima das pessoas, e os restantes obstáculos naturais impedem estas de realizar o que a emoção as fêz desejar. Para o espírito livre, porém, parece que, pela falta de um corpo, logo a emoção domina inteiramente a personalidade, e, pela maior identificação do espírito com o ambiente do plano em que se acha (falta de resistência ambiente), a sua emoção repercute neste, que reage, em efeito regressivo, sôbre o espírito, provocando novamente a emoção, que se refletirá outra vez sôbre o ambiente, prosseguindo a emoção, como num fenômeno de ressonância, até esgotar-se a sua fôrça inicial. Além disso, existe, de maneira muito mais fácil, a possibilidade de sugestionamento, de alucinações para o espírito, pela sujeição da matéria ambiente à fôrça da emoção e da imaginação do espírito, o que pode contribuir para maior prolongamento da emoção inicial. Porisso mesmo, os espíritos dos mortos podem permanecer indefinidamente num mesmo plano, onde os espíritos dos vivos, em sonho, ou em fenômenos de mediunidade, poderão ir sempre encontrá-los, ou ser por êles encontrados. Nesse mesmo plano, é natural que os espíritos se confundam, tornando impossível a um observador inexperiente e desconhecedor de outros fatôres de identificação, reconhecer se a figura que distingue é o espírito de uma pessoa viva ou o espírito de uma pessoa falecida, ou mesmo, em certos casos, a própria pessoa viva.

De início, sempre supus que as pessoas que eu encontrava eram pessoas vivas. Além do caso do menino que me alvejou com uma pedrada, posso referir outro caso que me deu essa impressão. Uma madrugada, saindo de minha casa, deslisei por sôbre uns campos vizinhos e aproximei-me de uma cocheira, que atravessei, sentindo o cheiro característico da forragem umedecida pela urina dos muares e aproximei-me de uma casa de dois andares. Fui levado insensìvelmente a subir rente à parede, passando por uma primeira janela, que devia ser a de um banheiro, pois de dentro vinham até mim o ruído de um chuveiro e a respiração ofegante de uma pessoa sob o jato de uma ducha fria e, assim, cheguei até uma janela do andar superior, pela qual entrei. Era uma sala pequena, com duas portas, entre as quais conversavam duas senhoras. Uma delas segurava nos braços uma criança. Perto dessas duas senhoras, uma menina escura estava sentada sôbre uma cadeira, em frente a uma mesa, rabiscando qualquer coisa. Mal entrei, as duas senhoras resolveram sair da sala e retiraram-se conversando. Aproximei-me então da mesa a que, do lado contrário, se encostava a menina. Lembro-me, perfeitamente, que me via, nessa ocasião, com uma capa

ponche que usara na revolução de 1932 e que era meu hábito estender sôbre os pés da minha cama, como cobertor, nessas noites frias. Nesse momento, ocorreu-me um desejo de ser visto, pois não podia afastar de mim a curiosidade de saber se aquela menina estava acordada, viva, e se eu, no estado em que me achava, podia ser visto. Até hoje, lembro-me nìtidamente que, como se fôsse atendendo a um chamado meu, a menina, de repente, levantou a cabeça e, imediatamente, fêz um gesto de susto, deu um grito e saiu da sala em corrida desabalada. Confesso que fiquei desapontado, pois não desejaria ter provocado tamanho rebolíço e procurei acordar, o que logo fiz. Não obstante tenham parecido tôdas essas pessoas vivas, sinceramente, até hoje ignoro se as duas mulheres e a menina que eu vi eram pessoas acordadas, ou, ainda, espíritos de pessoas vivas ou mortas vivendo a rotina dos planos a que estavam prêsas pelos seus sentimentos e disposições espirituais.

Todavia, em contrário a essas observações, uma outra fiz eu que me mostrou um aspecto diferente para a percepção de pessoas vivas. Uma tarde de domingo, que tirei para repousar, pouco depois de ter-me deitado, senti meu espírito sair e, como às vêzes acontecia, ao invés de ver os móveis do meu quarto, vi outra disposição no local, como se fôsse ali um palco cheio de armações pintadas, e num ponto, que me pareceu um dos cantos do quarto, uma passagem em declive, mergulhada no solo, revestida de painéis coloridos. Aprontei-me (em espírito) para enveredar por aquela passagem e ia avançando quando ouvi várias vozes alegres falando várias coisas de que hoje não me recordo, tôdas com o timbre característico da de minha espôsa. Parei e voltei-me para ver se via minha espôsa. Ao invés disso, distingui, imprecisamente, vários vultos, que se pareciam com o vulto dela. Esforcei-me para ver se distinguia melhor, porém não logrei êxito. Aliás, aquilo durou pouco, porque breve os vultos e as vozes retornaram na direção que me pareceu a porta do quarto. Porisso, não me incomodei mais com o fato e dispus-me a reencetar o meu caminho, mas, refletindo um pouco, achei melhor voltar e acordar para ver se alguém estava no quarto. Fiz isso logo e, quando acordei, tudo estava em silêncio ao meu redor, no quarto deserto. Não me contive, porém, e me levantei, indo até a copa, onde se achava minha senhora e, lá, perguntei-lhe se tinha chegado alguém, pois havia percebido vozes. Ela respondeu surprêsa que não era possível, pois estava só e me perguntou se eu a vira entrar, havia pouco, no quarto, visto como, pensando que eu estivesse dormindo, ela até evitara

fazer ruído. Disse-lhe que sim, que a tinha visto, e nada mais lhe contei.

Essa ocorrência, porém, mostrou-me condições novas do fenômeno que comigo se verificava. Talvez por estar em um plano diferente, na ocasião em que minha senhora entrou no quarto, eu não a vi, mas a sua áurea afetou a sensibilidade do meu espírito. O fato é que eu a percebi presente, não obstante o meu corpo estivesse dormindo. Acresce que a forma pela qual a percebi foi completamente diferente da percepção que teria através do corpo, isso porque: 1.º — eu a percebi num rumo diferente daquele em que a perceberia se tivesse sido com o auxílio do corpo; 2.º — eu a percebi através do timbre de sua voz, que distingui nas vozes que ouvi; no entanto, minha senhora entrara silenciosa no quarto e não falara mesmo perto do quarto, para que eu pudesse ter a impressão através do corpo; 3.º — vi vultos confusos movimentarem-se em atitudes diferentes, e, no entanto, uma só pessoa entrara no quarto; e finalmente, 4.º — não posso dizer que tenha visto minha espôsa, apesar de ter percebido sua presença. Esta última conclusão, por sua vez, deixou-me em dúvida quanto às outras ocorrências: será que as pessoas que tenho visto e que me dão a impressão de existirem realmente são vivas e estão no estado de acordadas? Além disso, sendo manifesto que nesse dia eu (meu espírito) estava no quarto, mas num plano diferente, tanto assim que não divisara os objetos que ali existiam, mas outros que nunca vira quando acordado, será que êsse fato é que impediu que eu visse minha espôsa? E se eu estivesse mais em contacto com o plano material, isto é, vendo as coisas que materialmente existiam no quarto, teria eu visto minha espôsa e teria sido por ela visto?

CAPÍTULO X

EVIDENTEMENTE, *em cada um dos planos que se estratificam uns por sôbre os outros, vivem multidões de entidades afins pelos seus sentimentos, preocupações, hábitos, pendores, formação moral, etc. Nesses planos se estabelecem condições de vida e certos detalhes também peculiares, que às vêzes não se reproduzem em outros locais. A respeito, parece-me elucidativo o que em seguida passo a contar.*

Numa noite, logo que saí de meu corpo, senti-me levado pelo espaço acima, nada vendo e só sentindo o zunido de um vento sôbre os meus ouvidos, como se percorresse o espaço em violenta velocidade. Logo depois, porém, vi-me baixando sôbre uma pequena praça, arborizada, rodeada de casas simples, em que passeavam muitas crianças. Tôdas as que eu via trajavam vestes coloridas e estavam alegres, cantavam, e traziam nos rostos expressões de satisfação enquanto caminhavam pela praça. Porém vi, mais adiante, uma menina, cuja fisionomia e cujo aspecto me despertaram grande curiosidade. Seu rosto era corado e fresco, como o de uma criança de 12 anos, mas tinha uma expressão de gravidade e nobreza como se fôsse uma pessoa idosa e cheia de sabedoria. Vestia, além disso, destoando de todos os outros que eu ali vira, um vestido escuro, simples, prêso à cintura por um cinto e, sôbre a cabeça, trazia uma estrêla grande, brilhante, radiosa. Levado através da praça, enfiei-me por uma rua deserta e íngreme. Quando me aproximei do tôpo da rua, vi, com surprêsa, que ela era fechada por um edifício alto, que continuava a estender-se em linha oblíqua, como se êle constituísse uma muralha circundando a cidade.

O estranho nesse edifício é que sua fachada era canelada, sem janelas, possuindo uma reverberação intensa, que me pareceu a fonte da claridade que iluminava a cidade. Avancei para o edifício e ao aproximar-me dêle vi uma abertura estreita e alta pela qual entrei. Ao atravessar a abertura, percebi que, do outro lado, se estendia uma planície escura. De um lado, próximo àquela muralha, um vulto enorme de gigante, que me pareceu ser um homem de vinte a trinta me-

tros, discretamente se afastou, escondendo-se numa das dobras da muralha. Com curiosidade, elevei para o céu os meus olhos e vi então, no alto, um grande astro do tamanho de um pires de chá, como se fôsse uma grande medalha de cobre ardente. Não contive a minha surprêsa e perguntei-mei: "que será aquilo?" Uma voz de alguém ao meu lado respondeu-me: "É o sol". "Como — retruquei eu — assim pequeno?" "Sim — insistiu a voz — nós estamos num mundo muito distante dêle".

Não tive curiosidade de procurar saber quem me informava. Como a escuridão, na minha frente, me assustava, resolvi voltar. Ao chegar à praça, revi as crianças de vestes coloridas e só então comecei a notar que a música que quase tôdas cantavam era uma música alegre, saltitante, cheia de vida. O interessante é que a sua harmonia me era absolutamente desconhecida e me pareceu sensacional pela graça que possuia. Esforcei-me por aprendê-la e dentro em pouco verifiquei que podia reproduzir um bom trecho daquela música vivaz e muito interessante. Todavia, percebi, então, dois vultos à minha retaguarda que conversavam entre si, e um dêles disse: "Mas êle não pode levar daqui essa música, êle precisa esquecer, sacuda-o". "Não posso — disse o outro — só em pensar nisso tenho vontade de chorar". — "Então, faço-o eu" — disse o primeiro. E, imediatamente, senti-me seguro pelos ombros e sacudido, ao mesmo tempo que alguém cantarolava no meu ouvido uma outra música de compasso e harmonia completamente diferentes. Percebendo a intenção confessada do gesto, eu, nessa emergência, concentrei-me na música que primeiro ouvira e cuja harmonia me agradara imensamente, por causa da sua alegria e vivacidade. Vendo que eram inúteis os seus esforços, largaram-me. Porém senti-me, em seguida, levado pelo espaço e pôsto, sucessivamente, em frente de várias cenas de extrema vitalidade, uma das quais se fixou indelével no meu espírito, mesmo porque foi tão absorvente que me fêz esquecer completamente a tal música: vi-me em frente a um casco flutuante, que me deu a idéia do convés de um grande submarino, em parte coberto por ondas, que lambiam o bordo daquele convés com violência. No momento em que cheguei, abria-se uma porta na tôrre daquele submarino e duas mulheres, vestidas militarmente, isto é, com blusas e de saias curtas de fazenda grossa, com qualquer coisa, que não pude verificar, a tiracolo, foram brutalmente empurradas para o convés. Desgrenhadas, com expressão de susto, tinham, não obstante, essas duas mulheres, que eram formosas, sadias, traços duros, voluntariosos, e expressões decididas. Mal pararam

indecisas sôbre aquêle convés, eis que, de baixo do local em que eu estava, avança em direção àquele convés mais outra espécie de flutuante, do qual saltam para o primeiro dois homens, também fardados, que, rápidos, agarram as mulheres, dominam-nas e as carregam para o seu barco, cada um com a sua prêsa. A cena foi brutal, inesperada, cheia de vida selvagem, rústica. A surprêsa que me causou foi tal que me esqueci de continuar repetindo, como vinha fazendo mentalmente, a harmonia agradável daquela musicazinha saltitante e alegre que pouco antes ouvira. Mal tinha constatado êsse resultado e já me faziam acordar, o que me permitiu continuar, bastante decepcionado, a meditar sôbre o incidente e a procurar reviver a música de cuja melodia não conseguia mais relembrar-me. Tempos depois, todavia, ao assistir a "Pinocchio", admirável produção de Walt Disney, ouvi a composição "Give a Little Whistley", que de longe me fêz lembrar aquela música que eu ouvira, porque, como esta, ela tem vivacidade, alegria, não obstante a música de minha visão me tenha parecido muito mais vibrante e harmoniosa. Evidentemente, estivera eu em um plano ou mundo habitado por espíritos bons, alegres, dóceis, ao ponto de um dêles não se animar a sacudir-me, para não me magoar.

De outras vêzes, tenho estado em meio de grandes multidões de espíritos, todos fantasiados como arlequins, ou palhaços, com roupas multicores, alegres, saltando, cantando músicas joviais, festivas.

Nas vêzes em que tenho estado em ambientes grosseiros e pesados, também ali tenho observado fisionomias, emoções e atitudes equivalentes, demonstrando claramente grande aproximação, senão identidade, dos motivos, anseios, sentimentos ou convicções que ali reuniram aquelas almas.

Acima de certo nível, nos planos que se estratificam, a música parece ser um fator de aproximação dos espíritos. Aliás, êstes devem senti-la de maneira muito mais intensa do que nós.

Além dessa vez há pouco referida, outros ensejos tive em que ouvi músicas no espaço, músicas tôdas elas harmoniosas e com uma fôrça de encantamento excepcional. Linhas atrás, já me referi, aliás, ao efeito profundamente melancólico e triste que certa vez exerceu sôbre meu espírito uma canção que ouvi. Das outras vêzes, porém, ouvi músicas orquestrais e, de certa feita, uma execução, em violino, de uma peça cuja harmonia me fêz lembrar uma dessas maravilhosas composições de Chopin. Nessas ocasiões, a gente sente que o tempo

corre com muita rapidez, porque o nosso espírito recebe os sons musicais como quem procura saciar-se de felicidade, buscando em vão transformar em eternidade cada nota suave e comovente da música que ouve. Mal termina a execução e já uma saudade doce, mas dominadora, da execução ouvida, nos enche o coração. Aliás, o sentido de beleza, de perfeição parece à gente, naquele estado, muito mais profundo e significativo. Talvez eu tenha concluído assim por causa das coisas inéditas e formosíssimas que às vêzes me foi dado apreciar. Algumas oportunidades tive para apreciar horizontes e paisagens de uma beleza transcendental. O encanto que dimana de tais paisagens não é só derivado dos acidentes pròpriamente físicos que se oferecem à vista, tais como montanhas de contornos caprichosos e extraordinários, praias, descampados, nuvens, obras arquitetônicas, etc., mas, principalmente, da riqueza dos coloridos ou, ainda, da suavidade da luz que tudo ilumina e, também, da tranqüilidade infinita que o ambiente e a visão nos transmitem, infundindo-nos uma serenidade, um sossêgo, que transcendem a tôdas as sensações de plenitude e satisfação que a gente possa desfrutar quando acordado.

Aliás, êsses sentimentos que se podem traduzir como uma forma de delicada e superior felicidade, eu tive oportunidade de sentir quando de outras vêzes, no estado de desdobramento, me foram proporcionadas visões das quais, sempre que me lembro, sinto saudades, visões que surgiram imprevistamente, nunca tornando a se reproduzirem, apesar do encantamento que me causaram.

Uma de tais visões foi a de um quadro. Lembro-me como se tivesse acontecido há pouco tempo. Ao sair do meu corpo, senti-me levado para uma saleta pequena e em penumbra, onde fiquei ao lado de alguns vultos, dos quais o mais próximo, que se ombreava comigo, me pareceu uma môça magra, morena, de fisionomia sobranceira, quase orgulhosa, extremamente simpática. Inesperadamente, à nossa frente, surge, todo iluminado, como se fôsse uma cena real, esbatido por uma claridade de canícula, um quadro em que, a traços firmes, com um colorido vivo, se achavam pintados dois guerreiros romanos, com seus capacetes, túnicas de metal, espadas largas e escudos, enfim, com tôda a sua indumentária rude e característica, conduzindo com violência, melhor diria, arrastando para a entrada de uma prisão subterrânea, um tipo de guerreiro ou escravo selvagem, semi-nu, de tez escura, grande e musculoso, de crânio raspado. O conjunto e as expressões, além de ricos em detalhes eloqüentes, revelavam um vigor, uma vitalidade, que me impressionaram profundamente. Pro-

curava, insaciável, fixar o quadro em todos os seus pormenores, quando a luz que o iluminava começou a esmaecer. Não me contive que não pedisse por favor que iluminassem novamente o quadro, e, como que atendendo ao meu pedido, a luz se fêz para, pouco depois, apagar-se de todo. Os vultos ao meu lado se retiraram e eu voltei para minha casa, a fim de acordar, amargurado pela fugacidade daquele excepcional espetáculo.

Outra visão de grande beleza eu a tive imprevistamente, certa noite em que meu espírito deslisava por sôbre um campo baldio e alagadiço. De repente, senti que me retinham e, sem saber porque, olhei para o céu. Êste começou a encher-se de luz e breve eu via sôbre êle, em grande tamanho, um lance de alta muralha de pedra e, rente a essa muralha, um casal jóvem que, frente a frente, dando-se as mãos, conversava. A indumentária do rapaz era a de um gentilhomem de nosso século XVI: amplo chapéu de aba larga com pluma, túnica grossa, que parecia de veludo marrom, prêsa à cintura por um cinto largo, com grande fivela, do qual pendia uma espada, calção e botas altas. A môça trazia um vestido prêto de gola alta, mangas compridas e roda ampla, bem ajustado no busto. Eu procurava fixar êsses detalhes quando a môça, num gesto brusco, se afastou até ao canto do alto paredão, como que para inspecionar o que ocorria daquele lado, ficando, assim, de costas. Nesse momento, a figura do rapaz ganhou volume e pude observar a sua fisionomia demoradamente. Seus cabelos castanhos desciam até a altura do queixo, seu nariz reto e sua bôca bem desenhada e contraída davam à sua fisionomia uma expressão invulgar de resolução e nobreza. Todavia, do seu rosto, sem barba, especialmente dos seus olhos escuros, fluía uma tal expressão de dolorosa sensibilidade, de tão conformada tristeza, que imediatamente um sentimento de profunda simpatia e solidariedade me dominou. Aquela cena no céu foi desaparecendo e se desfez, enquanto alguém dizia ao meu lado: "O amor, na sua mais eloqüente forma de pura sensibilidade e extremo devotamento é que permitiu essa maravilhosa representação da vida de dois entes que sofrem em um mundo distante". Acordei comovido e durante dias consecutivos uma suave angústia me confrangia o coração ao relembrar-me daquela visão de inexcedível beleza, pensando nos sofrimentos que ela estampara e naqueles dois entes que eu vira e talvez continuassem vivendo dolorosas emoções em um lugar longínquo do universo.

Tais visões e outras de menor impressão, mas de grande beleza, as chuvas coloridas de astros, a sucessão de imagens luminosas no céu, as paisagens imensas iluminadas por revér-

beros de luz serena, profundamente tranqüila, etc. constituíram, na sucessão das ocorrências com que se vem enriquecendo a minha experiência sôbre os fenômenos de que são objeto estas descrições, uma nota de tão compensadora atração, que francamente pagaram com generosidade os sustos, os temores e as preocupações que êsses mesmos fenômenos me trouxeram. Por outro lado, elas mostraram o enorme repositório de surprêsas imensamente agradáveis, de inexcedível encanto que certos planos muito vizinhos de nós podem proporcionar aos espíritos que, desligando-se de planos materiais e grosseiros, conseguem elevar-se um pouco às regiões em que a sensibilidade, o amor, a solidariedade, a compassividade e a honestidade são as notas dominantes.

CAPÍTULO

XI

ALÉM dessas oportunidades, em que, ante os meus olhos pasmos, têm surgido visões e paisagens, que parecem fugir à realidade do mundo, pela excepcional beleza de que se revestem, nos meus desdobramentos tenho podido visitar lugares de muito encanto e interêsse, da maneira que passo a referir.

Há já alguns anos minha espôsa teve que ser operada e fui fazer-lhe companhia no hospital, onde eu mesmo já estivera recolhido tempos antes para submeter-me, também, a uma operação.

À noite, ao iniciar-se a verificação do fenômeno, eu vi entre minha cama e a de minha mulher, já operada, o vulto de uma freira com grande chapéu branco e ouvi um grande vozerio que me pareceu de queixas e reclamos angustiosos. Aflito, procurei acordar, o que foi fàcil. Fiz então uma oração, pedindo a espíritos amigos que afastassem aquela impressão penosa que eu tivera. Logo depois, recaí naquele estado inicial do fenômeno e, como notasse tudo tranqüilo, arrisquei-me a sair do meu corpo. Porém senti-me levado para baixo, em declive, como que descendo escadas que não existiam, no saguão vizinho ao quarto. Assim é que atingi um laboratório, que não existe materialmente naquele hospital, e onde vi várias pessoas trabalhando como que na manipulação de drogas. Lembrei-me então que já vira êsse laboratório antes e esforçando-me, recordei-me que isso fôra quando, tempos atrás, ao ser operado, tomara clorofórmio naquele mesmo hospital. Perguntei-me, porém, surprêso: "afinal, já é a segunda vez que vejo êste laboratório, mas êle não existe de verdade!" "Existe sim — disseram-me — mas no plano espiritual, em que se trabalha para o bem das pessoas internadas no hospital que você conhece". Essa resposta satisfez a minha curiosidade e, por isso, manifestei o desejo de voltar ao meu quarto, o que foi fácil. Porém, chegando ao meu quarto, onde vi tudo tranqüilo, inclusive o meu corpo e o de minha senhora, ambos bem agasalhados nas camas, não me contive e saí pela janela, deslisei por sôbre os arbustos e por entre as árvores que enchem o pátio fronteiro ao hospital, e, em seguida,

por sôbre uma casa vizinha ao dito hospital, notando, detalhadamente, um puxado dessa casa coberto de fôlhas de zinco. Depois, ràpidamente, ascendi no espaço e fui descer numa pequena praia em que um muro branco chega até ao alcance da maré. Ali, de pé sôbre a prainha, fitando o muro, lembrei-me que, tempos atrás, no mesmo estado de desdobramento, eu ali estivera, e então perguntei: "que lugar é êste?" "Ilha de Capri" — foi a resposta que imprevistamente recebi. Tranqüilo, fitava eu as ondas mansas que se desdobravam em lençol de espuma ligeira sôbre a praia quando, levantando a vista, percebi que por sôbre o mar vinha deslisando um homem alto, grisalho, de rosto sério e pensativo. Aquêle homem se aproximou da praiazinha, sôbre a qual parou sem notar-me. Pensei então em minha espôsa no hospital e senti-me um pouco cansado. Voltei e acordei, guardando uma grata recordação do passeio que fizera. No dia seguinte, tive a curiosidade de ir ver como era a casa vizinha do hospital e não me causou surprêsa encontrar o puxado coberto de zinco como o vira espiritualmente e que até então não soubera existir.

Também, há muitos anos já, no mesmo estado de desdobramento, por diversas vêzes fui parar em ruas estreitas, ladeadas por casinhas pequenas, onde formigava uma multidão imensa de chineses com as suas roupas e fisionomias características. O que mais me espantava então era a quantidade assombrosa de gente, era aquêle formigueiro humano que se comprimia por aquelas ruelas. Só mais tarde, lendo livros de vários viajantes, e mesmo assistindo a alguns filmes naturais, é que vim a verificar que aquêle detalhe, que nas minhas saídas espirituais me surpreendia, era um característico das cidades do oriente, especialmente da China, onde as ruas estão sempre superlotadas. O curioso é que essas visões, a par da surprêsa, me comunicavam um sentimento específico de pequenez, de insignificância. Naquela multidão enorme que se ombreava, eu via o volume incontável de homens que rastejam pela superfície do nosso globo, cada qual se sentindo distinto do universo, talvez o centro do universo, ou pelo menos supondo que o universo exista para êle. E, não obstante, cada um que aí via não passava de uma sombra que sucedia às outras sombras que o antecederam e ao qual iriam suceder outras sombras tão insignificantes como as primeiras. E eu também, que me sentia eu mesmo, isto é, senhor de um mundo de idéias, de emoções, de sentimentos, de aptidões, que tinha a impressão de ser um fator ponderável na ordem das coisas, no universo, também era uma sombra para as outras sombras que me viam, ou que nem sequer me notavam...

Deve haver, presumo, nas costas do Adriático, um pôrto em que uma construção, que me pareceu militar, avança isolada pelo mar, tendo, do lado direito de quem a vê do mar, um dique ou cais para embarcações. Digo isso porque por mais de uma vez a vi e, quando foi da segunda, alguém disse ao meu lado, em tom chocarreiro, para outra pessoa com quem conversava: "Aí estão os navios que Mussolini não quer arriscar. Não sei porque êle não os aproveita para enlatar "alicci". Não pude deixar de sorrir a essa piada... Em seguida, senti-me levado em grande velocidade pelo mar, indo alcançar uma costa em que os contrafortes de granito, sôbre os quais as ondas se esbatiam, se sucediam uns aos outros. Num determinado instante, passei numa praia, entrando por uma rua — em cujo extremo havia uma acrópole — ladeada de casas uniformes cujo característico eram portas estreitas e altas, às quais se chegava por escadas de dois a três degraus, cada porta sucedida de uma ou duas janelas. Alguém me disse que aquela cidade era muito antiga, mas nesse momento sentia um grande cansaço, que me fêz desejar acordar. Quando acordei, senti minha respiração algo ofegante, parecendo-me que ficara longo tempo sem respirar. Êsse fato ocorreu mais ou menos na época em que começaram a verificar-se ações navais dos aliados do Brasil no Mediterrâneo, nesta guerra cujo têrmo felizmente se aproxima.

CAPÍTULO

XII

ASSIM como podem divagar pelos lugares a que se sentirão atraídos de acôrdo com as suas disposições do momento, os espíritos de pessoas vivas também podem, durante o sono, ou em outro estado especial, como aquêle que comigo ocorre, realizar trabalhos espirituais de certa significação. Tal coisa suponho pelo que às vêzes tem acontecido comigo. Por exemplo, na manhã de 21 de dezembro de 1942 (data que conservei por ter escrito, logo em seguida, o relato dos fatos, para bem conservá-los), vi-me, em espírito, nas vizinhanças de uma construção e apanhei um resto de conversa que me informava que um grupo de espíritos alojados em certa casa não desistia, absolutamente, de continuar no seu trabalho de perturbação. Lembrei-me, então, que eu mesmo já estivera nessa casa em outra ocasião, de que não me recordava, em estado de vigília e que devia ir tentar novamente. Foi o que fiz. Transportei-me para uma casa grande, de dois andares, onde me empenhei em cercar alguns espíritos e convencê-los de que deveriam ouvir-me. Afinal, notei-os dispostos a uma trégua, e percebi que êles se dirigiam a uma sala em que iam reunir-se para escutar o que eu queria dizer-lhes. Antes de atravessar a porta que se achava à minha frente, recordei-me que outras vêzes ali estivera e fôra logrado com manhas e expedientes. Apesar dessa recordação, senti que a hora era chegada e que eu deveria entrar. Foi o que fiz. Sôbre um canapé vi, então, três vultos adultos, e alguns passos à frente dêsse móvel e sôbre tapêtes de peles, os espíritos de dois meninos crescidos. Pus-me entre todos e antes que principiasse a falar, aproximei-me de um dos meninos, disse-lhe que ali estávamos para conversar sôbre um assunto muito sério, motivo pelo qual êle não devia pensar em troças, e arranquei-lhe do rosto uma máscara, que esfarelei com a mão direita e que depois cheguei até às chamas de um fogareiro colocado no centro do grupo. Sentindo o calor das chamas sôbre a mão, retirei-a logo. O menino que eu repreendera, vendo o meu gesto, caçoou, observando que eu tinha mêdo do fogo e, para exibição, aproximou o pé das chamas, que o tocaram. Notei que o pé era espalmado como

o de um palmípede. Permaneci, porém, indiferente ao remoque e comecei por dirigir-me a todos. Disse-lhes que estavam procedendo errado supondo que a única fôrça que agia no universo fôsse aquela que êles manipulavam. Além dessa, entretanto, outras havia muito mais sutis e poderosas, que se achavam sòmente ao alcance das pessoas que procediam bem. Tais fôrças, aliás, eram as únicas capazes de nos levar aos outros mundos.

Notei que essa explicação provocava a surprêsa e a incredulidade dos meus ouvintes. Porém, nessa ocasião, o teto da casa se desfez e no alto surgiu um céu extremamente estrelado. Chamei a atenção dos meus ouvintes para as estrêlas e disse-lhes que elas indicavam os outros mundos de que lhes falara, dado que eram outros tantos sóis rodeados de planetas, muitos dos quais habitados. Gradativamente, o céu ia clareando até chegar a um azul cheio de uma luminosidade que nunca vira semelhante, mesmo nos dias mais límpidos, não obstante continuassem ainda brilhando no espaço, com o mesmo fulgor, as estrêlas distantes. Todavia, abaixo dêsse céu luminoso e bem acima da linha do horizonte, deixando-nos como se nós nos encontrássemos no fundo de uma larga cratera, acumulavam-se pesadas nuvens. Num momento em que cessei a explicação, destacaram-se do alto do céu, como se fôssem mesmo estrêlas que avançassem, uns poucos pontos que foram aumentando e adquirindo a forma de anjos grandes e luminosos. Como se repetisse uma lição, fui dizendo naquele momento: "vêem aquêles espíritos de luz? São mensageiros da paz que descem em algum recanto do mundo". Uma emoção profunda me assaltava, mesclada de nostalgia e tristeza. Observei os que me rodeavam e notei, em tôdas aquelas fisionomias atônitas, a admiração. Afastei-me então alguns passos e tornei para êles. Vi-os como se fôssem crianças e tão bem notei as fisionomias dos mesmos que me recordo de ter distinguido em um daqueles que me pareceram meninos e que verifiquei ser uma menina, uma pequena congestão no lado externo do ôlho esquerdo. Disse-lhes então que atentassem para o que tinham visto e ouvido e se esforçassem para se tornarem bons. Num gesto instintivo, levei minha mão ao rosto e sob a pressão dos meus dedos quebrou-se uma como que máscara que o cobria, caindo os cacos pelo chão, fato que deixou os meus ouvintes ainda mais surpresos. Em seguida, emocionado com a visão que eu próprio tivera, dirigi-me para casa e acordei.

De outras vêzes, fui levado para trabalhos com cujo sentido não pude atinar senão de uma forma menos precisa.

Assim, certa noite, ao abandonar o meu corpo, senti-me levado para bem alto, até um ponto no céu muito azul, que estava rodeado de nuvens luminosas e coloridas, que ofereciam à vista um espetáculo de excepcional beleza e tranqüilidade. Ali, entre aquelas nuvens, paravam como que caravelas em cujos panos estavam inscritos os nomes que elas deviam ter. Êsses nomes me surpreenderam, porque eram os de antigas regiões do globo, tais como Phrigia, Dalmatia, Gallia, Thracia, etc. Lembro-me que fui até a primeira das embarcações atrás referidas, em cuja proa me instalei. Logo em seguida, lançava a vista por aquela paisagem inédita, como um homem que se encontrava a pino no espaço imenso, tendo à frente um céu azul cerúleo semeado de brancas e coloridas nuvens, entre as quais, sôltas no espaço, pairavam embarcações de vela, quando notei que algumas delas desciam velozes, descrescendo no tamanho ràpidamente, até se sumirem em baixo, em várias direções. Logo senti que a embarcação em que estava se mexia no espaço, descendo também depressa e mergulhando em um nevoeiro denso. Como que movido por uma vontade superior e exterior à minha, que me dominasse, fiquei de prontidão e avisado de que deveria lutar. Num instante, senti a embarcação parar à entrada de uma casa baixa e grande, e vi que, ao mesmo tempo que eu saltava, a meu lado saltavam muitos homens que eu não vira antes. Rápidos, entramos em uma sala, para a qual dava a porta atrás referida, sala em que se achavam muitas pessoas reunidas e onde o nosso ingresso causou um tremendo rebolIço. Saltei sôbre um vulto escuro que se achava à minha frente e quando o atingia senti que êle se transformava em um objeto de aspecto repelente e eriçado de cabelos. A indecisão ia-me penetrando o espírito quando alguém me disse: "Não o largue, force-o". Exerci, em conseqüência, forte pressão sôbre aquêle objeto e progressivamente êle se foi desfazendo como um bagaço úmido. Nesse instante, alguém me disse: "Basta agora, deixe-o comigo" — e senti então que me retiravam o objeto das mãos. Logo após, vi-me ràpidamente transportado para o meu quarto, onde acordei ainda com a impressão que sentira.

De outra vez, em uma manhã chuvosa, muito comum em São Paulo, senti-me levado pelo espaço até a confluência de duas estradas. Aí, não obstante desejasse seguir num sentido, fui levado para outro. Em dado momento, senti que minha velocidade diminuía e pude, assim, observar melhor o caminho que ia fazendo e que me pareceu o de uma estrada comum às vizinhanças das nossas grandes

cidades do interior, ladeada de pequenas chácaras arborizadas. Cada vez mais a velocidade diminuía e alguma coisa me dizia que estava chegando ao meu destino. A manhã, ali, era clara, e o sol se levantava, emprestando, com sua luz forte, muita alegria ao ambiente. Assim é que cheguei até uma casa baixa, comprida, côr de rosa, como é freqüente vermos nas colônias de algumas fazendas. Fui levado (não há outra definição, pois sentia-me conduzido) da estrada, por sôbre a cêrca que marginava esta, até próximo do terreiro que fronteava a casa. Não ingressei no terreiro, mas fizeram-me contorná-lo em movimentos rápidos, intermitentes, parando, de cada vez, por entre as fôlhas dos arbustos, como que para ficar escondido. Assim é que, desviando pela esquerda, cheguei até perto do extremo da casa, à frente da qual havia um buraco retangular, a cuja borda se encontravam um homem gordo, em manga de camisa, mais outro homem com igual indumentária e duas ou três mulheres. Prosseguindo naqueles movimentos bruscos e intermitentes, fui levado até pouco atrás daquele grupo de pessoas. Ali chegando, senti que alguma coisa se modificava e percebi, então, projetada no chão, ao lado, a sombra de fôlhas de bananeiras, que oscilavam ao sabor do vento. Eu, como aquela sombra, também oscilava de um lado para o outro e compreendi que a minha aparência se transformara porque o momento da luta se avizinhava, e que aquela sombra era minha. Fiquei atento e preparei-me para qualquer eventualidade. Logo depois vi, de dentro do buraco, levantar-se um môço forte, musculoso, mas de côr terrosa, amarelada. Estava semi-nu, com uma tanga apenas, e fazia enérgicas massagens pelo corpo, especialmente nas pernas, que sucessivamente apoiou na borda do buraco enquanto encostava os rins na outra borda. Ao mesmo tempo, seu olhar ágil e desconfiado percorria as vizinhanças, não se importando com as pessoas à sua frente, entre mim e êle, que o observavam. Em dado momento, pareceu-me até que êle me havia notado, pois me fixara. Uma sombra de dúvida passou-lhe pelo rosto, mas logo alguma coisa chamou sua atenção ao lado e seu rosto se desviou. Nesse momento, num gesto instintivo, saltei célere e os dedos indicadores de cada mão entraram por baixo de cada lado do maxilar do môço, como que à procura de um ponto sensível. Senti que afundava com o rapaz na sombra do buraco, pois não vi mais nada a meu lado senão escuridão completa. Porém, entre o indicador e o polegar das duas mãos, prendi qualquer coisa que latejava e se debatia. O esfôrço que

eu fazia para subjugá-lo era enorme e gradativamente senti que a resistência do meu prisioneiro diminuia. Pude, então, enquanto o segurava firme com uma mão, em gestos instintivos, ir espremendo com a outra um fio comprido e tumefato como se fôsse uma extensa medula. O fio foi-se esvaziando de um líquido seroso até ficar frágil e quase vazio. Nesse instante, alguém disse ao meu lado: "Basta, isso já dará para um bom pedaço de tempo". E na mesma ocasião, fêz-se uma vaga claridade naquele local, o que me permitiu ver que aquilo que eu acabara de largar era como se fôsse um cordão comprido, como êsses cordões que saem das entranhas de uma galinha cujo ventre se abre, sendo que aquêle cordão tinha estremecimentos de vida e possuia um palor fosforecente. Logo que satisfiz minha curiosidade, fui levado pelo espaço. Enquanto isso, não só experimentava uma estranha sensação de fôrça e energia, como também sentia os músculos deltóides doloridos, como se sente depois de um grande exercício físico. Ao acordar, porém, se bem tôdas as particularidades dos fatos se me tivessem ficado gravadas na memória com muito vigor, eu não sentia nada de especial, nem mesmo com os deltóides, a não ser um ligeiro cansaço geral.

Por essas e outras observações que pude fazer, colhi a impressão de que os espíritos, quando têm que combater fôrças adversas, freqüentemente se socorrem das pessoas vivas, que lhes fornecem não só energias materiais de que êles podem precisar como também, em certas ocasiões, a própria colaboração espiritual, como nos casos atrás referidos.

CAPÍTULO

XIII

Os fatos narrados no capítulo anterior dão notícia de que devem existir nos planos vizinhos à terra, e sôbre ela mesma, espíritos ou fôrças que se aplicam em coisas inconvenientes aos interêsses evolutivos da humanidade, tanto assim que são êles combatidos por outros espíritos e princípios votados à felicidade humana, os quais usam, quando podem, os espíritos de pessoas vivas, enquanto estas dormem.

Aliás, êsses espíritos ou fôrças perturbadoras também estão ou devem estar em íntima relação com espíritos de pessoas vivas, que, no estado de vigília, alimentam e realizam maus pensamentos, ou más intenções. A respeito, pude fazer algumas observações interessantes, como adiante seguem.

Certa vez, ao abandonar meu corpo, ascendi no espaço e desci, em seguida, nos arrabaldes de uma cidade do interior. Percorria com certa velocidade o espaço e assim atingi uma praça deserta e simi-abandonada. Em dado momento, repentinamente, senti que me forçavam a desviar-me para um dos cantos da praça, mas procurei resistir à pressão. Foi o suficiente para que notasse vir do outro lado um vulto sombrio que, rápido, saltou sôbre mim. Senti uma impressão penosa, como quem sente mal-estar na presença de uma pessoa extremamente desagradável. O meu movimento de esquivança foi repentino e procurei voltar para casa, para acordar. Porém avisaram-me intuitivamente que eu devia repelir aquêle vulto, que corria atrás de mim, antes de acordar. Deu-se, então, uma coisa interessante: ao invés de ir para minha casa, a fim de acordar, fui parar em casa de meus pais, num quarto em que antigamente dormira, e que, a essa época, estava transformado em escritório. Porém ali, ao chegar, vi o quarto arrumado tal como quando eu o ocupara, e imediatamente o meu "Eu" se lançou sôbre a cama, como se fôsse a minha. Ao mesmo tempo, vi o vulto que me seguia aparecer nos pés da cama e assumir o aspecto de um fantasma sombrio, igual aos que se vêem por aí desenhados, como se tivesse sôbre o corpo um grande lençol, que oscilava com o

movimento dos braços. Mantive-me atento e indiferente à pantomima. Vendo que nenhum resultado obtinha, aquêle vulto descobriu e mostrou um rosto cadavérico e aproximou-se do lado da minha cama. Aproveitando a aproximação, num gesto instintivo, evidentemente inspirado por outrem, ataquei, em pleno rosto, aquêle importuno, esbofeteando-o com violência. Arremessei-o, assim, sôbre a minha própria cama e em seguida dei-lhe, com uma rapidez incrível, mais umas duas ou três taponas. O susto que lhe preguei foi tremendo, porque o vulto não esboçou nenhum movimento de defesa e apenas procurou fugir, o que fêz logo que pôde, voando espavorido pela janela afora. Mal isso aconteceu, senti-me levado daquele quarto improvisado para o quarto da casa que nessa ocasião ocupava, e acordei tranqüilo.

Em outra ocasião (residia então no bairro do Jabaquara), sentia-me levado por sôbre várias colinas, quando me vi acima do leito de uma estrada de ferro, por sôbre o qual continuei avançando e, assim, avizinhei-me de uma pequena estação, em que divisei o letreiro "Taipas". Ia-me aproximando da gare simples, recoberta de um telhado de perfil triangular, quando minha atenção foi chamada para um prêto de certa idade, bêbado, que, ziguezagueando e gesticulando sôbre os trilhos, proferia nomes feios. Ao mesmo tempo, do outro lado da estaçãozinha, vi correrem céleres, para o meu lado, três vultos esguios, cujas formas não pude divisar bem, e no mesmo momento fui advertido de que devia voltar, porque ia ser agredido. Voltei-me, pronto a subir no espaço, mas um dos vultos, num salto ágil, alcançou-me, como que segurando minha roupa, e os outros dois agarraram-se ao primeiro. Senti-me pesado e pensei imediatamente em meu quarto, fazendo um esfôrço para ver se acordava. Assim foi que consegui chegar ao quarto onde, ao invés de acordar, cobri o meu corpo inerte sôbre a cama com o meu "Eu", ou o corpo do meu espírito. E nessa posição eu vi não só três homens mulatos, magros, altos, vestidos de roupa de brim claro, acaipiradamente, que me agarravam, como vi também, inopinadamente, surgir, nos pés da minha cama, um rapaz de altura mediana, retacado, de compleição hercúlea, que ràpidamente começou a desancar com fúria aquêles três caboclos. Nunca vi em minha vida uma luta mais rápida, mais violenta, mais extraordinária. O rapaz sovou, surrou, espancou os três caboclos como se êstes fôssem pequenos moleques frágeis, e a tal ponto que, breve, os três homens saíram voando pela janela do quarto. Logo em seguida, senti-me levado aos ares, pelos fundos da minha casa, e, perpassando por sôbre

umas árvores que ali existem, parei bem no alto ouvindo o que me diziam com uma expressão jocosa: "Olhe lá em baixo os três malandros!" E de fato, olhando, vi, na esquina de duas ruas que ali existiam, uma carroça, conduzida pacatamente pelo carroceiro, que caminhava ao lado, e sentados na rabeira da carroça, com fisionomias tristonhas, desalentadas, macambúzias, os três espíritos que me haviam perseguido, melhor diria, os três homens, porque ali estavam como se fôssem vivos, de carne e osso. Não pude deixar de sorrir ante as caras desapontadas que eu via, e voltei para o meu quarto, onde acordei impressionado ainda pelas emoções por que passara pouco antes. O mais interessante é que, na manhã seguinte, eu saí de casa recordando-me ainda da visão daquela madrugada e quando passei pela cêrca que rodeia o velho "Parque Jabaquara", [1] tive uma enorme surprêsa: ali, encostados à cêrca, e um dêles meio esparramado no chão, se achavam os três homens cujos espíritos me haviam perseguido à noite. Os mesmos homens magros, altos, amulatados, como se fôssem três irmãos gêmeos, vestidos de roupa de brim claro, acaipiradamente. Olhei-os bem para ver se não seriam fantasmas, fechei os olhos e olhei-os de nôvo, e depois passei e tornei a olhar para êles, a fim de ver se não teriam sumido. Mas êles continuavam no mesmo lugar, conversando entre si, vagabundamente.

Sabendo que existia uma estação "Taipas" na S.P.R. ou na Paulista, pois sou de uma cidade ao longo desta última, na primeira vez que fui para o interior, procurei verificar se seria aquela a que eu vira na ocorrência citada. A conclusão foi afirmativa, porque identifiquei não só a gare como o barranco alto que vira quando por lá passava em espírito, e os mais detalhes que então notara.

Porém nem sempre êsses inimigos eventuais da harmonia ou do bem-estar das almas ou das coletividades assumem aspectos tão simples. Nas saídas que tenho tido, já algumas vêzes encontrei entidades que devem ser mais temíveis, porque os que me acompanhavam fugiram positivamente ao encontro.

Assim é que uma vez, após ter eu atravessado uma pequena cidade, aproximei-me de uma encruzilhada e como notasse que me arrastavam para a estrada que me parecia mais sombria, fiz esforços para parar e seguir pela outra estrada, que me pareceu mais bonita, mais bem iluminada.

---

(1) Rodeava, à data em que êsse trecho foi anotado, aí por 1944.

Primeiro, tive a impressão de que ia conseguir o meu intento, mas logo me desiludi, porque fiquei parado na estrada e por mais esfôrço que fizesse não conseguia caminhar. Perguntei-me, então, por que seria que estava eu parado e, como que para responder-me, um jato de luz mais forte se fêz à minha frente, de forma que vi mais adiante, projetada no chão, a sombra de um soldado caminhando no mesmo sentido que eu, armado de uma carabina com baioneta calada, o qual, em atitude de prevenção, semi-agachado, avançava lentamente, olhando, cuidadoso, para um ponto qualquer mais à frente. Compreendi que o soldado ali estava para proteger-me e perguntei então o que estaria impedindo o nosso avanço. Como que para ter uma resposta, fui elevado no ar a uma altura apreciável, de onde eu via a estrada em que estava alargar-se mais adiante e prosseguir longe. Porém, imediatamente, chamou-me a atenção um vulto enorme, cinzento-esbranquiçado, mais parecido a uma nuvem densa, que se movia lentamente entre umas árvores, à margem da estrada, um pouco além do ponto em que eu estava, em atitude de espreita e de espera. Percebi logo que ali estava o perigo e, no íntimo, concordei em ser levado pelo outro caminho. Imediatamente fui compreendido e levado pela outra estrada, continuando a excursão sem maiores acidentes.

De outra vez ainda, de volta de uma peregrinação que fizera pelo arrabalde de uma grande cidade sombria, vinha eu deslisando ràpidamente, debaixo de um céu enovelado de nuvens pesadas, por sôbre uma estrada extensa, ladeada de campos, que cobriam um terreno desigual, cheio de colinas e baixios, cujos acidentes eu ia lùcidamente anotando. Assim percorri um grande espaço vazio, vendo perpassar debaixo de mim aquela sucessão de paisagens. Em dado momento, notando que a minha velocidade diminuia, atentei à frente e vi que a estrada sôbre a qual deslisava mergulhava entre dois altos barrancos cobertos de árvores, que a angustiavam em estreita garganta. Enquanto isso observava, senti-me bruscamente levado para fora do rumo da estrada, até uma elevação vizinha a esta, que antecedia de uns quarenta ou cinqüenta metros as elevações que davam existência aos barrancos que eu notara. Ali, naquela elevação, colocaram-me deitado sôbre o gramado, de forma que desapareceram de minha vista os barrancos e a estrada. Aquietei-me, como senti que devia ficar, mas não me contive e, levantando-me um pouco, lancei um olhar de curiosidade para a estrada, a fim de ver o que me obrigava àquela parada imprevista. Vi então passar pela estrada, vindo de entre

os barrancos pelos quais esta penetrava, como que uma nuvem muito escura e muito maior em tamanho que um grande elefante, porém com a forma do corpo, pescoço e cabeça de um cavalo. (1) Essa figura estranha também voltou para o lado em que eu estava aquela espécie de cabeça, mas, talvez por nada haver notado, continuou pela estrada, seguindo a direção de que eu viera. Logo em seguida fizeram-me acordar.

Evidentemente, essas precauções estão a indicar uma possível influência dêsses elementos estranhos (espíritos mal intencionados, ou fôrças de influência perniciosa) sôbre os espíritos de pessoas vivas, ou mesmo sôbre os organismos destas.

E o reverso, isto é, a influência de nossos espíritos, ou de nossas fôrças, sôbre os espíritos de outras pessoas, também me parece exato. Isso, aliás, é que permitirá a colaboração entre os espíritos de pessoas vivas e os de pessoas mortas, o que presumo deve ser muito mais intenso do que por um rápido exame do assunto se poderia supor.

Já freqüentemente tenho ouvido de pessoas que sonharam ter feito grandes trabalhos e, ao acordarem, sentem-se cansadas. Talvez a falta de um desenvolvimento mediúnico suficiente nessas pessoas seja a causa de não terem tido um conhecimento mais completo dêsses acontecimentos. Comigo já tenho, porém, notado, quando em desdobramento, como essa colaboração é e pode ser intensa. Ainda recentemente (abril de 1945), num desdobramento que tive, senti-me levado pelo espaço, muito alto, tendo a impressão de que voava por sôbre grande extensão do oceano. Ao descer, fi-lo em um local que me pareceu um grande "bar", onde se aglomerava grande quantidade de pessoas sentadas ao redor de mesas, ou de pé, transitando de um para outro lado. Fronteiro ao local em que me encontrava, li um letreiro que me pareceu indicar o nome do estabelecimento, que era constituído de duas palavras, a última das quais, "Germaine". Não vendo razão para permanecer naquele local, fui a uma das janelas que davam para uma espécie de balcão que, nesse lado, cercava o prédio e, lançando o olhar para o céu, meio coberto de nuvens, perguntei: Senhor, que faço eu aqui se,

---

(1) Posteriormente à data em que êste trecho foi escrito, lendo livros sôbre astronomia, encontrei fotografias da nebulosa escura, denominada "cabeça de cavalo", próxima à constelação de "Orion", e pude verificar a integral semelhança da cabeça do estranho sêr que vi com a dita "cabeça de cavalo" da nebulosa citada.

neste momento, bem podia fazer alguma coisa de útil? Como que em resposta à minha interpelação, senti que alguém, depois de tocar no meu braço ligeiramente, passou à minha frente, como que me convidando a que o seguisse. Assim eu fiz. A pedaços, um facho luminoso descia do espaço sôbre o vulto que me antecedia uns dez passos e que percebi ser o de uma mulher já de meia idade. Seguindo o vulto, que se deslocava com rapidez à minha frente, não notei os acidentes pelos quais ia perpassando até que, moderando a velocidade num canto de praia de mar ou espraiado de ribanceira de um rio, eu me vi junto a uma cidade. Lembro-me de que, nessa ocasião, eu me disse a mim mesmo: "que lugar esquisito êste aqui!" Mas a senhora que caminhava em minha frente, atendendo à minha surprêsa, observou: "Como é que está estranhando? V. tem vindo aqui tantas vêzes, não se lembra?" Apesar dêsse esclarecimento, o lugar continuava desconhecido para mim. Avançando, todavia, ingressei numa das ruas que dali saíam e vi encanamentos de água vasando e alagando o calçamento, uma parte do qual me pareceu revolvido. À minha frente vi, logo em seguida, o vulto que me guiava entrar por uma porta pequena. Acompanhando-o, desci para um porão, ao qual ia ter a escada que se seguia àquela porta. Pareceu-me logo um abrigo anti-aéreo ou hospital de campanha subterrâneo. Ali, naquele porão, reinava grande confusão de péssoas, havendo gente que se movia em um trabalho intenso e pessoas deitadas em vários beliches superpostos, as quais pareciam feridas. Já então, guiado por um forte instinto, aproximei-me de um beliche no qual um prêto, ainda môço, robusto, de rosto cheio e luzidio, com blusa militar, jazia deitado e ofegante. Assim que cheguei ao lado da armação que fazia parte do beliche, o môço, que olhava para o outro lado, fêz um movimento brusco, como que convulsivo, meneando a cabeça. Vi os seus olhos fechados e nìtidamente o ouvi dizer: "Não, não, eu tenho mêdo". Num gesto incontido, enquanto eu lhe dizia: "não tenha mêdo, meu amigo, não vê como nada de mal existe?" — segurei, com as minhas mãos, a cabeça dêle, que se voltara para mim. Nesse momento, o bafo de sua respiração chegou até o meu rosto e senti o cheiro forte de remédio que dela exalava. Porém, aí, a respiração como que sofreu uma parada em seu rítmo, seguindo-se dois ou três suspiros profundos e bruscos e um ligeiro tremor, após o que parou de vez. No mesmo instante, as minhas mãos se afastaram da cabeça do môço, que eu ainda via, trazendo entre elas uma outra cabeça, ou melhor, a cabeça espiritual, que eu já não

via. O corpo lá continuava e, com êle, a cabeça física, que ainda eu enxergava e, no entanto, ali, entre as minhas mãos, eu percebia que se encontrava a mesma cabeça do môço que eu pegara, mas agora invisível. Mal me afastara um pouco e um forte facho de luz desceu do alto iluminando-me e fazendo-me subir até atravessar o teto que cobria o abrigo. Chegando ao ar livre, alguém tomou de entre as minhas mãos aquela cabeça que eu não via e, em seguida, o facho de luz afastou-se à medida que ascendeu no espaço. Compreendi, então, que auxiliara o espírito de algum soldado a desencarnar-se.

Quando, em virtude da Guerra (1939-1945), a dificuldade da obtenção de certas matérias primas para a indústria era aguda e os seus preços estavam tabelados, à Companhia em que trabalho, pelo Consulado de um dos países aliados, foi encaminhado certo indivíduo, judeu, cuja firma se via ameaçada de ingressar na lista negra daquele país, a fim de que o mesmo nos entregasse, pelo preço do tabelamento, certa matéria prima que importara com o fito de especular. Como condição para evitar a sanção de que estava ameaçado se lhe impunha, entre outras coisas, entregar as mercadorias recebidas daquele país pelo preço do tabelamento. Ao tratar conosco, lembro-me perfeitamente, achava-se o homem profundamente transtornado pela emoção. Ignoro se a contrariedade, o receio de prejuízo ou prejuízos efetivos lhe causavam sentimentos violentos, mas, de qualquer forma, era visível que o pobre homem sofria profundamente e se sentia confuso, desnorteado. E foi assim que o vi sair, depois de ter estabelecido o preço total da operação e as condições de entrega da mercadoria, a qual devia ser iniciada no dia seguinte.

Todavia, na manhã seguinte, o sócio do homem nos comunicou que êste, na véspera, ao invés de recolher-se à sua casa, dirigira-se a um hotel [1] e, de uma de suas janelas, atirara-se ao solo, morrendo. Desde a véspera, eu ficara dolorosamente impressionado com o estado de confusão que percebera naquele homem e a notícia de seu suicídio me foi muito penosa. Porisso, nessa noite, rezei empenhadamente para o bem daquela alma, que devia estar padecendo e, de madrugada, tive ensejo de participar da seguinte ocorrência: em dado momento, vi-me deslocado de meu corpo mas deitado sôbre êste; sinto então que, dando volta pelos pés

(1) No Edifício Martinelli.

de minha cama, se aproxima de minha cabeceira um vulto, que se parecia com um grande homem de neve, porém prêto, carregado de lama, que lhe escorria pelo corpo. Êsse vulto vinha soluçando perdidamente, sob o domínio de uma intensa angústia. Quando êle se aproximava, uma voz ciciou-me aos ouvidos o nome do judeu que se suicidara, dizendo-me que era êle que ali se encontrava. Dirigi-me então ao vulto e pedi-lhe que não se entregasse àquela angústia e visse que êle já estava morto e que ali, ao seu lado, alguém desejava esclarecê-lo e ajudá-lo.

Percebi então que ao meu lado se erguia como que uma parede escura, que separou de mim o vulto que se me defrontava. Do outro lado dessa estranha parede, fêz-se, em seguida, uma luz intensa e cheguei a ouvir, do judeu, uma exclamação patética: "Ó Deus de Israel!" — a que se seguiu um diálogo que não compreendi, mas foi breve. Ato contínuo, apagou-se a luz, desfez-se a parede e à minha frente vi, novamente, o estranho vulto, que chorava ainda, mas suave e tristemente. "Obrigado — disse-me êle — obrigado pelo que fêz por mim. Não me esquecerei". E deslisando para donde viera, desapareceu o vulto.

Parece evidente que, à vista de minhas disposições, os amigos espirituais do falecido, aproveitando-se das fôrças mediúnicas que eu podia proporcionar-lhes, esclareceram aquela alma, que se debatia em profunda angústia.

Por outro lado, inúmeras vêzes notei que os espíritos, preocupando-se em nos beneficiar, tomam iniciativas e realizam trabalhos excepcionais. Já referi fatos relativos a mediações e atenções de que fui objeto e que melhoraram minhas disposições. Lembro-me de vários casos, alguns extraordinários, mas um dêles posso, desde logo, relatar, transcrevendo o que anotei imediatamente após o ocorrido, com tôdas as minúcias.

Ei-lo:

"Madrugada de 3/9/45.

Há mais de uma semana que se faziam sentir em mim os sintomas de uma pleuridina. Esta noite, deitara-me com costas e peito doloridos e uma sensação mais acentuada de cansaço.

De madrugada, senti, em dado momento, que à frente da minha cama se fazia uma luz muito forte, que se projetava sôbre mim, estando eu deitado. Alguém aproximou-se

do meu lado esquerdo e, segurando minhas mãos espirituais, assentou-as sôbre o meu peito, como que para uma massagem ou um passe. Logo em seguida, outro vulto se aproximou pelo lado direito. O primeiro, que cheguei a pensar fôsse meu pai, parou seus movimentos e interrogou o segundo com um gesto. Êste, aproximando-se mais, mostrando-me seu rosto aquilino e risonho, encostou a cabeça no meu peito, como quem ausculta. Assim fêz durante um breve tempo e disse em seguida ao primeiro: "Precisamos reduzir à metade". A seguir, ambos se afastaram. Aproximou-se então alguém, que me pareceu um enfermeiro e que colocou sôbre o meu corpo, ou antes, na altura de meu pescoço, alguma coisa que me impediu de ver o resto do corpo. Era como se fôsse uma armação. Depois, senti uma agulhada que me penetrou o tórax. A seguir, senti ainda, durante uns 4 ou 5 minutos, vários toques ligeiros no interior do meu peito, como se de lá estivessem tirando coisas. Transcorrido aquêle tempo, que me pareceu longo, senti-me como que desalojado de mim e me vi distante do meu corpo e, onde devia ser o meu peito, notei como se fôssem cachos de bolinhas pequenas e brancas que estavam sendo banhados por um líquido branco, semelhante ao leite, que era coletado por baixo. Tive a impressão de ser um líquido fisiológico especial de que se embebiam aquêles cachos. Ao mesmo tempo, um médico, com um instrumento em suas mãos, auxiliado por dois outros, localizava pequenos pontos escuros entre aquêles cachos, que êle, maneirosamente, extraía. Essa operação durou ainda uns quatro ou cinco minutos, que me pareceram longos. Em seguida, aquêles homens deram por terminado o serviço e, colhendo o seu material ali existente, retiraram-se, enquanto a luz se apagava. Quis, então, acordar, mas não consegui. Não me impacientei porque intuição muito forte me dizia que devia permanecer quieto. Durou talvez 20 minutos. A imobilidade em que estava me era cômoda. Afinal, devagar, acordei, sentindo um enorme bem-estar. Já agora não sinto nenhum daqueles indícios desagradáveis de pleuridina".

Antes de terminar êste capítulo, acho que devo avisar aos tímidos que não se arreceiem das influências más que espíritos atrasados possam exercer. Isto porque tais espíritos só podem atingir-nos quando lhes facilitamos o acesso, e tal acesso vem a ser os maus pensamentos e as más ações com as quais se casam os fluidos daqueles. Tais espíritos fàcilmente são repelidos se nós não os temermos (dado que

o temor enfraquece nossa resistência) e orientarmos nossos pensamentos para idéias nobres e boas, que nos tornam inacessíveis às influências daqueles espíritos, conforme ainda oportunamente esclarecerei melhor.

Tudo isso quanto atrás ficou dito me tem valido imensamente para entender que entre os espíritos de pessoas mortas e os de pessoas vivas, não obstante as diferenças que os põem em planos e condições diferentes, subsistem laços, meios de comunicação ou entendimento que são indispensáveis para uma colaboração cada vez mais intensiva, exigida pelo destino comum de ambos.

Parte minúscula, infinitesimal da grande multidão que habita o universo, cada qual depende dos outros para a sua evolução e deve aos outros a sua colaboração. Essa lei que impera nos aglomerados sociais da nossa humanidade é também dominadora no destino dos espíritos. Isso me parece razoável, porque de tal lei depende a formação das melhores virtudes, tais como o amor, a caridade, a solidariedade, o espírito de sacrifício, humildade, paciência, lealdade, honestidade, etc.

Porisso, ela devia ser melhor compreendida e ainda melhor executada entre os homens.

CAPÍTULO XIV

De várias passagens do que atrás tenho escrito, pode o leitor concluir que, numa experiência semelhante à que me ocorre, há sempre alguém do outro mundo que me acompanha.

De fato, sempre me senti acompanhado nessas saídas. O curioso é que o acompanhante variou com os planos que percorri, e isso eu depreendo porque até a forma de tratar-me se modificou. Como já disse, algumas vêzes percebi que meu próprio pai, depois de falecido, me acompanhava. Não o via, porém ouvia sua voz, podia abraçá-lo e apertava-lhe a mão muito minha conhecida. Levou-me êle para lindos passeios, ou a excursões muito instrutivas. Sòmente uma vez eu o vi entrar em meu quarto, acompanhado por um espírito desconhecido. Achava-me então muito doente e êle veio dar-me conselhos. A minha surprêsa e o meu contentamento foram tão grandes que pouco guardei do que êle me disse. Porém a sua voz, a sua figura, tudo nêle pude ver como se estivesse vivo. Foi essa a única vez que o vi depois de morto (*).

Em outras ocasiões, vi-me acompanhado por vultos desconhecidos. Noutras vêzes, ouvia apenas vozes, ou estas se faziam ouvir quando, por qualquer circunstância, minha curiosidade pedia alguma explicação. Não raro, percebia o meu acompanhante porque a sua luz se projetava por detrás de mim sôbre o solo, vendo eu então a minha sombra sôbre a claridade emitida pelo meu companheiro.

Todavia, quando comecei a percorrer regiões inferiores, vi-me acompanhado por vultos escuros ou por animais, especialmente o cão, os quais me defendiam quando alguma sombra inimiga tentava agredir-me.

Êsses vultos escuros, não obstante amigos, troçavam de mim e não raro me molestavam por brincadeira, o que me aborrecia.

(*) Depois da data em que redigi êste trecho, tive outras visões de meu pai, como se verá adiante.

Mas, indisfarçàvelmente, todos nós, além dos amigos afetuosos conhecidos, devemos ter espíritos protetores adiantados que nos assistem e se não nos acompanham assìduamente, freqüentemente olham por nós.

Inúmeras vêzes vi distante, como se fôsse uma estrêla fulgente, ou formosa lua cheia, alguém que procurava acompanhar-me nos passeios, olhando-me de longe. Sabia eu que era alguém interessado em ver-me, em assistir-me, em examinar o meu estado, mas que não se revelava. No entanto, certa vez em que me sentia triste e desejoso de alçar-me a planos melhores, andando por um lugar sombrio, que me parecia uma estrada fechada por arbustos em noite escura, senti, de repente, que se erguia ao meu redor e por cima de mim, uma espécie de parede, que depressa se fechou como um túmulo, dentro do qual me vi agachado. Não tive, porém, mêdo, porque um sentimento de confôrto me invadiu, ao mesmo tempo que uma luz radiosa penetrou pelas frinchas das lápides que cobriam aquela espécie de túmulo em que me achava.

Veio-me, em seguida, a intuição de que devia estender a mão pelo meio daquelas frinchas. Tentei fazê-lo e vi que elas se dilatavam à medida que minha mão avançava. Assaltou-me então a idéia de que papai é quem teria corrido para me consolar e imaginei logo que iria ter na minha mão a sua mão grande, rugosa e tão minha conhecida. Todavia, uma surprêsa me aguardava, porque, ao invés da mão de meu pai, senti a mão suave, pequena e frágil de uma môça. Ao apertar aquela mão, um estranho sentimento me invadiu. Parecia-me que uma grande amizade, muito antiga, de há muitos séculos atrás, ali continuava empenhada em auxiliar-me, interessada no meu destino. Foi rápido aquilo. Logo aquela mão gentil se retirou acompanhada da luz que a antecedera. O sarcófago que me prendia se desfez e vi-me no mesmo lugar sombrio atrás descrito. Desejei acordar e, ao fazê-lo, assaltou-me uma grande nostalgia, uma saudade estranha, que me acompanhou vários dias.

Parece, porém, que, por melhores que sejam as nossas amizades no outro mundo, elas não podem valer senão como estímulo. O trabalho que nos cabe, nós mesmos é que precisamos resolvê-lo. O exemplo supra ilustra essa conclusão e, melhor que êsse exemplo, outro ainda posso citar.

Certa noite, fui deitar-me profundamente preocupado com uma situação de minha vida que havia vários dias me

atormentava sem que eu soubesse como resolvê-la. Fazendo as minhas orações, pedi que os meus amigos, os meus guias do outro mundo me apontassem, de qualquer forma, a solução, que eu a executaria, fôsse ela qual fôsse.

De madrugada, depois de acordado, senti-me, em dado momento, como se estivesse para exteriorizar-me. Percebi, porém, que alguém se achava ao meu lado, na cabeceira de minha cama. Ocorreu-me que êsse alguém seria papai e não me contive que não perguntasse:

— É papai?

— Sim, respondeu-me a sua voz muito minha conhecida.

— Papai, o senhor veio para ajudar-me?

Nenhuma voz me respondeu e eu, então, insisti:

— Papai, o senhor sabe qual é o meu problema, que é difícil para eu resolver. Não sei como agir. Se seguir as minhas convicções, farei F.ª sofrer e eu, a meu ver, não tenho êsse direito. Por outro lado, se deixar de atender às minhas convicções, tenho a impressão de que terei errado. Como devo proceder?

Foi com nitidez que ouvi a sua resposta:

— Não posso, meu filho, indicar-lhe o caminho. Você mesmo tem que procurá-lo. É contingência da vida; o próprio sofrimento que resultar do êrro que você vier a cometer lhe será benéfico, pois, com a experiência que adquirir, passará a evitar encruzilhadas difíceis no futuro.

Compreendi, nìtidamente, que papai não poderia incul-car-me a melhor solução. Eu enfrentava um problema que a minha imprevidência, a minha inexperiência criara. Precisava agora resolvê-lo eu mesmo, enfrentar-lhe as conseqüências, para que, no futuro, soubesse como conduzir-me entre os muitos ensejos semelhantes que a vida apresenta.

Assim, parece manifesto que são sempre limitadas as condições de influência dos espíritos sôbre os vivos. Essa influência é apenas corroborante e se exerce dentro do plano ou do nível das condições de vida moral, ou de elevação da pessoa viva. Assim, se esta, pela ordem de suas idéias, de suas convicções, de seus objetivos e anseios se nobilita, recebe influências benéficas e úteis, e se, ao contrário, se rebaixa, as influências decaem em merecimento e podem tornar-se perniciosas. Todavia, em qualquer condição, o vivo pode ficar livre dessas influências pela reação de sua vontade contra o ambiente,

através do qual se exerce a influência dos espíritos que o rodeiam.

Ao vivo, cumpre, pois, nutrir coragem e energia para reagir contra suas más disposições, adquirindo independência de ação e, em seguida, aproveitar essa independência para decididamente procurar, através da modificação de seus hábitos, de seus pensamentos normais, melhor ambiente para si, a fim de se tornar acessível às boas influências.

CAPÍTULO XV

ESTOU vivendo o início de 1963. Precisamente, hoje é 5 de março dêsse ano. Estou absolutamente empenhado em terminar, ou melhor, em completar êste relato, e convencido, como já me encontro, de que, para recuperar a antiga facilidade na verificação dos fenômenos, indispensável se fazia que minha vida atingisse a um nível elevado de pureza, acabo de renunciar, forçando os acontecimentos — o que me foi e está sendo muito doloroso, — à convivência de uma mulher capaz de concorrer para uma vida material comum feliz.

O relato, há muitos anos, ficou estacionado no capítulo XIV. Todavia, não deixei de ir anotando as ocorrências que se verificaram nesse interregno, contrariando, assim, o aviso inicial que fiz na Introdução, de que não me referiria a datas, por não ter tomado apontamentos oportunamente. Aliás, outras contradições surgirão ao leitor atento que perlustre êste relato das primeiras às últimas páginas. Na realidade, não são contradições, mas mudanças de conclusões, como resultado de ocorrências ou observações verificadas umas antes, outras posteriormente. Isso porque êste relato está sendo, por imposição dos acontecimentos, elaborado por etapas, no decurso de tôda uma existência. As primeiras linhas começaram a ser escritas aí por 1942, quando eu tinha 35 anos de idade, num esfôrço de recapitulação de fatos e ocorrências que se vinham dando desde a infância e juventude. Até 1945, ou 46, foi sendo ampliado normalmente. Depois, pouca coisa foi acrescentada, pois a evolução das minhas condições de vida pôs-me na contingência de ter que aguardar melhor oportunidade e ficar, apenas, na base das anotações ocasionais, para ulterior aproveitamento. Aliás, essa evolução das condições da minha vida influíram poderosa e decisivamente na verificação das ocorrências, objeto principal dêste relato. Já no final do capítulo III, com o conjunto de observações de que dispunha então, escrevi que "nos períodos de minha vida em que se modificaram sensìvelmente os meus hábitos, passando eu a levar uma vida pouco ou nada espiritual, com preocupações apenas materiais e subalternas, mo-

dificaram-se também os fenômenos, não só nas condições que os rodeavam — como a seguir também se verá — mas, bem assim, na impressão que freqüentemente passou a caracterizá-los, ao ponto de quase se assemelharem exclusivamente aos sonhos normais, perdendo, em conseqüência, as características que absolutamente os diferenciam dos sonhos". Nessa época, todavia, não podia julgar tão bem quanto hoje em como a interligação das condições de vida com as ocorrências é profunda. Os acontecimentos posteriores da minha vida vieram torná-la evidentíssima.

Casara-me aos 33 anos, em 1940. Levara uma vida de solteiro quase comum. Digo quase, porque períodos houve em que o idealismo inspirado pelos meus estudos e pensamentos sôbre a ordem universal me levou a fases de comportamento exemplar, sem deslises ou fraquezas, o que não é muito freqüente entre os môços. Nos primeiros anos de matrimônio, sòmente me dediquei ao trabalho, à família e ao bem que podia fazer aos meus semelhantes. Fui integralmente fiel à minha espôsa. Todavia, no ano de 1946 (novembro), ocorreu um fato que influiu profundamente nas condições de minha vida particular. Nessa ocasião, conheci uma mulher estranha, bonita, que forte influência sexual passou a exercer sôbre minha pessoa.

Como acontecem essas coisas?

Já no capítulo III, com a intuição do meu destino, escrevia que "poucos procuram fugir ao tentacular redemoinho da vida, olhando, às vêzes, por cima dos seus objetivos imediatos, para fitar, ao longe, o complexo conjunto das grandiosas coisas visíveis no universo. Muito mais raros, ainda, são os que adquirem o hábito de manter alevantada a sua vista, jamais deixando de encarar a vida sem ter em mente o conjunto do universo. Por ter notado isso desde cedo, sempre procurei ser dos últimos, mas, com sinceridade, confesso que"... etc. Na realidade, em conseqüência das exigências normais da vida, o comum dos mortais deixa-se progressivamente dominar pelas preocupações e objetivos mais imediatos, distanciando-se imperceptível e constantemente do exame e dos cuidados relativos aos problemas superiores, universais. Em decorrência, esmaece, sombreia-se na mente de cada um, a idéia de que os esforços e os trabalhos que realiza são simplesmente de seu dever para com seus semelhantes e para com a sociedade de hoje e de amanhã. E, de outro lado, cresce, avulta em cada qual a convicção de que aos esforços e trabalhos realizados devem corresponder, necessàriamente, com-

pensações satisfatórias; deseja-se dos beneficiários dos esforços e trabalhos, ou quando não da própria Providência, um pagamento, uma remuneração, um reconhecimento, uma recompensa, o quanto possível mais rápido, mais objetivo. E em matéria de compensação, uma relevante, que se reflete num estímulo estranho, em entusiasmo de viver, é, para o homem normal, a aventura com uma mulher bonita, bem feita, atraente. Eu andava cansado, sentindo a necessidade de um confôrto excepcional, de um "relax" que o meu lar não propiciava, e o encontro com aquela mulher correspondia ao meu anseio, que o destino já vinha frustrando. Depois de encontrá-la, procurei revê-la e, poucos meses depois, as nossas relações evoluíram para uma ligação continuada, não obstante, de tôdas as formas, ilegítima, pois a môça era casada e não tardou em deixar o marido. Para maior desastre, a mentalidade dessa môça não sabia fugir à vulgaridade e o sensualismo se tornou, progressivamente, a nota dominante de nossas relações, apesar do meu empenho de dar às mesmas um cunho de amizade mais nobre, de que resultasse elevação para aquela môça através de mais instrução, cultura e formação moral.

Lembro-me de que eu fôra avisado do risco da aventura. Pouco tempo antes, tivera uma estranha visão: do alto de um parapeito em que me achava, sabendo lá estar em espírito, vi três homens lançarem-se às águas para atravessar um canal. Quando os mesmos nadavam no meio dêsse canal, estranhos animais, semelhando grandes flôres de longas e numerosas pétalas, que mais se assemelhavam a tentáculos, conseguiram envolver dois dêles e arrastá-los para o fundo, para o lôdo, enquanto apenas o terceiro chegava com esfôrço até a outra margem. Alguém ao meu lado disse-me: "Assim as paixões arrastam o homem para o lôdo". Pois bem. Mal começaram a suceder os meus encontros com aquela mulher, uma noite dei por mim, em espírito, envolvido pela mesma estranha flor, cujos tentáculos, ao procurar afastá-los, feriam-me dolorosamente. Logo notei, também, como já me era doloroso romper aquela ligação e por isso a continuei por alguns anos, passando a ser submetido à mais dolorosa experiência, de que darei notícias adiante.

Antes, desejo, em rápido bosquejo, fixar a evolução dos acontecimentos de minha vida que acompanharam essa modificação de conduta moral ou a ela sucederam e o paralelismo dessa evolução na ordem das ocorrências que comigo se verificaram. Sòmente no início de 1953 se rompeu a situa-

ção criada em fins de 46 e princípio de 47. Tive, então, a oportunidade de uma recuperação no plano espiritual, o que efetivamente encetei. As ocorrências dessa época dão indicação de uma lenta e insegura modificação nesse plano. Isso porque em verdade continuava, no fundo, tocado pelo anseio de compensações materiais, que se acentuou poucos anos depois, em 57. A 17 de julho dêste último ano, escrevia eu:

"Ontem, senti-me desesperado com o acúmulo de contratempos que me têm perseguido. Cansado, esgotado dos nervos, cheguei à conclusão de que o esfôrço de contrôle que venho realizando contribui para a minha irritação e que melhor seria, como compensação, eu procurar distrações e satisfações materiais. Todavia, esta madrugada, sonhei que, com outros palhaços, pois eu assim me parecia, chegava ao fim de uma estrada, que era o fim da vida, e comentávamos que íamos enfrentar a morte inquietos, pois a nossa vida poderia ter sido muito melhor do que fôra, dado que havíamos procurado gozá-la, ao invés de, por meio dela, nos elevarmos, honrarmo-nos perante a nossa própria consciência. A morte parecia-me sombria, triste. Nisso, percebi que ali estava em espírito e melhor seria que, ao ter de enfrentar o momento supremo, eu pudesse fazê-lo com serenidade, levando o cabedal de uma vida nobre, mesclada de sacrifícios. E prometi-me a mim mesmo que me continuaria esforçando em ser útil, sem preocupar-me com o desfrute da vida. Assim acordei, mas, acordado, senti-me algo triste. A minha vida tem sido dura, difícil, cheia de decepções e contrariedades", etc.

Não era possível manter a cabeça erguida, acima dos acontecimentos fugazes da vida, e ter sempre presentes na mente os princípios e os conceitos superiores de ordem moral e filosófica que defluem da percepção da harmonia e grandeza do universo. As contrariedades impeliam-me a pescar, no tumulto da vida, as distrações e compensações transitórias... Para melhor destacar quer o paralelismo entre o meu comportamento e as condições da verificação dos desdobramentos quer a maneira como os mesmos se refletiram também sôbre a vida do meu lar, não obstante isso me seja algo difícil, passo a fazer uma síntese da minha existência.

No início de minha vida conjugal, tive que lutar espiritualmente para firmar o equilíbrio do lar. Logo depois do casamento, minha jóvem espôsa (18 anos) começou a sentir-se, com freqüência, nervosa, um tanto amedrontada. Pensei que fôsse o isolamento de nossa casa — fora da cidade — mas certa madrugada, quando ia saindo do meu corpo, notei

vultos atrás da cabeceira da cama, um dêles trançando os cabelos de minha espôsa. Procurei interferir, sem sucesso, e os vultos afastaram-se. Acompanhei um dêles, em quem tive a impressão de reconhecer certa môça com a qual convivera. Pedi-lhe que nos deixasse sossegados, mas, com fisionomia agressiva, fêz ela um muchocho e fugiu rápida, sumindo mais adiante. Fiquei estático, preocupado e fiz então uma prece, pedindo ajuda. Vi fulgir uma estrêla e ouvi uma voz que reconheci como sendo de um velho espírita, amigo de papai, há muito falecido, que disse que me ajudaria se eu estivesse disposto a lutar. Para isso, porém, devia eu, tôdas as madrugadas, ficar vigilante, até que os importunos chegassem. Prometi que o faria. Na madrugada seguinte, ao redor das duas horas, acordei com o susto de quem vê uma ave vir voando de encontro ao rosto. Logo me lembrei de que devia permanecer vigilante. Lutando contra o sono e o cansaço, procurei estar atento e assim caí em imobilidade, ficando meu espírito acima do corpo, deitado. Ao fim de certo tempo, passaram perto alguns vultos sombrios; um dêles avança para trás de nossa cama e começa a puxar os cabelos de minha espôsa. Num gesto rápido, agarro o pulso daquela criatura, que vejo ser uma mulher, com a qual passo a conversar, pedindo que modifique o seu procedimento. Ela teima em recusar, até que percebo duas figuras luminescentes segurarem-na contra a vontade dela e levá-la pelo espaço. Nas madrugadas seguintes, continuei sendo acordado de várias formas e pude observar que, nas noites em que não soube vencer o cansaço, seguiram-se dias em que ia encontrar minha espôsa da mesma forma nervosa, intimidada, chorando fàcilmente. Quando, porém, conseguia ficar vigilante, sobrevinham a oportunidade do afastamento de outra entidade e um dia tranqüilo no lar. Ocorreram, então, outros fatos curiosos, mas a extensão dêste capítulo obriga-me a resumir. Pouco mais de uma semana de trabalho me permitiu um lar tranqüilo e feliz.

Todavia, minha espôsa era dessas pessoas que se apavoram à só menção dêsses fenômenos. O problema religioso, para ela, não existia. Acreditava em Deus e isso lhe parecia o bastante. Não me dava, pois, no plano espiritual, ajuda, se bem que não me criasse dificuldades. Às vêzes, ao sair, ou ao voltar, meu espírito divisava, junto à nossa cama, entidades sombrias. Era-me fácil, porém, segurar tais entidades e enxotá-las.

Êsse contrôle, êsse domínio do ambiente espiritual junto de minha espôsa, e em todo o meu lar, dando, aliás, ensejo a observações curiosas que, em havendo ocasião, mencionarei, foi o que perdi logo no início de 1947. Como relatarei mais adiante, até eu mesmo passei a ser rodeado e dominado por entidades sombrias. Imperceptìvelmente, as condições de nossa vida conjugal foram-se alterando no decurso dos anos seguintes. Mesmo no período de 1954 a 1957 não pude mais recuperar a autonomia e facilidade com que agira anteriormente, na ocasião em que se verificavam comigo as ocorrências. E durante êsses anos, fui tendo avisos sucessivos, mostrando que lentamente a minha casa era solapada nos seus alicerces. Em 1958, foi-me mostrada essa casa desmontando-se e desfazendo-se sob a avalanche de um furioso caudal. Por maiores que tenham sido os esforços que fiz, em 1959 não houve outra solução possível senão a do desquite.

Prezado leitor. Se entro nestes detalhes, é para permitir, com honestidade de propósitos, aos que lerem êste relato, um confronto de datas para identificar os reflexos entre os fatos da vida cotidiana e as condições em que passaram a verificar-se as ocorrências. Porque elas variaram consideràvelmente entre si não só no período que antecedeu e no que sucedeu a 1947, como dêste último com o que se seguiu a 1953, e dêsses com o posterior a 1957 até hoje.

Êste capítulo, prezado leitor, fi-lo no mesmo dia referido logo nas suas primeiras linhas e quando espero estar caminhando para uma nova etapa da existência. Se assim não fôr, se eu não conseguir recuperar, pela renúncia a que me referi no início, a antiga facilidade na verificação das ocorrências, êste relato ficará terminado com a simples referência que vou passar a fazer das notas esparsas e relativas aos períodos que vieram de 1946/47 até hoje.

CAPÍTULO XVI

TENHO a impressão de que uma das leis do Universo é relativa à necessidade da acumulação de fatos, para que êles se tornem causa de profundas modificações nas estruturas existentes. No mundo físico podem ser referidos os seguintes exemplos: um temporal, um terremoto, um cataclisma sòmente se desencadeiam depois que durante dias, semanas, meses, anos, séculos, ou milênios se acumulem fatôres que os preparam e afinal os deflagram. Assim uma flor ou um fruto sòmente resultam depois que a semente foi lançada, germinou, o arbusto surgiu e as condições ambientes propiciaram seu aparecimento. Para terem reflexo no plano espiritual, os erros têm que se repetir mentalmente, ou na vida social, para que o próprio espírito se deforme e a queda se processe; do mesmo jeito, a virtude tem de ser cultivada e praticada seguidamente, para que a redenção seja alcançada.

No início de 1947, fui, desde logo, advertido, conforme referi no capítulo anterior, sôbre o risco que a aventura em que me envolvia traria para mim. Não foi, porém, êsse o único aviso que tive. Passando progressivamente a freqüentar ambientes sombrios, pouco agradáveis, onde encontrava figuras deformadas, às vêzes agressivas, que se expressavam, não raro, em linguagem obcena, as visões me assustavam, e a limpidez e facilidade nas ocorrências foram desaparecendo. Lutava, então, para dominar os acontecimentos, controlando os meus sentidos e evitando escravizar-me a êles, e vez por outra sobrevinha com maior clareza, mas com advertências, o fenômeno. A 16 de setembro de 1947, escrevi: "Já há alguns dias venho sentindo satisfação pela recuperação progressiva de visões agradáveis que venho tendo nos meus fenômenos, depois de um largo intervalo cheio de percepções pouco gratas. Há poucos dias, de madrugada, senti, como antigamente, que meu espírito estava para deslocar-se. Aliás, antes, percebera sôbre os meus olhos uma mão, que até parecera a minha, fazendo um passe sôbre os mesmos olhos, que, progressivamente, foram ficando melhores, e a vista, mais clara, alcançando mais longe. Ao deslocar-me, procurei localizar o meu

corpo material, mas não pude vê-lo, porquanto o achei coberto como que por um grande lençol branco. Aliás, o local em que êle se achava era diferente do de meu quarto, parecendo mais um jardim. Procurava identificar melhor o local quando um homem alto e forte, cujas feições não pude identificar bem, apareceu ao meu lado e me disse: "Nós somos como estações radio-telegráficas intermediárias, que recebem e retransmitem comunicações. Aquelas estações que não se habilitam e não se predispõem a receber os comunicados competentes são afastadas da linha de nossa comunicação, que passa adiante."

Compreendi, em complemento àquela explicação singela, que aquêle que não sintoniza com pensamentos e realizações elevadas não recebe idéias e intuições úteis e benéficas. Em seguida, fixando muito bem o pensamento nisso que ouvira, acordei.

Hoje compreendo mais que aquêle que se desmerece em pensamentos ou atos deixa de se tornar veículo de boas comunicações, de idéias e intuições benéficas.

Dois ou três dias após essa comunicação, creio que na madrugada de sábado, dia 13, tive ensejo de observar um espetáculo maravilhoso. Estando quase dormindo, de repente me senti levado até um compartimento escuro e ali pôsto como que à frente de um orifício iluminado, de que aproximei meus olhos. Vi, então, com tôda a nitidez, um disco luminoso, grande, e distingui nìtidamente que era uma esfera cuja superfície semelhava um grande deserto árido e revôlto, semeado de blocos enormes como que cristalizados, tudo em brasa ardente. À medida que observava, via que surgia, em um ou outro lugar, um ponto de luz mais intensa, que fulgurava com um brilho de fogo vivo e do qual subia, em seguida, um jato luminoso, que parecia gasoso, que subia alto e em curva até certa altura da superfície do globo e depois principiava a decair, extinguindo-se. No lugar de que o jato partira remanescia um orifício escuro de bordos irregulares. Compreendi que reproduziam à minha vista, em rápido desenrolar, os fenômenos que devem ocorrer na superfície do sol, ou de planetas em estado ígneo, e surpreendeu-me verificar que a superfície do astro, pelo que eu via, não parecia um mar de chamas, como até então eu supusera, mas um deserto revôlto de substâncias condensadas em que sobressaíam montanhas, como blocos cristalizados, tudo, porém, incandescente, e que essa substância cedia, em certos pontos, ao calor interno e subterrâneo, dando passagem às chamadas protuberâncias. Em seguida acordei verdadeiramente encantado com o que vira. Hoje, finalmente,

depois de sentir-me levado para o que me pareceu um cômodo escuro, fui alçado, de repente, por sôbre uma cidade tôda iluminada, sobressaindo à minha frente, num alto, uma igreja colonial, de duas tôrres, tôda branca, batida pelo sol, numa visão encantadora. Foi rápido, pois logo acordei, mas sinto satisfação por poder concluir que, felizmente, os fenômenos estão readquirindo sua nitidez e amenidade, o que parece indicar que estou recuperando o que, por erros e fraquezas minhas, perdera."

Enganava-me, todavia, sôbre a recuperação. A luta que eu travava era das mais difíceis de ser vencida. Quando se estabelece uma ligação com alicerce no prazer sexual, sobrevêm não apenas o apêgo carnal, o hábito do prazer, o encantamento pela distração e pelo estímulo que o prazer oferece, mas também ligações de ordem sentimental de difícil ruptura. Eis porque, apesar dos avisos recebidos e da percepção das conseqüências que a situação que eu criara trazia sôbre o meu espírito, prossegui mantendo ligações com a mesma môça, sob a pressão de um sensualismo cada vez mais dominador. As ocorrências tornavam-se mais penosas e tive oportunidade de observar que a minha representação espiritual se transformava, tendo eu, em certas oportunidades, formas monstruosas. Vi-me várias vêzes como se fôsse um centauro, caminhando pesadamente. A 24 de janeiro de 1948, consignei:

"Hoje, após minha oração e após dormir, vi-me em uma grande casa, como se estivesse prêso. A casa era sombria como os outros ambientes por que tenho andado. Uma mulher avançou e constrangeu-me quase a dançar com ela. O ambiente escureceu intensamente e ela procurou excitar-me sexualmente. Com delicadeza mas insistentemente procurei mantê-la afastada até que ela me deixou e eu comecei a percorrer vários corredores à procura de uma saída daquele local. Eram corredores sombrios e cheios de fisionomias deformadas e hostis. A cada momento, surgiam dificuldades que eu precisava transpor penosamente, até que me encontrei numa passagem comprida, ladeada por jaulas, onde ví várias pessoas aprisionadas, reconhecendo, em uma delas, um amigo. Ao passar ali, tive que me submeter a um tormento que me pareceu penoso, pois precisei intrometer-me por entre hastes de ferro que me feriram. A seguir, após mais alguns passos por outro corredor, vi uma janela, pela qual me atirei, rezando. A prece manteve-me no ar enquanto eu passava por cima de dois altos e negros muros. Em seguida, caí e sôbre mim avançaram dois cachorros, que me foi fácil afastar, porém, ao levantar-me, vi que me mordia ferozmente e se achava agar-

rado a mim um gato. Ao conseguir afastá-lo, como que levou um pedaço de minha carne. Sentia doer em vários lugares do corpo. Levantei-me, porém, e vi, logo adiante, um horizonte que começava a clarear para mim. Andei penosamente, a princípio, mas depois, com mais facilidade. Sentia-me ainda pesado. Assim caminhava quando uma luz, por trás de mim, me alumiou, projetando minha sombra sôbre a lama. Achava-me com uma grande capa e como que montado num animal também em parte coberto pela capa. Sentia, porém, que o animal era eu próprio. O céu e o horizonte começaram a modificar-se, colorindo-se. A estrada mesmo era de um azul anil formosíssimo. Ouvi vozes de pessoas que me acompanhavam e que se me mostraram quando ingressamos numa caverna em que havia água no solo. Ao entrar, minha aparência assumiu a forma normal, porém vi-me cheio de lama. Um dos acompanhantes avançou e, indicando-me a água com a mão, disse-me: "Lave-se agora aí, mas avise os que aqui estão para não perturbarem a água neste momento." Olhando então ao redor, vi que na gruta várias pessoas se encontravam, como eu, preparando-se para se banharem. Atendendo ao aviso, disse-lhes: "Peço aos que aqui estão que não perturbem a água neste momento" — e, em seguida, entrei no poço, cuja água subiu até meus joelhos. Instintivamente, agradeci ao meu acompanhante, que me respondeu: "Não é de hoje, há tempo já que o venho acompanhando. Agradeça antes a Deus, que lhe permite agora isso". Procurei elevar meu pensamento a Deus e caí, genuflexo, no pocinho. À medida que orava, notei que uma grande claridade se fazia, ao ponto de ofuscar-me. Em seguida acordei."

Desde então até 1952, não fiz mais anotações, excetuada uma de 16-12-51 (2 horas da manhã), em que, escrevendo rápida, incompleta e sumàriamente, relato a minha passagem por um local cheio de ébrios, alguns violentos e brigando com outros de mistura com animais monstruosos, grupos de outros espíritos sombrios, agressivos, procurando molestar os demais, inclusive eu, que deslisava baixo, próximo do solo, ao alcance de suas agressões. Relato aí que, orando e pedindo ajuda a espíritos superiores, apenas via como rajadas de luz iluminando as nuvens que cobriam o local.

Aliás, foi em conseqüência de então se terem tornado mais angustiantes e desagradáveis as ocorrências, que procurei evitar sua anotação logo em seguida, como devia ter feito. E o pior é que começara a perceber no meu quarto, enquanto o meu "Eu" se sentia imobilizado, incapaz de se afastar do meu corpo, figuras

sombrias, que me inspiravam temor e nojo. Certa noite, senti uma dessas figuras deitada sôbre o meu corpo, com a bôca colada ao meu pescoço, como que o mordendo. Um cheiro estranho e desagradável me afetava e eu estava imobilizado, sem poder mover-me, defender-me. Com grande custo, consegui acordar e, horrorizado, levantei-me para afugentar aquela impressão penosa. Fui até o banheiro e lá, olhando para o espelho, vi no meu pescoço, no local em que ainda sentia a sensação da bôca colada a minha carne, e de cada lado da veia que por ali passava, dois pontos rubros, como que de sangue pisado. Com o tempo, ali se formaram duas pintas. Tais visões se repetiram várias vêzes, impressionando-me profundamente. Posteriormente, as condições do fenômeno mais se modificaram. Já não tinha ensejo de perceber a minha saída do corpo. Quando dava acôrdo de mim, o meu espírito encontrava-se como bêbado, meio imbecilizado, ou confuso, na companhia de vários espíritos em condições semelhantes e outros de fisionomias perversas, depravados e imundos. Tinha a sensação angustiosa de ambientes de orgias e degradação, onde todos os excessos se cometiam. O abatimento moral que então sentia subsistia depois de acordado, sombreando penosamente a minha existência. O mal-estar, a intranqüilidade e o temor afastavam de mim o desejo de qualquer anotação e era comum, à noite, eu recear ir para o leito. Assim que os primeiros sinais da ocorrência se davam, ou que sobrevinha em mim a compreensão de que estava em espírito em algum lugar, lutava desesperadamente para acordar, freqüentemente sem sucesso. Via-me, às vêzes, envolvido em lama e fezes. Felizmente, foram as ocorrências progressivamente se tornando menos freqüentes e passando a ser substituídas por sonhos comuns. Vez ou outra é que, em meio a sonhos, dava tento estar eu em espírito, para padecer da angústia das novas condições do fenômeno. Ao acordar, fazia uma análise das ocorrências e compreendia que a mediunidade, que me dera, no passado, tantos momentos de satisfação e alegria, se tornara um fator de tortura, em conseqüência dos erros que cometera e que me puseram indefeso em contacto com a população chocarreira, viciada, inconseqüente e perversa do mundo astral. Dois caminhos salvar-me-iam dessa angústia: a perda da mediunidade ou o abandono daquela ligação tão dominada pelo sensualismo. O primeiro dêles estava-se verificando naturalmente, pois as ocorrências iam rareando. O segundo lutei por conseguir e tive nesse intento todo o apoio de entidades amigas, mas, para que êsse resultado fôsse alcançado, o indispensável era que eu mesmo me modificasse. A prova disso tive-a numa

noite em que, desesperando-me da minha situação, pedi insistentemente ajuda a meu pai. De madrugada, senti-me levado pelo espaço, o que há muito não ocorria, até um local de onde vi uma colina, sôbre a qual uma pequena e branca casinha se erguia. A distância, vi dessa casinha sair o meu pai vestido com uma longa túnica branca e fisionomia algo modificada, parecendo antes um velho habitante da antiga Grécia. Poucos passos deu na frente da casa, estacando em seguida, e eu fui sendo levado pelo espaço em direção a êle; mas, à medida que dêle me aproximava, uma fôrça me ia obrigando a abaixar-me, de forma que não pude mais ver-lhe a cabeça, depois o peito e assim por diante até que, ao chegar perto, à sua frente, apenas podia enxergar a ponta de sua túnica e de seus pés. Aflito, dirigi-lhe logo a palavra, pedindo-lhe que me ajudasse, e sua resposta foi singela, mas incisiva: "Filho, a porta que tem de abrir, abrir-se-á". Fui, em seguida, retirado do local e acordei. De fato, poucos dias depois tive oportunidade para o rompimento, pois surpreendi séria irregularidade na vida da môça, mas a minha fraqueza não permitiu o rompimento desejado. A porta, que tinha de abrir, abrira-se e eu não a atravessara. Sòmente em fins de 1952, como fruto do acúmulo das contrariedades e dissabores que se foram somando, principiei o rompimento, que se efetivou, afinal, em 1953. Concomitantemente, lutei pela recuperação da mediunidade, disposto a enfrentar tôdas as dificuldades. Todavia, longo e penoso seria o caminho de retôrno.

CAPÍTULO XVII

REALMENTE longo e penoso seria o caminho de retôrno e o relato das ocorrências verificadas nos anos seguintes mostra-lo-á de que forma.

Antes, porém, de transcrever tais relatos, creio que seria interessante preparar o espírito do leitor para que por si próprio tire suas conclusões sôbre a natureza das repercussões que as condições de vida material ou social de cada um provocam sôbre o respectivo estado espiritual e vice-versa. Para tal preparo, acredito que nada melhor do que dar a conhecer ao leitor aquelas a que eu mesmo acabei chegando. Êle as julgará antes de chegar às suas conclusões pessoais.

Reputo relevante êsse procedimento, inclusive pelo fato de que um melhor conhecimento da alma e das condições em que se processa o desenvolvimento de suas possibilidades nos leva a um maior senso de responsabilidade e melhor compreensão da autonomia que ela desfruta na ordem universal, autonomia essa que, se lhe confere atributos e lhe assegura regalias, que a exaltam ao nível de uma divindade, todavia a submete, irremissìvelmente, ao jugo das conseqüências do seu comportamento.

Quero prevenir que, para chegar às conclusões a que cheguei, parto do pressuposto, a meu parecer correto, de que o que aconteceu comigo foi a simples incidência em leis naturais que regem as interrelações dos planos espiritual e material. Pela circunstância de eu ser médium, de ter a possibilidade do desdobramento de minha pessoa (separando a física-inerte da espiritual, pensante e ativa), de, portanto, como dizem os indus, ter a virtude de poder estar em "vigília" espiritual, enquanto o corpo dorme, foi-me possível, no decorrer de decênios, ir verificando em como essas interrelações são extensas e profundas e também extensas e profundas são as influências de um plano sôbre outro. Acredito, mais, que nenhum sêr humano foge a essas leis que dominam tais interrelações, apesar de poucos, todavia, serem os que estão em condições de percebê-las. O que valeu para mim vale para todos, e, portanto, os homens em geral caminham sob as in-

fluências e os efeitos das reações espirituais que êles mesmos provocam com os seus atos e seus pensamentos no plano material.

É bom lembrarmos que a ciência moderna já tem como demonstrado que tôdas as matérias, aparentemente tão diversificadas e dissemelhantes, como o ferro, a água, a madeira, o ar, etc., provêm de uma única coisa, qual seja, a própria energia. Os eléctrons, os prótons e os nêutrons, que são modalidades dessa energia, conforme combinem entre si, dão origem aos poucos tipos de átomos que compõem as várias substâncias de que são feitos os corpos.

Interessante é, neste ponto, assinalar que os indus, em sua filosofia, já ensinavam, milênios antes de Cristo, que *tudo é um*. Essa filosofia, aliás, foi além. Lê-se no "Bhagavad Gita", Parte VIII, itens:

"18 — No princípio de cada dia bramânico, emergem tôdas as coisas da invisibilidade e fazem-se visíveis; quando, porém, começa a noite bramânica, tôdas as coisas visíveis dissolvem-se e tornam a ser invisíveis.

19 — O Universo, tendo uma vez existido, dissolve-se, desaparece com a chegada da noite bramânica; mas eis que é recriado, aparece de nôvo, quando, de nôvo, princípia o dia de Brama; mas não aparece da sua própria fôrça.

20 — Pois acima desta natureza visível e invisível existe o que se chama o "Imanifesto, o Imperecível".

E hoje, de acôrdo com as mais recentes pesquisas partidas dos conceitos de Einsten, completados por Alexander A. Friedman, sôbre a natureza do Universo, cria corpo, com as observações sôbre a velocidade da expansão das galaxias mais remotas de Hamason e W. A. Baum baseadas no desvio para o vermelho das luzes dessas galaxias, a hipótese cosmogônica do Universo "pulsante". Por esta, o Universo, que um dia partiu de uma explosão inicial e depois de um processo de retardamento a que, daqui a bilhões de anos, se seguirá o de retração, será conduzido ao ponto inicial (uma implosão), que seria a noite bramânica. Dentro daquela base científica, tenho para mim que a alma seria uma especial ou típica entidade, que pode irradiar e polarizar fôrças. Enquanto inconsciente de suas imensas possibilidades, vindo a ser solicitada por motivos ou fenômenos que a afetaram, realizou ou

realiza descontroladas emissões de energia que formam campos de fôrça, ou de magnetismo, que por sua vez exercem atração sôbre substâncias diversas, tal qual o ímã atua sôbre limalhas de ferro. Como as primeiras experiências causam surprêsa e mêdo, seguem-se as reações iniciais de fuga, ou de defesa e destruição e, em seguida, sobrevêm a raiva, o ódio, ou o amor, o apêgo, que ativam a condensação de substâncias densas, com as quais ela se acaba ligando aos corpos materiais em formação, passando a sentir os efeitos dos fatos ou fenômenos que atingem tais corpos. As experiências vão acentuando a marca de sua individualidade, que logo se inclina para o prazer e as satisfações que os corpos podem proporcionar-lhe. Êsses prazeres e satisfações condizem com as exigências dêsses corpos, aos quais se liga, não, porém, com a sua natureza íntima peculiar, que apenas recebe e confere a satisfação que os corpos lhe transmitem. Quanto mais dê atendimento a semelhantes exigências, mais se escraviza aos corpos materiais, compostos complexos de vida transitória, logo perecíveis. Nos interregnos das ligações que se sucedem com um e outro corpo, a ausência das mesmas percepções e emoções gera problemas e angústias e, assim, as experiências se acumulam até um ponto em que os conflitos entre os anseios de permanência, de perpetuidade daquela entidade e a transitoriedade da vida material levam a alma à luta pela sua liberdade. Esta luta implica na contingência da sujeição ou domínio do corpo material e suas exigências, e à medida em que êsse domínio se realiza, a entidade verifica que pode, conforme o tom que dê às suas vibrações, aos seus pensamentos, aos seus anelos, eliminar de seus campos magnéticos, ou de energia, as substâncias densas, e polarizar outras mais sutis e delicadas. E quando ela afasta de si as vibrações condensadas em matéria, revela-se com o fulgor crescente das vibrações luminosas.

Interessantes são, sem dúvida, as considerações que Pierre Teilhard de Chardin, no seu tão discutido livro "O Fenômeno Humano", traz para um melhor esclarecimento da origem dessa partícula especial ou típica que, talvez, não passe de uma expressão já parcelada do princípio espiritual do Universo. Segundo observa êsse escritor, a natureza não cria, de repente, uma forma superior de existência. Esta é sempre uma fase de um processo de evolução que se desdobra no tempo a perder de vista. Diz êle que a consciência não surge com inteira evidência senão no Homem, "mas, entrevista neste único clarão, ela possui uma extensão cósmica e, como tal, aureola-se de prolongamentos espaciais e temporais indefinidos".

Para êle, assim como as formas dos corpos materiais promanam de um desdobramento infinito que vem da pré-criação, da pré-vida, em afirmações e transformações que, no decurso das eras, cada vez mais se acentuam e mais complexas se tornam, assim também a consciência resulta de um semelhante processo evolutivo, em que se desdobra como etérea lâmina, lado a lado à evolução da matéria. "No fundo de nós mesmos, sem discussão possível, surge, como por um rasgão, um interior no âmago dos sêres. É o bastante para que, nesse grau ou noutro, êste "interior" se imponha como existente por tôda parte e desde sempre na Natureza. Uma vez que, nesse ponto de si próprio, o Estofo do Universo tem uma face interna, é forçosamente porque êle é *bifacial por estrutura,* isto é, em qualquer região do espaço e do tempo... Coextensivo ao Fora das Coisas, existe um dentro das coisas". (Editora Herder, fls. 36). E mais adiante: "Entre o dentro e o Fora das Coisas, as dependências energéticas são incontestáveis. Mas estas, sem dúvida, não podem exprimir-se senão por um simbolismo complexo onde figurem têrmos de ordens diferentes". "Essencialmente, assim o admitiremos, qualquer energia é de natureza psíquica".

Porém, na fase em que nos encontramos nesse infinito processo evolutivo, no dia a dia de nossas existências, só nos preocupamos em dar atendimento às múltiplas exigências de nossos corpos. E quando nos apegamos a determinadas manifestações dos sentidos, mais intensa se torna a ligação de nossa alma com os fluidos densos que respondem aos reclamos dêsses sentidos, e a condensação dêsses fluidos no campo magnético de nossas almas forma uma ganga, uma vestimenta adensada, que as arrasta para os ambientes e os planos também densos, onde irão conviver com as que lhes são semelhantes. Essa convivência estabelece sintonias e, então, as entidades que ainda habitam corpos vivos trazem, para a proximidade dêsses corpos, aquêles semelhantes cujos corpos já faleceram.

Assim sendo, quando alguém se vai inclinando para objetivos egoísticos, materiais, grosseiros, viciosos, ou criminosos, sua personalidade espiritual vai sendo envolvida por substâncias densas, adquirindo, pois, mais pêso, mergulhando em planos e ambientes cada vez mais inferiores e criando ligações com outras personalidades semelhantes. Quando êsse alguém inicia um esfôrço de recuperação, defronta-se, desde logo, com o árduo encargo de despojar-se das substâncias pesadas que o envolvem e lhe estão aderentes e de romper as ligações espirituais estabelecidas, que por sua vez lutam para subsistir. A

dificuldade dessa luta está na sintonia que as outras personalidades possuem e através da qual atuam provocando idéias e até obsessões em certos casos, sintonia que, enquanto não quebrada, irá dar causa às reaproximações noturnas, gerando, no estado de vigília, o cansaço e o desânimo na persecussão da recuperação visada. Evidentemente, o esfôrço de recuperação gera vibrações que dão oportunidade a auxílios superiores, mas a recuperação mesma só se verifica quando êsse alguém houver rompido, em atos e pensamentos, em definitivo, com as condições que geraram a sua queda.

Evidentemente, aqui estou, especialmente no que concerne à natureza da alma e seus predicados, avançando conceitos que podem ser titulados de hipotéticos, e, como tais, de início inadmissíveis para muitos leitores que se qualifiquem inspirados por preocupações científicas.

A verdade é que me sinto na contingência de ir mais a fundo na razão de ser das coisas que comigo têm ocorrido. A justificar-me, aliás, existem outras circunstâncias.

O prezado leitor porventura já tomou sentido de que nós vivemos em meio a maravilhas? O sol que diàriamente nos ilumina, nos aquece e vivifica é um gigantesco laboratório que dissolve, volatiliza substâncias várias, com as quais fabrica as côres que nos encantam e prepara os materiais todos que conhecemos, desde o ferro ao ouro e ao diamante. Êsse sol é tão gigantesco que não passará no espaço que separa a lua da terra. Dentro dêle caberiam 1.301.200 globos terrestres. Mercê do seu tamanho e da energia que desenvolve, é capaz de manter em equilíbrio, ao seu redor, não apenas a terra e a lua, mas vários outros mundos com e sem luas, maiores e menores que o nosso, além de outros astros que à sua volta gravitam, como os cometas. Tão grande e tão poderoso para nós, é, todavia, um ponto que iria desaparecendo como uma pequena estrêla assim que nos afastássemos da terra e nos avizinhássemos das próximas, e as ultrapassássemos, alcançando outras mais distantes, algumas das quais milhões de vêzes maiores que o nosso sol.

Na verdade, êste é uma pequena estrêla entre dezenas de bilhões de estrêlas que existem na Via Látea, essa faixa leitosa, poeira de sóis, que vemos nas noites sem lua, de um extremo a outro do céu. Essa Via Látea, que a nossa vista percorre em segundos, tem dimensões que a ciência já calculou, mas que a nossa imaginação custa compreender. Para medi-la, a ciência usou a velocidade da luz, que corresponde a 315.000 quilôme-

tros por segundo, o que significa que um raio luminoso poderia dar, nessa fração minúscula de tempo, quase 8 voltas ao redor da terra. Com tal medida tão gigantesca, chegou-se à conclusão de que, para ir de um bordo a outro da Via Látea, a luz dispende 100.000 anos aproximadamente. Se considerarmos que tôda a história conhecida da civilização do homem se mede por alguns milhares de anos apenas, e que os primeiros instrumentos que êle inventou, tais como o arco e a flexa, a lança com ponta de osso, e outros modestos e rudimentares instrumentos e utensílios surgiram há algumas dezenas de milhares de anos, concluiremos que os raios de luz de certas estrêlas, ou grupos de estrêlas da Via Látea, que hoje admiramos no céu, partiram daqueles astros ainda quando os homens percorriam as florestas e campos da terra, vivendo mais como macacos que como sêres humanos. Assim gigantesca é a nossa Via Látea, soberbo aglomerado de sóis, que tem em seu seio dez vêzes mais sóis do que gente existe no mundo!... No entanto, essa imensa Via Látea não passa de uma ilha pequena, modesta, no imensurável Universo, em cujas profundidades, à medida que a ciência e a técnica vão fabricando telescópios mais poderosos e aparelhos outros que permitam examinar os espaços, outras e mais numerosas ilhas de sóis, denominadas galaxias, vão sendo encontradas, ricas em astros luminosos, e quem não pode dizer ricas de mundos?...

Face a tais maravilhas comprovadas pela pesquisa é que me atrevo chegar a certas conclusões.

Quem somos nós na superfície dêste modesto planeta a que chamamos Terra, nós que mal começamos a enxergar à distância, já agora, de 2 bilhões de anos luz, no plano físico, para julgarmos, desde logo, dos atributos e características do Criador, e das ocorrências, para nós estranhas, que nos dão indicação da existência de outros planos em que a vida do Universo também se desdobra? A música emitida pelas nossas estações de rádio e as imagens que saem das nossas estações de televisão não são percebidas por quem não disponha de um aparelho receptor convenientemente sintonizado. Nem por isso deixarão elas de ser uma realidade nas faixas em que foram emitidas.

Da mesma forma, existem no Universo, tão autênticas como as coisas materiais,outras coisas não perceptíveis dentro das faixas vibratórias não alcançadas pelos nossos sentidos, mas que o aperfeiçoamento de aparelhagem especializada vem revelando. Além, ainda, dessa percepção, a teoria e a pesquisa vêm ensaiando levantar o véu da anti-matéria, que é a

réplica, no plano da simetria das criações da natureza, à matéria e, em conseqüência, ao lado do Universo, que começamos a conhecer, o anti-universo, invisível, mas tão autêntico e real quanto o nosso.

Aliás, não há muito tempo, sir Edward Eppleton, cientista a quem tanto tem devido a radio-astronomia, numa reunião de estudiosos promovida, em Londres, pela Associação Britânica para o Progresso das Ciências, referindo-se aos radio-sinais captados na direção das constelações do Cisne, Cassiopéa e Pupis, especialmente da primeira, e para os quais o grande telescópio de duzentas polegadas de Monte Palomar não assinala qualquer fator visível, achou que poderia formular uma hipótese que, embora pareça fantasia arrojada, se conserva dentro de moldura científica. Sugeriu que deve existir, lado a lado com o Universo para nós visível e identificável por meio de instrumentos do tipo ótico, outro universo, transparente aos referidos instrumentos, não perceptível por êles, mas assinalável com emprêgo de outros recursos, como, por exemplo, os relacionados com o mundo das ondas hertzianas.

As experiências que há decênios venho tendo, além de me fornecerem dados que pude posteriormente comprovar com a utilização normal, calma, analítica dos sentidos do meu corpo, também me têm proporcionado informações por mim antes desconhecidas sôbre coisas do passado e do futuro, e ainda o contacto com um outro mundo de absoluta realidade, tão objetivo como o físico por todos nós conhecido, todavia invisível, ou imperceptível, quando no estado de vigília. Enfim, essas experiências, algumas passíveis de contrôle, de confrontação material e outras paralelas, de impossível confrontação, dada a precariedade dos recursos normais do homem e sua moderna técnica, têm revelado, tôdas, aquilo mesmo que Eppleton quis significar: um universo invisível, ao lado dêste que os nossos sentidos conhecem. Por que julgar impossível isso?

Como negar também, de plano, a autenticidade dos fenômenos mediúnicos, a existência da alma e sua sobrevivência, face a tantas ocorrências surpreendentes, ainda pouco conhecidas, mas que tão eloqüentemente os afirmam? Recusar, simplesmente, não é sequer científico; científica pode ser a atitude de expectativa de quem aguarda outras provas para concluir mais seguramente. Eu, porém, já estou convencido e apenas procuro, com humildade e respeito profundo pela magnificência do CRIADOR, investigar essa realidade, que já me parece evidente. E essa evidência me surpreende pela magnani-

midade com que a nossa alma foi dotada de qualidades. Se a luz leva anos, decênios, milênios para atingir outras estrêlas; se milhões de anos tem que dispender para alcançar as galaxias vizinhas, a alma não gasta senão momentos para fazê-lo, desde que não a prendam os próprios campos magnéticos, quando se tenham imantado a substâncias densas, ligadas ao plano físico, material. Eis porque a luta pela independência da alma, pela sua purificação, me parece a mais extraordinária e atraente aventura para as almas corajosas e amantes das mais delicadas e superiores expressões do BELO e do BEM.

CAPÍTULO

XVIII

VEJAMOS, pelo apanhado de algumas anotações que fiz de certas ocorrências, a partir do início de 1953, as grandes dificuldades que se oferecem a um espírito decaído, empenhado na sua recuperação. Tais anotações foram minuciosas e algumas extensas, motivo pelo qual não relatarei tôdas e previno os leitores contra passagens eventualmente desinteressantes, todavia necessárias para melhor compreensão das peculiaridades dos planos a que fica submetida a alma. Outrossim, quero destacar que muitos dos relatos se iniciaram com a referência a sonhos, porque, como já expliquei em capítulos anteriores, eu perdera a limpidez e facilidade, enfim, o domínio das exteriorizações, e sofrera um retrocesso à fase inicial do desenvolvimento dessa mediunidade, como foi referido nos primeiros capítulos dêste livro, quando antes de ter conhecimento do "Eu", do meu espírito, em algum lugar, estava em estado de mero sonho. Ainda quero, neste ponto, fazer uma ressalva, em virtude das referências à alma, ou espírito, que indistintamente tenho feito. Sei que estudiosos distinguem uma do outro. Não sou, porém, um estudioso de assuntos psicológicos, parapsicológicos, ou espiritualistas. Pouca coisa tenho lido sôbre tais matérias.

Excusem, pois, os leitores mais bem informados as minhas confusões e tenham presente que, com grande esfôrço, apenas me empenho em relatar ocorrências que comigo se deram pràticamente no decurso de tôda a existência, expostas com tôda a lealdade, com tôda a honestidade, porque, no decurso do tempo, se revelaram de interêsse científico e moral, dadas as correlações que evidenciaram do comportamento humano com uma vida espiritual, vida essa não apenas de fundo imaginativo, mas de extraordinárias ligações e correspondências com a vida objetiva, com fatos e coisas da vida real.

Quero, porém, iniciar êste trecho do livro transplantando uma parte de anotações que fiz a 24.10.52, quando ainda envolvido no romance que só terminou em inícios de 53 e que dão idéia de como a má convivência espiritual de então trazia dolorosas inquietações e temores não apenas a mim. Ali está escrito:

"Pelo que hoje ocorreu, não há dúvida alguma que entidades malfazejas freqüentam, à noite, meu quarto, criando incidentes desagradáveis, para mim e, às vêzes, para outras pessoas que nêle se encontram. Já anteontem, ao chegar de São Paulo (mantinha então residência também no Rio), disse-me minha espôsa que não pudera dormir à noite anterior, porquanto pouco depois da meia-noite acordara assustada e mesmo amedrontada, parecendo-lhe que pessoas ruins entravam no quarto. Disse que fôra um verdadeiro pesadelo e que acordara mal, indisposta, e perdera o sono, com o mêdo com que ficara. Lembrei-me da sensação de mal-estar que às vêzes, à noite, também me domina e contra a qual luto para não deixar-me assenhorear pelo mêdo. Hoje, o que aconteceu constitui, a meu ver, a evidência das más conseqüências daquelas lamentáveis visitas. Sinto-me embaraçado e não posso contar o espetáculo deprimente que nos dão entidades malfazejas e só assinalo que necessito, urgentemente, de lutar contra tais entidades, que devem influir discreta e perniciosamente no meu desânimo freqüente e dispersão de iniciativa ou capacidade de trabalho e no estado de espírito de minha senhora".

Em 1953, aliás logo no início, uma visão veio retratar o que comigo ocorrera. Aos 13 de fevereiro dêsse ano, escrevi que "já clareava o dia quando tive a seguinte visão: voava a grande velocidade por sôbre caminhos largos e iluminados. Em dado ponto, subi mais alto para ultrapassar casas bem construídas e sólidas que se achavam a minha frente e, ao sobrevoar as casas, vi em baixo, nas ruas, môças bonitas, claras, que, com indiscreção, procurei examinar e admirar. Nisso, senti que se reduzia a minha velocidade e me vi à minha frente, debaixo dos meus olhos, como refletido num espelho: no meu corpo nu, uma faixa escura, que atravessava minha barriga, desde o rim esquerdo ao púbis. Pus a mão sôbre essa faixa, para tocá-la, pois me parecia que a mesma penetrava o meu corpo, atingindo-me as entranhas. Nisso, senti que caía e me agarrei ao beiral de uma casa, vendo então que trazia nas costas grandes asas brancas, que começaram a secar, ficando sem vida, como se postiças fôssem, e acabaram-se deslocando e caindo. Nesse momento, acordei com a angústia no coração e, meditando sôbre o significado da visão, chorei".

Poucos dias depois (17.2.53), vi, ao meu lado, encantadora jóvem, a quem, perguntando-lhe pelo nome, a ouvi proferi-lo de um modo que me pareceu "Coniate". Pedindo-lhe que soletrasse o nome, ela o fêz, e compreendi que seria "Cognate". Acordei logo após, depreendendo que ela me recomendara uma

norma — "conhece-te", a norma fundamental dos ensinamentos socráticos, porque é do conhecimento dos nossos próprios erros que emerge o julgamento seguro da nossa consciência e o anseio de recuperação.

A colaboração espiritual, eu a tinha, face aos esforços que fazia, e a 3 de março de 1953, anotava a percepção, em meu quarto, de uma "menina magrinha, aparentando 13 a 14 anos, risonha, com uma coroa de rosas pequenas ao redor da cabeça. Ela então me disse que, ao passar por casa, pouco antes, ouvira a minha súplica e resolvera ajudar-me. A sua sensibilidade revelou-se, nesse ponto, num soluço. Perguntei-lhe quem era e me respondeu que a chamasse "menina das lágrimas". Disse-lhe que para mim ela teria outro nome. Perguntou-me qual e eu lhe respondi que o de "fadinha". Deu alegre risada e dispôs-se a afastar-se, quando eu a chamei e lhe disse que desejava ainda dar-lhe um conselho. Ela me olhou com límpido entendimento e disse: "Já sei, queres prevenir-me para que eu não me deixe dominar pela vaidade"? Fiz menção que sim e ela sorriu ainda, com expressão compreensiva e se afastou. À medida que se afastava, vi-a transformar-se primeiro em um rapaz débil, com uma ligeira corcunda, e logo mais, em um môço muito alto, altíssimo mesmo, e magro, que se esvaneceu a distância. Acordei com a alma tranqüila, e não há dúvida de que hoje, durante o dia, me senti como em convalescença, meu estado de espírito melhorou sensìvelmente, voltando o ânimo", etc.

A 4 de março de 1953, anotei o seguinte fato: "Durante o dia dormi e, a umas tantas, me vi deitado e entorpecido como um ébrio à porta de um quartel. Passou por mim um oficial môço, magro e alto, que me sacudiu e me repreendeu pela minha falta de vigilância. Acordei, então, efetivamente, e preparei-me para sair de casa. Ao sair, encontrei um cidadão embriagado, dormindo dentro do meu carro estacionado na rua, e o aspecto dêsse ébrio era igual ao que eu aparentava pouco antes. Era meu sósia". Refiro êste fato apenas porque já concluí que quando algum médium inicia um esfôrço de recuperação, o que se lhe exige é, realmente, muita vigilância. Deve policiar seus pensamentos, assim como o próprio comportamento. À noite, deve lutar contra um sono mórbido que o assalta e o impede de orar. Aliás, as frases da oração dificilmente êle as construirá, se não se esforçar. Deve recuperar a paz e a tranqüilidade antes de dormir, porque, sem isso, ocorrendo alguma percepção incômoda e sombria, mais difícil lhe será dominar a situação. Na realidade, so-

brevém uma fase em que se requer do médium muito esfôrço e vigilância exaustiva. Não é de estranhar que, procedendo conscientemente nesse caminho, chegue alguém a desalentar-se e, não raro, a pensar em desistir. Comigo, todavia, quando tal acontecia, sobrevinha, sempre, uma advertência, como a que anotei a 20 de junho de 1953:

"Há dois dias atrás, vinha eu seguidamente lamentando a minha luta e o isolamento que sofro, voltando o pensamento para tempos idos, prêso às emoções vividas. Vi, porém, que estava errado ao sonhar que, numa sala onde me encontrava, via um cachorro grande e prêto que corria sôbre as duas patas trazeiras ao redor de uma mesa e que, ao defrontar um altar, suplicante chorava e pedia para se transformar em homem, o que não conseguia. O espetáculo, não obstante triste, era ridículo, porque o cachorro não deixava de ser cachorro. Ao acordar, compreendo o significado do sonho. A quem queira modificar-se, não basta orar, ou pedir, é preciso realmente transformar-se. Em "Imitação de Cristo", cap. XLIX, item 4, lê-se: "Importa que te revistas do homem nôvo e te mudes em outro homem".

Essa transformação profunda se não se faz só com as orações, não se faz também pelos protestos de melhoria de procedimento. É preciso que o íntimo se transforme, que um homem nôvo surja em nós. Infelizmente, êsse íntimo, desconhecido de nós, só bem se revela quando fora do corpo e, portanto, não engana aos demais espíritos, pois sofre, irremediàvelmente, as conseqüências de seu estado. A 26 de junho de 1953, conforme anotações que fiz, na ocasião, depois de sonhar com uma catástrofe em que assisti a desabamentos colossais sôbre homens e mulheres de um vasto edifício, escrevi: "consegui alcançar a porta e mesmo depois de ultrapassá-la ouvi o estrondo que atrás de mim fazia o desabamento progressivo do edifício. Saí desvairado ao ar livre e mais adiante encontrei várias pessoas em grupos. Aproximei-me de um dêsses grupos e logo distingui duas môças. Ao vê-las, senti uma sofreguidão de aproveitar a vida que conseguira salvar do cataclisma que atrás deixara. Dizendo isso em voz alta, aproximei-me de uma delas, que abracei e beijei sôfregamente, sentindo que ela me correspondia. Uma sombra começou a toldar-me e foi então que me ocorreu a idéia de que estava sonhando e que meu espírito estava sendo vítima de uma ilusão, um ludíbrio. Afastei a môça e vi-me, logo depois, deitado num leito, numa sala modesta. Percebi um vulto como que sentado na cama e com os pés apalpei o vulto, que se moveu, verificando eu que era uma pessoa en-

vôlta em um chale branco, como um árabe. Sabendo que ali estava em espírito e buscando compreender melhor o ambiente, procurei orar e minha prece ecoava como que pronunciada em voz alta e robusta, não obstante fôsse apenas mental. Alguém, iluminado, passou por minha frente, dirigiu-se para um canto da sala, onde se sentou, ocupando-se com alguma coisa. Pareceu-me, pelo aspecto, papai, não obstante estivesse apenas vestido com uma túnica branca. Como minha prece continuasse, um tanto aflita, pois eu me recordava de meus apetites materiais de há pouco, ouvi aquela pessoa que passara dizer com energia: "Basta de espetáculo!" Dirigira-se a mim, não obstante não se houvesse movido e referia-se claramente a que, apesar de tôdas as minhas lamúrias anteriores, todos os protestos de ideal, tôdas as afirmações de um verdadeiro desejo de progresso espiritual, ainda continuava eu, lamentàvelmente, dominado por apegos e desejos pessoais, por anseios subalternos, sensualismo exagerado, isto é, prêso à matéria, às coisas ilusórias, ao prazer. Parei a prece, mas minha aflição cresceu. Nisto, ingressou pela porta que ficava do lado esquerdo uma mulher de formosura excepcional. Nunca vi antes, no mundo, mesmo em gravura, beleza que a dela igualasse. Era muito clara, loira, e vestia também uma túnica branca, que deixava à mostra seus braços inteiros, o pescoço e parte do colo. À medida que avançava, dizia-me ela que viera porque tivera saudades de mim e queria beijar-me. Dominado pela aflição, cobri-me com o lençol, mas êste, transparente, deixou-me ver a formosa mulher aproximar-se da cama e inclinar-se sôbre mim, perguntando-me: "Não me beija, então?" Como eu virasse o rosto, ela se afastou, indo para o lado que eu olhava, e vendo o seu talhe esbelto, os braços alvos saindo dos ombros bem moldurados, o andar elegante, não pude deixar de pensar que aquela figura de mulher atenderia ao anseio mais exigente de beleza e sensualismo. A mulher sumiu-se nas sombras e tudo o mais logo em seguida se desfez, porque eu acordei pouco depois, tendo na mente que recebera uma advertência sôbre a minha fraqueza, que não me permitia alçar a um nível do qual pudesse recuperar a antiga mediunidade e realizar alguma coisa no terreno espiritual. Dormi, porém, logo mais e uma significativa visão eu tive. Dessa vez, com melhor consciência de meu estado, vi-me numa sala onde estava um meu amigo — rapaz brilhante e agradável — que, com sua habitual habilidade, falava sôbre qualquer coisa que não guardei. Nisso, entraram na sala duas bonitas môças, para uma das quais o meu amigo, interrompendo o que dizia, se dirigiu. Em minha

mente, correram os seguintes pensamentos: êle era brilhante, vivo, agradável, e podia amar livremente. Eu não podia dispor dessas faculdades... A outra môça como que compreendera o que eu pensava, e irônica, em voz alta, disse-me que eu podia aproximar-me dela. Ao invés de atendê-la, procurei afastar-me, mas ouvi alguém perguntar-me se eu desanimara de procurar o aperfeiçoamento, o abandono das atrações do mundo. Quase que em pranto fui dizendo que não, mas que eu não sabia que era isso tão difícil de ser alcançado, que doía tanto. Veio, porém, logo adiante, uma menina, que me interpelou: "Diga-me uma coisa: se um seu empregado deixa de cumprir algumas obrigações, você, punindo-o, deixa de pagar-lhe o ordenado?" — "Não — disse eu — pois êle precisa alimentar-se". — "Pois assim é na vida" — completou a menina. Logo em seguida acordei e então compreendi tudo. Cada qual recebe da Providência a paga do seu esfôrço, na moeda respectiva à natureza do esfôrço feito. O meu amigo vinha tendo a paga na moeda por êle escolhida. Eu mesmo, se deixasse de cumprir o objetivo que me impusera de aperfeiçoamento, não deixaria, também, de ter as minhas compensações. Estas, porém, não seriam na moeda da elevação e do progresso espiritual que desejava e a que me propusera, porém na de maior experiência e nas regalias que a vida material ainda poderia proporcionar-me. Podia, pois, chafurdar-me na busca do prazer e, certamente, êle não me seria negado. As dôres e dificuldades que devesse viver eu as viveria e, para ajudar-me a vivê-las, o prazer poderia ser até abundante, com tôdas as suas conseqüências, mas as consolações espirituais ser-me-iam impossíveis; eu perderia a mediunidade.

CAPÍTULO XIX

O PROCESSO de transformação íntima torna-se, evidentemente, muito mais difícil quando temos que freqüentar os mesmos ambientes, viver nas mesmas condições, obedecer à mesma rotina de ocupações, visto como também a rotina passa a presidir a ordem das idéias, que dificilmente se modificam.

Em 1953 e nos anos imediatamente seguintes, o ambiente e condições de minhas atividades normais não se modificaram. No início daquele 53 rompera definitivamente com a estranha mulher cujas relações tanto haviam afetado a minha mediunidade, mas o afastamento dos hábitos adquiridos, dos anseios e ilusões cultivadas, não se dera na profundidade que seria desejável.

Meses depois, os desdobramentos começaram a ocorrer com mais freqüência, dando-me ensejo de observar coisas surpreendentes e maravilhosas como, por exemplo, as de que dão notícia as anotações dos dias 1 e 13 de agôsto de 53, que a seguir reproduzo:

"Para amanhecer hoje, perdi o sono, levantei-me, ouvi Beethoven na vitrola e depois fui deitar-me de nôvo. Parece-me que foi quando já conciliava o sono que vi a distância, como se estivesse enxergando pela testa, um mar revôlto e sombrio, arremetendo-se contra uma costa cheia de rochedos angulosos e torturados, eriçados de pontas e cheios de frinchas, sôbre os quais as ondas se esgarçavam em espuma. Vi depois um cataclisma agitar aquela costa, jogar para mais longe o mar e soerguer o solo. O panorama estendeu-se então, vendo eu, no primeiro plano, os altos de uma serrania cujos sopés se distanciavam e se plantavam em uma planura que se estendia em baixo até as praias distantes. Vi passarem por lá — na planura — formas animais gigantescas que, fixando, vi como que se aproximarem; distingui serem monstros antediluvianos, cujas formas variadas se sucederam rápidas. Depois, houve uma pausa, com a fuga de tôda a visão, e, como sôbre uma tela esbranquiçada, pontos luminosos tremulavam sucessivamente. Ocorreu-me então ao espírito, nesse momento, que

aquilo até se parecia com uma tela de televisão, quando as imagens se embaralham e se fundem em círculos luminosos. Mas comecei a divisar novas formas. Desta vez, porém, eram rostos chocarreiros de crianças e adultos, com trejeitos e momices, cômicos e coloridos. As graças que êles faziam me suscitaram até vontade de rir. Foram rápidos, porém, e se esvaeceram, deixando ainda aquelas flutuações luminosas que logo se extinguiram. Abri então os olhos, dado que, pràticamente, me achava acordado."

"13.8. — Vi-me, esta manhã, inopinadamente, sabendo-me em espírito, caminhando por uma rua deserta, tendo, à esquerda, uma sucessão de muretas com grades, sombreada por altas árvores. Era ainda noite e parecia que além da mureta os terrenos desciam abruptos sôbre o mar, cujas ondas batiam espaçadamente, com ruído rítmico e agradável. Aproximei-me da mureta e ultrapassei-a sem senti-la, aproximando-me da borda que pairava alta sôbre o oceano. Procurei divisar ao longe, e distante, além de um largo braço de mar, pareceu-me ver o contôrno de uma baixa montanha. Enquanto me esforçava por distinguir o que estava em minha frente, ao meu lado e por trás de mim se fêz um foco de luz, que projetou forte clarão sôbre o mar e, em seguida, sôbre a montanha que se achava distante, fazendo destacarem-se os rochedos, contornos e acidentes da sua encosta com grande nitidez. Alegre e encantado com o que enxergava, permanecia estático quando, de repente, me vi transportado para minha cama, meio ligado a um corpo que se achava abaixo de mim. Esforcei-me para me levantar e consegui erguer o meu busto espiritual, passando a ouvir então vozes familiares. Alguns vultos, pouco depois, ingressaram no quarto e uma fôrça maior fêz-me deitar o busto para trás, momento em que acordei".

Todavia, já no dia 10 de setembro seguinte, escrevia:

"Acabo de ter uma demonstração clara do significado da subordinação da alma aos sentidos. Foi, a princípio, como se estivesse no interior de um automóvel, através de cujo para-brisa olhava para o céu, onde vi passar uma grande lua, que foi, aos poucos, diminuindo em tamanho até desaparecer. Percebi, então, que estava ali em espírito e, nesse momento, com muita suavidade, comecei a ser carregado pelo espaço, pouco acima do nível de uma rua desconhecida, na qual caminhavam, ao que presumo, vários espíritos. Alguns dêles, pequenos, perseguiram-me ao ver-me. A princípio, repeli-os, mas depois, um sentimento de pena fêz com que eu me esforçasse para abaixar-me; peguei um dêles e trouxe-o comigo

para ver do alto o que se divisava dali. Era como se fôsse uma menina, porém pretinha e meio deformada. Logo adiante, quando eu chamava a atenção da minha pequena companheira para as coisas que se desenrolavam por baixo e a nossa frente, chegamos a uma confluência da rua com outra e então vimos, diante de nós, um acúmulo de pessoas observando um estranho acidente: de um barranco alto, que subia logo atrás de umas casas lá construídas penduradas nesse barranco, haviam caído algumas pedras que tinham destruído o alpendre de uma delas e atingido veículos que estavam passando na rua. Do alpendre estavam sendo afastadas pessoas feridas. Não pude parar para olhar melhor, pois voava em uma velocidade constante, e fui assim levado até o interior de uma sala, onde me puseram em uma mesa, à frente de duas bonitas môças. Tive a impressão de que ali devia permanecer algum tempo e procurei não me interessar pelas môças, não obstante a curiosidade que notei em suas fisionomias. A pequena companheira de viagem, que viera agarrada a mim, pusera-se próximo da mesa e pouco depois a vi afastar-se. Eis, porém, que logo me vi novamente conduzido, por uma janela, para o exterior e, dessa vez, mal saí à rua, vi-me mais alto, podendo enxergar os acidentes que se desfilavam ao meu lado com maior clareza. Chamou-me a atenção, dentro de um grande parque fechado por uma grade de ferro, um pequeno castelo, em que se destacava um alto torreão redondo, enfeitado com sucessivos rebordos salientes. Percebi então, no alto, uma esfera luminosa que, fixando, me pareceu revestida de rosas coloridas. Era um formoso espetáculo ver aquela esfera luminosa girar no céu. Êste, por sua vez, estava coalhado de estrêlas, que se destacavam com um brilho que nunca vira em outra ocasião. Aquela esfera foi, porém, descendo e, em sua superfície, ao invés de rosas, passei a ver o mapa-mundi com grande nitidez. Vi, nítido, o Mediterrâneo, depois, as américas. À medida que assim se mostrava, foi a esfera se aproximando de mim de forma a ir limitando a minha visão sôbre ela. Foi então que vi o Japão, em seguida, a ilha Sakalina e depois, as ilhas Kurilas e a península de Kantchatka. Nesse ponto, a esfera se afastou e pude ver que da mesma, já agora, pendia um tubo semelhante a alguns que se vêem em gravuras de aeróstatos e que no caso me pareceu um tubo de sucção. À minha frente, na rua, divisei, nesse momento, vários veículos de transporte militar e soldados. Todavia, novamente fui levado para o interior de uma sala e ali se aproximou de mim, até encostar-se, uma formosa mulher. Sem controlar-me, beijei-a, e achei seus lábios polpudos, sensuais, muito atraen-

tes. Não obstante me ocorresse a lembrança de que ali estava em espírito, não resisti ao desejo de segurar-lhe com uma das mãos a cabeça e com a outra abraçá-la enquanto a beijava sôfrego. Porém, logo, aquela criatura se desfez nos meus braços e me vi só, enquanto ao meu lado alguém fazia um comentário, cujas palavras significavam mais ou menos o seguinte: "Qual, ainda não passa de certo tipo de animal!" E então êsse alguém me segurou pela mão e levou-me para um quarto vizinho. Nesse quarto, havia uma portinha baixa e larga, diante da qual, na escuridão, vi deslocar-se uma sombra meio deformada. Próximo dessa portinha, paramos, e o meu acompanhante, fazendo-me abaixar, prendeu em meu pescoço uma coleira, da qual saía uma corrente que se fixava na parede. Enquanto me achava ali de cócoras e desfilavam pela minha mente vários pensamentos, inclusive o de que eu estava sendo castigado, a meu ver, com muita justiça, o meu acompanhante jogou, na minha frente, um prato de fôlha vazio, igual ao em que se dá, habitualmente, comida aos cães e retirou-se. Acordei logo em seguida com um pequeno esfôrço e respiração opressa".

Todavia, tinha um grande significado o rompimento que eu fizera no início do ano. A presença das entidades sombrias, agressivas, com figuras deformadas, já não me torturava. Tal experiência valera, efetivamente, por um pesado calvário, sob o ponto de vista mediúnico e espiritual.

Tal o qualificativo que ouvi na noite de 27 de setembro de 1953. No decurso da ocorrência, que está anotada com minúcias, encontrei um môço que, ao dêle me aproximar, me disse: "Então, hein? Você acaba de deixar uma cruz pesada. Tinha pena quando via você na sua luta, mas que podia fazer?" — Ouvindo-o, senti-me confortado e prossegui tranqüilo"... etc.

Na noite seguinte, 28.9.53, foram estas as notas que fixei: "Hoje, ainda, nôvo desdobramento ocorreu, em condições que revelam a melhoria de minha situação espiritual. Caminhava eu, consciente do meu estado, por uma rua ladeada de árvores e meu pensamento elevou-se a Deus, em uma prece. Senti elevar-me no espaço, acima das árvores e assim percorri larga extensão. Quando eu me encontrava peiado pelas pesadas influências de uma vida prêsa aos desejos carnais, as minhas orações de nada valiam e soavam como proferidas numa caixa vazia. Hoje, elas me arrastam consigo".

Como decorrência dessa melhora, comecei a ter aplicação útil no espaço. Tal é o fato de que dão notícia as anotações

de 4.11.53, de que vou tirar alguns trechos. Chegara a um local, que me pareceu um sinistro museu vivo de criaturas torturadas, que se aglomeravam nas mais diferentes atitudes, quando: "Em dado momento, vi surgir do solo e pouco depois afundar, como se a lama a recobrisse, uma face humana deformada, em cujo olhar, todavia, vislumbrei uma expressão de bondade e de certa resignação. Não pude conter o meu ímpeto. Avizinhei-me do local em que se afundara aquela cabeça e perguntei quem estava ali. Ninguém respondeu, mas vi emergirem, novamente, a face e as mãos postas junto ao queixo. Na posição em que estava, vendo, quase a meus pés, emergindo do lôdo aquela "cabeça", percebi que ela tinha como que o crânio esfacelado, quebrado e sem o miolo. Perguntei quem era e o que tinha, mas aquêle rosto humano remergulhou na lama sem uma palavra, não obstante me parecesse que êle balbuciava qualquer coisa. Alguém que estava ao lado e observara o meu interêsse, explicou-me que quem ali se encontrava no lôdo era alguém que sofrera, há pouco tempo, um acidente, em que tivera o crânio espatifado, e concluiu: "Desde que aqui chegou, não faz outra coisa senão rezar; nada vê e não se comunica com ninguém". A piedade aumentou em meu coração e eu me abaixei e comecei também a rezar, pedindo por aquela alma. Inopinadamente, em seguida, eu me vi transportado"... etc. "e me vi em um jardim fronteiro a um largo terraço, no qual, logo depois que cheguei e vindo do interior de ampla mansão, rodeada de crianças, e com fisionomia alegre, risonha, ingressou uma senhora de meia idade, usando óculos, em quem logo reconheci a figura que pouco antes se angustiava em férvida prece".

Tal fato não significava, absolutamente, integral recuperação. Não só o fenômeno ainda estava longe de ocorrer com a limpidez e facilidade dos tempos idos, vindo mais vêzes como um interregno dos sonhos normais, mas também continuava eu a sofrer, não obstante ignorasse, os prejuízos das visitações desagradáveis de espíritos atrasados. Foi o que soube na madrugada de 13 de dezembro de 1953, quando fiz as anotações que reproduzirei na íntegra, por várias razões. Aí estão:

"13.12.53 — Fui a um lugar onde se fazem orações coletivas esta madrugada. Recordo-me que, antes de lá ir, queixava-me eu ao meu acompanhante que me entristecia ver como ainda eu percorria lugares sombrios e de pouca luz. Respondeu-me êle que não devia estranhar, pois era recente minha recuperação, e ainda várias entidades sombrias vinham, às madrugadas, perturbar-me, o que impedia até o meu melhor

desenvolvimento. Todavia, logo a seguir, fui levado a um lugar de orações. Era uma encosta de uma montanha íngreme, no alto da qual me pareceu existir um altar. Não pude ver bem, porque não consegui subir muito nessa montanha; logo que comecei a sua ascenção, fui sendo obrigado a baixar-me até que parei com o rosto rente à terra, o que me mostrava que meu estado espiritual não me permitia ir além. Não obstante, por mim foram passando muitas pessoas, que me pareceram de aspecto humilde, muito modesto. Pareciam pobres pessoas e, no entanto, subiam fàcilmente para o alto. Ouvi, então, um canto e uma música enternecedores. Enquanto olhava o solo, aproximou-se de mim e ficou na minha frente uma senhora, da qual pude ver apenas a barra do vestido de sêda prêta, que descia até quase o chão, e coberto de renda também prêta. Calçava sapatos de verniz. Quando ela se afastou, pude olhar para o alto, e, então, focalizei o céu, vendo, com nitidez, as estrêlas, onde procurei fixar uma. Quando isso fiz, um nome apareceu no céu, próximo ao grupo em que estava o astro: "cephee" (cephee é o nome, em francês, da constelação cefeu, situada no hemisfério norte, próximo das do Cisne, Cassiopéa e Pequena Ursa e, se não me engano, não é vista de São Paulo, no hemisfério sul, onde se encontrava meu corpo), dando indicação, certamente, da estrêla que eu estava observando. Mas, como conseqüência dessa distração, vi-me, incontinenti, em outro lugar distante, percorrendo o espaço por sôbre uma estrada estreita e deserta. Sôbre o solo, vi projetar-se a minha sombra, que me causou estranheza. Era como se eu conduzisse sôbre a cabeça um capacete bárbaro com duas pequenas pontas e trouxesse sôbre o corpo um longo manto, que ondulava enquanto eu voava e que me cobria até os pés. Logo depois, cheguei até uma uma casa de pedra junto ao mar, cujas ondas observei batendo mansamente nas rochas, pouco adiante da sacadinha em que me coloquei. Depois continuei até um local em que trabalhavam vários homens carregando embarcações. Um dêles cantava qualquer coisa que não fixei, porque quis acordar, o que fiz logo".

Confirmando a precariedade das condições espirituais que ainda me rodeavam, e a presença, à noite, de entidades não esclarecidas junto a mim, encontro as anotações da manhã de 29 de janeiro de 1954 em que, ao dar por mim, em espírito, me vi no quarto que ocupava em minha casa, em São Paulo, na cama habitualmente ocupada por minha senhora, então no Rio de Janeiro com os filhos. Ouvia ruídos. "Esforcei-me por levantar-me, o que consegui como num salto.

Contudo, não via meu corpo nem num nem noutro leito. O quarto achava-se como que fechado por inteiro, com lambris de madeira escura, de alto a baixo. Havia, no quarto, alguns animais, cuja saída forcei, determinando com a mão estendida a cada um que saisse. Êles se atiravam sôbre os lambris e seus corpos iam desaparecendo à medida que atravessavam a madeira. Assim, pareceu-me ficar só no quarto e voltei-me para as camas, porém vi, entre elas e acima delas, um par de botas. Mexiam-se as botas como se elas estivessem calçando duas pernas, porém não vi ninguém sôbre elas. Achando o ambiente estranho, procurei acordar, o que consegui fàcilmente".

Todavia, intensificavam-se os desdobramentos com visões cheias de ensinamentos, e outros surpreendentes. Entre os primeiros, vejo uma de 24.2.54 que se refere a um velho que estivera para ser sacrificado, mediante execução a machado, quando, porém, repudiou as idéias que professava em troca da vida. Então alguém me disse, citando um nome que me pareceu de ressonância hebraica, que "F. sempre recuou na hora do holocausto, o que o fazia parar no limiar da redenção". E disse mais que "eu devia compreender e fixar no espírito que nesse momento nunca se deve recuar". Compreendi então que êsse transe chega para todos e que aí são postos à prova o desprendimento e capacidade de renúncia".

Entre os segundos, destaco o de 22.3.54, a respeito do qual consignei que, depois de submetido a um teste, afastando-me decidido de uma jóvem mulher nua, "continuei sobrevoando e entrei numa grande cidade, de feição européia. Fui voando pelo espaço, reparando as fachadas das casas da rua que percorria. Elas quase tôdas eram de quatro e cinco andares, pegadas umas às outras. Aquelas fachadas indicavam, porém, construção antiga. Continuando minha viagem pela cidade, passei, assim, por um local onde havia um cinema, em cuja porta estava anunciada a fita "Quo-Vadis", as únicas palavras que entendi, porque as outras estavam em um idioma que não pude decifrar. Seguindo adiante, entrei por uma rua cuja calçada, à direita, era fechada por uma mureta, além da qual eu vi, como se fôsse de um barranco alto, o mar. Logo adiante, outras construções observei e de nôvo, outra vez, a mureta e em baixo, o mar. Assim, passei a caminhar observando a superfície do mar, quando distante e inopinadamente vi uma luz que se aproximava. Ela teve um ligeiro bruxoleio e depois se intensificou, aproximando-se mais da costa em que eu me encontrava. Não vinha,

pròpriamente, na minha direção, mas um pouco de lado. Os reflexos sôbre a superfície do mar e as nuvens do céu eram excepcionalmente formosos, o que me fêz ficar mais atento. Mas, à medida que a luz se aproximava, pareceu-me antes como as chamas ardentes e agitadas de uma grande fogueira. Foi quando senti que alguém me puxava, ou melhor, arrastava-me para que nós nos afastássemos. Olhando para o lado da rua, reparei então que todo mundo que nela se encontrava corria espavoridamente. Levado em velocidade rua abaixo, porque a rua era aí em declive, continuei com o olhar prêso àquela já agora imensa fogueira, que, veloz, se aproximava da encosta, que galgou ràpidamente. Labaredas imensas, como que tocadas por um vento forte, lambiam a encosta e depois atingiram, atrás de mim, a rua que eu fazia. Olhando para a frente, vi que a rua se esvaziava de gente, que se atirava à água. Num gesto instintivo, livrando-me de quem me carregava, tentei imitar aquelas pessoas, procurando arremessar-me dentro dágua. Porém fui logo agarrado de nôvo, arrastado para a frente e colocado deitado no chão, virando um canto de esquina que havia logo ali. O meu gesto provocara um atrazo suficiente para permitir que o fogo avançasse até quase o meu local. As chamas, violentas, rodopiavam e corriam como levadas por um vento igualmente violento, e tive a impressão de que ia ser submerso por elas, passando a sentir o forte calor que se ia fazendo. Mas, nesse momento, percebi que alguma fôrça preservava o local em que eu e quem me acompanhava nos encontrávamos, oferecendo como que a barreira de um vento contrário, que desviava as chamas e as levava para diante. As chamas, porém, se sucediam, acompanhadas por um crepitar intenso, que mais parecia um assobio forte. Instintivamente, deitado de costas contra o solo, com o lado esquerdo encostado ao muro, com o braço direito eu fazia gestos que, enquanto cobriam melhor o meu rosto, iam empurrando aquela massa ígnea, e, não obstante esta passasse distante alguns metros de mim, o gesto eu só o fazia com esfôrço, porque encontrava no ar uma resistência. Evidentemente, era a compressão de dois fluidos diferentes, um dos quais devia ser gerado pela minha pessoa e a de quem me acompanhava. Na clareira que se fêz, vi dois cães pequenos e assustados, que latiam contra aquelas chamas enormes e velozes que passavam. Talvez tenha durado essa fase final uns dois ou três minutos. Num momento, porém, veio uma massa enorme de fogo que me pareceu muito pesada e que as nossas fôrças não conseguiram afastar de todo, de modo que ela se amontoou, for-

mando uma parede de vários metros de altura, quase rente de nós. Pareceu-me um momento crítico, que logo passou, porém de maneira estranha. Aquela massa de fogo parou de agitar-se, começou a escurecer e como que se solidificou em pedra ou cinza. Logo que isso aconteceu, surgiu alguém, um homem moreno, que empurrou um pouco aquela parede, que me pareceu ceder à pressão como se fôsse uma almofada ôca, dando mais largueza ao escaninho em que ficáramos eu e os dois amigos que vi ao meu lado e que deviam ser os meus companheiros. Eram dois moços morenos, quase mulatos, e ambos se achavam feridos, um especialmente, como se tivesse batido, numa queda de que resultasse um pequeno machucado, no nariz. Não tive muito tempo para observar, porque fui levado com velocidade e acordei. Dada a cena extraordinária a que assistira, fiquei ansioso para subir ao meu escritório e escrever êste relato, o que fiz logo. Quando aqui cheguei, senti que me ardia o braço direito, como se estivesse queimado, desde o cotovêlo até o ombro. Arregaçando a manga do pijama, vi essa região vermelha e a pele tôda empiriricada, como se tivesse sofrido, efetivamente, uma grande queimadura. Durante o tempo em que escrevia, sentia arder-me êsse local e agora, já quase uma hora depois de iniciado o relato, ainda sinto um ligeiro ardimento, que me coça naquela região. Êste relato foi feito num só jato e, com a pressa, ia deixando de mencionar certas passagens, o que procurei remediar com emendas e intercalações. Nem todos os pontos, porém, pude relatar, pelo interêsse que tive de chegar à parte final, a dêsse estranho fogo astral, que não poderia ser físico, tendo vindo, como veio, por sôbre as águas do mar, cujos reflexos e revérberos, dada a incidência das chamas que sôbre elas volitavam, constituíram para mim um espetáculo excepcionalmente atraente por sua formosura e estranheza. Como sou grato aos espíritos bondosos que me têm proporcionado espetáculos tão notáveis! Não creio que em verdade mereça as oportunidades felizes que êles me proporcionam. O que estou escrevendo, naturalmente, é o que justifica a inestimável assistência que êles me dispensam. Muito obrigado, todavia, a êles".

Outra interessante anotação é a do dia 9.5.54, em que leio: "Nesta madrugada, fui levado para bem alto no espaço, seguramente muitos milhares de metros de altura, pois de lá cheguei a ver nìtidamente a curvatura do globo terrestre. Maravilhoso foi para mim o espetáculo, não só pelo inédito de tal visão, como também pelo colorido varie-

gado da paisagem, pois a luz solar incidia como se proviesse do arrebol, tingindo de várias côres o panorama subjacente. E eu me encontrava como se fôsse só, dependurado e parado no espaço".

Como se vê, os esforços que vinha realizando para modificar hábitos e comportamento, apesar de ainda não terem resultado na transformação integral da minha situação espiritual, já vinham sendo largamente compensados pela minha mediunidade.

Em janeiro de 1955, fiz as anotações que seguem e que vale serem reproduzidas, pelo estranho, pelo exótico de sua conclusão: — "Dias atrás, tive uma estranha sensação que eu devia ter fixado em seus mínimos detalhes. Lamento não o ter feito, pois não poderei agora dar todo o colorido do acontecimento. De um particular, porém, ainda bem me lembro. Caminhava tendo ao lado um espírito amigo, quando, junto de uma estrada bonita, pela qual passávamos, correu uma criança (ou seu espírito), gritando em virtude do susto que outra maior lhe infligira. O espírito amigo, que me acompanhava, aproximou-se da criança para a consolar, quando aquela outra que a assustara também se achegou a nós. Num repente quase instintivo de irritação, fui fazer um gesto de reprimenda contra esta última, dando-lhe uma tapa. Mas a palmada no rosto quem a recebeu não foi a criança maior, porém eu, que no mesmo momento fui afastado do local e acordei.

CAPÍTULO

XX

EM 1956, houve um momento em que chegou a parecer-me que eu caminhava para a recuperação da mediunidade em condições que assegurariam, no futuro, a limpidez e facilidades do passado. Infelizmente, tal recuperação não ocorreu. Todavia, no dia 13 de agôsto, uma 2.ª feira, no Rio de Janeiro, depois de ter trabalhado nas primeiras horas da manhã, das 10,30 às 11, insisti numa experiência, de que ficou o seguinte relato: "Permaneci agora um largo tempo tentando uma saída do corpo em condições como antigamente eu realizava. Deitado sôbre o canapé do escritório, na Avenida Atlântica, 3484, apt.º 502, senti-me numa imobilidade absoluta, e, assim, notei que podia deslocar o espírito, mas ficava cego, nada enxergando, enquanto ouvia fora uma banda de música, que não existia no mundo físico. Resolvi, por isto, retornar ao corpo, onde me esforcei por enxergar alguma coisa, porém sem mexer-me. Assim é que aos poucos, com o ôlho direito entreaberto, comecei a enxergar a junção dos dois almofadões que estavam em frente ao meu rosto. Nesse momento, procurei deslocar os membros, o que lentamente fui conseguindo. Certifiquei-me de que os deslocara mesmo, fazendo as mãos do espírito passarem em frente ao meu ôlho entreaberto, sem vê-las. Aí, tentei deslocar a cabeça, sentindo, porém, dificuldade em conservar a visão, ao mesmo tempo que sentia crescer uma pressão sôbre a cabeça (do lado direito, sôbre o qual eu me achava deitado), como se alguma substância do meu cérebro, meio plástica, estivesse sendo um tanto dolorosamente distendida à medida que a cabeça espiritual se erguia. Apesar de penoso êsse esfôrço, eu o continuei até um momento em que, estranhamente, passei a enxergar a junção das almofadas, que antes vira em frente ao meu rosto, um tanto inclinada e já debaixo de mim, como se o canapé, ao invés de paralelo, tivesse ficado quase perpendicular sôbre o solo, e nesse momento, em seguida ao canapé, meu único ôlho direito, entreaberto (naturalmente o do espírito), passou a enxergar também a franja da ponta de baixo, junto ao solo, da cortina da porta situada ao lado daquele canapé. Essa ponta me

seria impossível enxergar na posição de deitado, pois escondia-se atrás da almofada do canapé sôbre que apoiava os meus pés. Nesse momento, passei a ouvir vozes que conversavam na sala de jantar para que dá a citada porta. Como eu me sentisse como que inclinado ao comprido sôbre o canapé, procurei então com a mão direita espiritual as minhas mãos físicas, do corpo físico. Quando tateava o meu corpo físico, veio ao meu encontro uma mão delicada de mulher, que larguei logo, para insistir na minha busca. Logo depois, tendo encontrado o que desejava, voltei a insistir em afastar-me, levando, porém, plena visão, pelo menos daquele ôlho direito. Assim é que consegui, em dado momento, ver-me defronte à cortina da porta com a sala de jantar, sem mais ver os almofadões do canapé, mas sentia-me um pouco tonto, com a sensação de quem se achava sôbre um pequeno barco que está jogando sôbre as ondas. Ao mesmo tempo, o doloroso da tensão daquela matéria plástica que ligava a cabeça do meu espírito ao corpo físico se acentuou e eu resolvi, então, ir retornando à posição inicial. Fi-lo lentamente e, em determinado momento, passei a sentir um forte cheiro de cachimbo. Fiquei intrigado, pois ali nunca antes eu vira ou percebera alguém fumando cachimbo. Procurei então ir acordando e enquanto fazia esforços nesse sentido, ouvi vozes, como se conversassem próximo de mim. Logo, porém, estava eu, de nôvo, por uma nesga do ôlho direito do meu corpo físico, enxergando as almofadas frente ao meu rosto e acordei, levantando-me para escrever isso que aí está. Até o momento em que termino de escrever estas notas, sinto ainda uma sensação dolorosa na cabeça, como eu sentia quando me esforçava para distender aquela substância plástica a que me referi atrás".

O certo é que passei, de então para diante, a descuidar de anotar tôdas as ocorrências, com a esperança de reconquistar, mais cedo ou mais tarde, a plenitude da liberdade e nitidez antigas, com que desejava retornar, para uma pesquisa, sôbre o mundo sombrio a que ficara ligado entre 1947 a 1953. Dentre as ocorrências havidas, assinalei, porém, uma, que me dava indicação da ótima situação espiritual de meu finado pai. Foi feita na manhã de 6 de dezembro de 1956, no Rio de Janeiro. Dela destaco o seguinte: "De madrugada, dormia, quando me vi no quintal de nossa antiga casa em Rio Claro (local em que nasci, no Est. de S. Paulo), olhando para o céu, onde sumia um rastro de luz. Nesse momento, atrás de mim, também se fazia muita luz. Sem que pudesse virar-me, fui sendo atraído por essa luz até

ver-me em um compartimento todo iluminado feéricamente. Percebi, então, papai, como se refletido à minha frente por um vidro que ali houvesse sido pôsto. Sua fisionomia era alegre. Antes que eu pudesse falar-lhe, fui novamente tirado do compartimento e levado por um homem que pensei continuasse sendo o meu pai. Porém, quando assim eu o chamei, aquêle retrucou que não o era, mas simplesmente meu companheiro. Fui levado, a seguir, para um local onde muitos espíritos estavam reunidos. O de uma senhora aproximou-se e passou a falar-me sôbre muitas coisas relativas aos problemas do mundo, modificações que nêle estavam sendo operadas, etc., coisas de que não mais me recordo. Foi longa a conversa, até que fomos avisados de que teríamos que nos retirar. Assim é que...

Todavia, avizinhava-me de uma outra fase crítica da minha vida. Muitas coisas já se haviam modificado e as contrariedades e preocupações se acumulavam, tornando cada dia mais difícil uma conduta equilibrada, propícia à melhoria nas condições de realização dos desdobramentos. A 17 de julho de 1957, escrevi o relato que já referi no Cap. XV com as seguintes palavras iniciais:

"Ontem senti-me desesperado... etc".

Quer pelas dificuldades que me afligiam, quer pelas distrações e derivativos que buscava, ao invés de melhorar a ocorrência dos desdobramentos, êstes passaram a rarear. Numa das vêzes em que se deu, a impressão que me deixou foi tão triste que, logo em seguida, às 6 horas da manhã de 19-6-59, me levantei para anotá-lo, procurando relação do a que há pouco assistira com o que observara na madrugada anterior, que negligenciara anotar. Hoje, ao reunir êstes elementos, vejo que a ocorrência vale por si e foi a primeira de uma série de outras que passei a ter, de que o Destino iria exigir muito de mim. Eis parte do que anotei então, com pequenas alterações de redação: "Hoje, mais estranha e notável visão ocorreu. Quando dei acôrdo de mim, achava-me em um local sombrío, sendo carregado pelo ar, e, em dado momento em que uma fraca luz se fêz, percebi estar deslisando sôbre uma estrada não muito larga e também não calçada. Assim fui sendo levado até atingir um local iluminado, onde muita gente se aglomerava, mas de tôda essa gente, eu só via os pés dos mais próximos, porque me achava com o rosto rente ao solo. Sem ver, portanto, mas apenas adivinhando a presença daquela gente, percebi que a mesma se deslocava para um lado, acompanhando a luz que também se afastava, e eu, que ia ficando na sombra, também avancei. Nisto, sem

o acompanhamento das pessoas que antes eu percebera, aquela luz forte, mais radiosa do que a luz do dia, voltou e eu vi no solo, próximas do meu rosto, umas pegadas sendo deixadas por pés sangrentos sôbre a areia fina do solo duro e firme. Uma das pegadas, exatamente a que mais próxima do meu rosto se achava, era muito nítida, sôbre ela se destacando, além da marca da ponta da planta do pé, a do dedo maior. Era a marca do pé direito de um homem que estivesse sangrando por alguma ferida e cujo sangue fresco, vermelho-claro, se misturara com a fina areia do solo. Próxima, sôbre qualquer coisa nojenta, estava também marcada uma outra pegada humana: a marca de outro pé descalço. Em minha mente, dominada por estranho respeito, uma intuição surgiu de que aquêle pé que deixara as marcas sangrentas teria sido o de Jesus. E observando a sombra vermelha daquele grande artelho delicado, fui sentindo descer sôbre mim, pouco a pouco, a escuridão. Quando novamente dei acôrdo de mim, achava-me numa sala e perto, o espírito de minha mãe que, referindo-se a um nome de pessoa que não pude bem distinguir, me disse: "F. falou-me há pouco que você foi levado à Palestina. Que felicidade a sua". Logo após acordei e levantei-me para vir escrever estas notas. Como devo interpretar essas visões? (*) Deverão ocorrer graves acontecimentos? Parece-me que sim; parece-me, também, que me será exigida uma prova de renúncia, ou de sacrifício".

Ao reproduzir hoje essa anotação, recordo-me de uma regra que lí recentemente, ao folhear o "Curso adiantado sôbre Filosofia Yogi e ocultismo oriental", de Yogue Ramacháraka e que diz: "Antes que os olhos possam ver, devem ser incapazes de chorar. Antes que o ouvido possa ouvir, há de ter perdido a sensibilidade. Antes que a voz possa falar na presença dos Mestres, deve ter perdido a possibilidade de ferir. Antes que a alma possa erguer-se em presença dos Mestres, é necessário que os pés se tenham lavado no sangue do coração".

Aos que não estejam iniciados no entendimento da que é chamada "a linguagem esotérica", ou oculta, procurarei explicar o profundo significado dessas frases. Para que cheguemos a ter penetração e possamos enxergar nos fatos as realidades espirituais subjacentes, é preciso que tenhamos sofrido muito, ao ponto de se terem secado as lágrimas em

---

(*) Referia-me às das duas madrugadas relatadas nessa anotação de 19-6-58.

nossos olhos e não mais as vertermos, mesmo quando feridos por grandes golpes. Para que os nossos ouvidos possam alcançar a sensibilidade que nos permitirá ouvir as harmonias imanentes no Universo, é preciso que os mesmos ouvidos tenham ficado surdos às injúrias, às ofensas ou às insinuações e convites tentadores. Para que possamos comparecer perante os grandes mestres espirituais e ali fazermos ouvir as nossas vozes, será preciso que tenhamos perdido definitivamente a fraqueza ou a capacidade de ferir com a linguagem e que os grandes holocaustos tenham feito o sangue que deflui de nossos angustiados corações purificar os nossos passos, o nosso comportamento.

Abril de 1967

CAROS LEITORES

ATENDENDO à sugestão insistente do meu grande amigo Romeu de Campos Vergal, vou autorizar a publicação das anotações até agora feitas. Infelizmente, sem o vigor moral que desejaria ter para impor-me uma disciplina rigorosa e envolvido numa vida tumultuada de trabalhos sem conta, não consegui recuperar a limpidez dos fenômenos, como eu os tive em certas épocas. Pior ainda, vêm êles rareando enquanto retorno ao normal dos sonos pesados, às vêzes povoados de sonhos como todos os têm.

Não quero, porém, furtar-me ao imperativo que sinto de dar um complemento a êste trabalho, quando menos, por enquanto. Tal complemento será para acrescentar fatos e idéias que têm chegado ao meu conhecimento nos últimos tempos, além de conclusões outras que me têm ocorrido e que acredito serão úteis para que vocês fiquem mais bem informados sôbre a matéria destas anotações.

Os fenômenos que comigo ocorreram são denominados, nos meios espiritualistas e ocultistas, como de desdobramento e clarividência. Todavia, de há muito são conhecidos e até alcançados por exercícios, havendo a respeito já numerosa bibliografia. Alguns dêsses livros têm-me vindo às mãos nestes últimos anos e animar-me-ia a citar aqui os do Yogue Ramacháraka, que, num extraordinário esfôrço de divulgação das excepcionais experiências dos ascetas e contemplativos que são os yogues, trouxe para o ocidente, em numerosos livros de fácil leitura, muitos ensinamentos do ocultismo indu. No seu "14 lições de filosofia Yogue", ao tratar do mundo astral", ensina que, sem o auxílio dos sentidos físicos, pode uma pessoa penetrar nos muitos planos e sub-planos em que se divide êsse mundo astral. Esclarece que "é possível, para uma pessoa, projetar o seu corpo astral ou viajar nêle" "e o ocultista pode fazê-lo assim, à vontade, sob as condições adequadas". "O ocultista não preparado naturalmente não tem tão grande contrôle sôbre o seu corpo astral e é mais ou menos torpe no manejo dêle".

Por outro lado, muitas das descrições ou referências relativas ao mundo astral ou espiritual que li se assemelham às que pude ir colhendo no decurso das minhas experiências.

Tôda essa coincidência evidencia que, ao lado da realidade física, há também uma realidade que podemos chamar espiritual, não perceptível quando nos encontramos absorvidos pela vida física, mas permanente e sempre acessível ao nosso conhecimento quando nos colocamos em condições adequadas para observá-la. É natural que assim seja porque a ordem universal resulta da existência de leis que são, no âmbito de alcance da nossa percepção, irrefragáveis. Assim, o oxigênio e o hidrogênio se combinam para formar a água desde que êles se encontrem em determinadas condições de pressão e temperatura. Se essas condições não ocorrem, êsses dois elementos químicos podem permanecer em contacto sem que daí resulte a formação da água. De igual forma, se uma pessoa viva, neste mundo físico, não se prepara a fim de atender aos requisitos que a natureza impõe para ter percepções do mundo espiritual, essas percepções não ocorrerão. Porém, nem porisso êsse mundo espiritual deixará de ser uma realidade e nem porisso essa realidade deixará de ser acessível, desde que atendidos aquêles requisitos.

O importante é que essa realidade fixa, em conseqüência, uma existência autêntica e permanente para o nosso "Eu", diferente da simples vida física, existência essa em que vive transitória e acidentalmente o nosso espírito, quando dorme o nosso corpo, e em que passa a viver permanentemente, quando êsse corpo morre.

Tais conclusões, ouso dizer, não só são importantes, mas importantíssimas, ou, mesmo, de um valor absoluto para nós, porque, não obstante a nossa vida física, com os seus problemas, seja o ponto constante de nossas preocupações normais, na verdade ela não passa de uma ocorrência transitória, reduzida ainda mais no seu significado de experiências que nos dá pelas horas que gastamos atendendo às necessidades do corpo. Se, portanto, uma grande parte da nossa vida física, fora da nossa percepção consciente, o nosso "Eu" a passa no mundo espiritual e, além disso, para êste vai êle definitivamente após a morte física, claro está que êsse mundo avulta de importância para nós, pois representa, necessàriamente, o nosso destino, o nosso futuro, também o nosso passado, e melhor diria — o nosso "habitat".

A essa altura, convém destacar que os informes e referências do ocultismo sôbre o mundo espiritual que estou invocando não estão, modernamente, sob a suspeição, ou a condenação da ciência oficial, como estiveram no passado. Os progressos feitos na parapsicologia, desde que J. B. Rhine iniciou, há mais de 30 anos, as suas famosas experiências

na Universidade de Duke (USA), sujeitas, em seguida, a prolongados debates e verificações em todo o mundo, permitem hoje assegurar, de maneira conclusiva, a existência do espírito e, conseqüentemente, a sua interrelação com um mundo que lhe é próprio, o espiritual. É o próprio Rhine, em seu "O alcance do Espírito", que à pergunta: — "Existe algo extra-físico, ou espiritual na personalidade humana?" — responde categòricamente: — "A resposta experimental é afirmativa. Há provas atualmente da existência de tal fator no homem". Essas provas a que Rhine se refere não são as dos depoimentos, como o meu, mas as experimentações, realizadas, milhares de vêzes, em laboratórios, sob todo o tipo de contrôle e cautelas indispensáveis para evitar interferência de fatôres estranhos aos que são objeto dos estudos, ou, eventualmente, defeitos de observação.

Assim, ninguém de bom senso pode deixar de levar em linha de conta, quando procura fixar as suas regras de conduta ou comportamento, as eventuais interrelações dêsse fator extra-físico, ou espiritual, sôbre a própria conduta.

O mérito que divisei nas experiências que tive e que me convenceu da utilidade da divulgação destas é que através das mesmas resultam muitas conclusões, a meu ver evidentes, que revelam tais interrelações e que agora vou procurar, esforçadamente, resumir.

1.ª CONCLUSÃO

No homem existe algo extra-físico, e êste algo — o espírito — tem outros instrumentos de percepção, conhecimento e ação, que não resultam dos sentidos e qualidades do corpo físico.

Poderia associar, na demonstração da procedência desta primeira conclusão, às observações das minhas experiências, as que nestes últimos anos têm sido feitas no terreno da parapsicologia. J. B. Rhine, no seu livro atrás citado, Cap. XII, assim se expressa: "As pesquisas de psi" (das funções paranormais da mente) "mostram que o espírito humano pode fugir aos limites físicos sob certas condições. O espírito atua recìprocamente com a matéria não só na relação pensamento-cérebro mas em certa espécie de contactos com objetos externos nas experimentações de ESP [1] e PC [2].

(1) ESP — Percepção extra-sensorial (telepatia, clarividência, precognição).
(2) PC — Psico-cinética (ação sôbre coisas do mundo físico).

Todavia, esta ação psico-física não obedece às leis comuns da física; parece antes obedecer a princípios orientadores já conhecidos na movimentação humana. Atua como seria de esperar por parte do espírito, mas diferentemente da matéria. Assim sendo, demonstrou-se diferença distinta entre espírito e matéria, dualismo relativo por meio das experiências com psi, — e, queiramos ou não, a prova acumulada é esmagadora". — Para mais esclarecimentos, leia-se, do mesmo autor, o Cap. IV do seu livro "O nôvo mundo do Espírito".

Interessa-me, porém, destacar aqui o que observei, e no que respeita às minhas experiências, foram elas ricas em demonstrações de como podiam chegar ao meu conhecimento muitos fatos e impressões as mais variadas, de côres, paisagens, temperatura, sons, músicas, perfumes, etc., independentemente dos cinco sentidos do corpo. É certo que muitas dessas percepções eram exclusivamente de planos espirituais, ou extra-físicos, de forma que eu não as encontrava ao acordar. Tal fato não deve invalidar as observações. Elas correspondem a autenticidades de planos extra-físicos, ao alcance de qualquer um que atenda aos requisitos que a natureza impõe aos que desejam alcançá-los. Mas, ao lado dessas, muitas eram relativas ao mundo físico e se revelavam autênticas, quando, acordado, eu ia procurar tirar uma comprovação. De tal espécie são as visões que tive sôbre a imagem de Cristo no Corcovado (Cap. V), a do quarto de dormir da progenitora do proprietário do Edifício R., a que me referi no Cap. V, e outros casos mais. Assim, manifesta é a procedência desta primeira conclusão.

2.ª CONCLUSÃO

Êsse algo extra-físico — o espírito — pode destacar-se do corpo físico e continuar a viver com intensidade, na plenitude da consciência de sua identidade e de percepções as mais variadas, enquanto o corpo físico permanece inerte e despersonalizado.

Acredito que no relato feito das minhas experiências, passagens inúmeras demonstram a procedência dessa conclusão. Realmente, a minha personalidade, o meu "Eu" não ficava com o corpo inerte na cama em que repousava. Conseguia destacá-lo dêste, conscientemente, às vêzes por partes, retirando primeiro braços, depois pernas, e afinal a cabeça; conseguia, em seguida, examinar o corpo, como se examina e

se observa um objeto estranho, inerte, não raro anotando a posição dêle no leito, para conferir ulteriormente, quando acordasse; conseguia distanciar-me, isto é, distanciar o meu "Eu", a minha personalidade, do corpo físico, que permanecia insensível, e percorrer distâncias enormes, fazer observações, ver paisagens, chuvas, dias ensolarados, etc., com tôda a plenitude de sensações que os cinco sentidos do corpo me confeririam se êste é que viajasse. Tal corpo deixava, porém, de ser o veículo das minhas percepções; conseguia vencer obstáculos materiais, atravessando, às vêzes, paredes e portas fechadas que encontrava, sem ver nêles obstáculos; conseguia, afinal, retornar para as proximidades do corpo físico e perceber, nìtidamente, que não era com êste, que via inerte, despersonalizado e insensível sôbre a cama, porém comigo, com êsse extra-físico que em mim existe, que estava o meu "Eu", a minha consciência de "Existir", de "Ser". Interessante é reler, também, a experiência das duas mãos, a espiritual e a física, que relatei no Cap. II.

Tal experiência parece-me conclusiva.

3.ª CONCLUSÃO

Ao extra-físico, ao espírito, que enquanto habita o corpo físico colhe impressões através dêste e exerce sôbre o mundo físico ação mercê dos instrumentos que aquêle corpo lhe proporciona, corresponde, também, um mundo extra-físico, espiritual, ou astral, que constitui o seu "habitat" normal.

Realmente, se o espírito tem instrumentos de percepção além dos cinco sentidos; se êsses instrumentos lhe revelam outros ambientes extra-físicos; se nesses ambientes êle pode viver com integral realismo e autenticidade, ali se sentindo com plenitude não só de sensações como de identidade, claro é que êsse mundo passa a ser para o "Eu" extra-físico uma coisa autêntica. Essa autenticidade, naturalmente, se projeta em tôdas as ocasiões de vivência do "Eu" nesse mundo e se ainda é êste que acolhe o "Eu" ao têrmo da existência física, claro também fica que tal mundo é o "habitat" normal do espírito. Posteriormente à afirmação que fiz, no início do capitulo IX, de pouco ter encontrado espíritos de pessoas falecidas, vim a encontrar os espíritos de muitos amigos e parentes meus já falecidos nos planos que visitei, o que me demonstrou a autenticidade e importância dos planos espirituais para o nosso espírito. Alguns dos que encontrei ignoravam a sua situação de "desencarnados" e procederam co-

migo com certa impertinência, reclamando contra as surprêsas que sofriam, por não perceberem seu nôvo estado, exigindo esclarecimentos. Dêstes eu era afastado bruscamente. Outros, conscientes da sua situação de desencarnados, agindo com discreção e comportando-se como se obedientes a uma rígida disciplina, limitavam-se a simples comunicados, ou rápidos cumprimentos. Entre outras, tenho anotada a descrição de uma visita de um meu irmão, falecido anos antes, e que a seguir transcrevo:

"25 — sábado, 5,30 — Ubatuba" (a anotação está em seguida a outra de abril de 1964) — "Pela primeira vez, tive uma ocorrência clara, límpida, tranqüila, depois de janeiro. Foi há pouco. Começou percebendo eu o arrastar de um par de chinelos pelo quarto. Fiquei atento e venci, fàcilmente, o temor inicial. O andar arrastado continuou e estando eu deitado de costas, aproximou-se da cama, surgindo, ao meu lado direito, uma sombra — o que me deu um choque, — que, contornando a minha cabeceira, retornou, à minha vista, pelo lado esquerdo. Quando se ia afastando da cama, procurei manifestar o meu agradecimento. Sentia-me, porém, duro, imobilizado e o som da minha voz (espiritual) saiu com dificuldade. Disse: "Obrigado" — e, como ninguém respondesse, insisti: "Obrigado". Alguém, então, respondeu: "Nada" — e eu percebi que a voz era de meu irmão Mário, falecido há uns cinco anos. Porisso, perguntei logo: "É você, Mário?" Na falta de uma resposta, voltei a insistir: "É você, Mário?" E a resposta, afinal, veio tímida: "Sim". Adiantei logo outra pergunta: "Como vai mamãe?" Para responder-me, êle se aproximou um pouco mais dos pés de minha cama, passando eu a vê-lo nìtidamente, e disse-me: "Vai muito bem". Disse-lhe, então, que êle estava bonitão, forte, e êle sorriu mansamente, confirmando. Disse-lhe mais, com dificuldade, com a mesma voz (espiritual) arrastada, que estava contente, pois eu precisava recuperar a mediunidade, e êle confirmou que, realmente, precisava. Em seguida, disse-me: "A Nista está de vestido nôvo. Levei-a ao meu alfaiate". E soltou uma risada gostosa, afastando-se após. Nista era nossa irmã, morta posteriormente ao falecimento de Mário. Mamãe falecera antes dêste. A alusão ao vestido nôvo, feita com expressão galhofeira, entendi como sendo um nôvo aspecto, mais bonito do que aquêle que tivera ao falecer.

4.ª CONCLUSÃO

Êsse mundo extra-físico, espiritual, ou astral, de igual forma como o mundo físico, está sujeito a leis dominadoras, irrefragáveis, que não são as mesmas que governam o mundo físico. Nêle não prevalecem o tempo, o espaço, a gravidade terrestre.

Acredito estar evidente, de todo o meu relato, que a minha permanência nos planos astrais ficou sempre sujeita a certas condições irremovíveis. Assim, conforme o meu comportamento no mundo físico, resultava para mim a contingência de freqüentar planos astrais mais ou menos agradáveis. Tal contingência era irremediável e não obstante às vêzes eu pudesse, de um plano, divisar um outro imediato, mais agradável, por mais esfôrço que fizesse não conseguia passar do que estava para êsse outro, exceto se conduzido. Vejam-se os relatos do Cap. VII, e, entre êles, o em que refiro que, estando percorrendo uma rua estreita, feia e sombria, ocorreu-me subir pela parede de um dos edifícios até conseguir penetrar numa outra paisagem ensolarada e formosa, naquele mesmo local. O esfôrço que fazia para conseguir essa visão logo me cansou, retornando eu ao nível do plano anterior, da rua triste e sombria. Em tais momentos, como se pode ver por outros relatos, uma fôrça elástica contém o espírito e o impede de continuar ou de ver.

Também o relato do Cap. XIX, relativo à surpreendente visão do fogo astral avançando sôbre a superfície do oceano e surpreendendo-me ao ponto de envolver-me, só me deixando uma estranha sensação de queimadura em um dos braços, revela a ocorrência de fenômenos e condições de ação dêsses fenômenos no mundo astral, sujeitos a certas leis.

Por outro lado, as mesmas experiências revelam que a gravidade terrestre e o condicionamento tempo e espaço não influem sôbre o mundo astral. Assim, o relato feito no início do Cap. V., do passeio que papai me proporcionou, levando-me a uma colina, onde quis assentar-me sôbre um pequeno barranco, é categórico, na própria frase usada pelo espírito de meu progenitor: — "Então você não sabe que nesse estado você não sofre a ação geocêntrica de atração da matéria?"

Nesse mesmo capítulo, estão dois outros relatos que indicam, claramente, a superação do fator tempo, que condiciona os fenômenos físicos. Num, relativo à visão das instalações que tinham existido no local do apartamento em que eu

estava residindo, é evidente a demonstração de que, no mundo astral, o passado continua existindo ao lado do presente. O que eu então via não era o que no momento existia, mas o que já tinha existido muitos anos antes. No outro, relativo ao aviso de certo risco a que eu ficaria exposto se retornasse ao Rio de Janeiro, é evidente a demonstração de que o futuro pode ser conhecido. Essas ocorrências demonstram, a meu ver, que o passado e o futuro podem ser vividos no presente, no mundo astral. Ali, o tempo não conta. A eternidade é que deve estar presente.

No que respeita ao fator espaço, que é outro condicionamento dos fenômenos físicos, interessante é observar que, por maior que êle parecesse, entre o local em que permanecia o meu corpo físico e o outro em que se encontrava o meu espírito, o retôrno dêste àquele era quase sempre imediato. Em alguns relatos está que, ao desejar acordar, tudo quanto eu estava vendo desaparecia da minha vista, ouvia um estranho zumbido, como se estivesse voando em extrema rapidez, e logo acordava. Mais freqüentemente, porém, bastava manifestar desejo de acordar e, de imediato, já me sentia junto ao meu corpo, no início do ato de acordar. Acredito que os locais físicos que meu espírito haja visitado tenham sido, certas vêzes, a distâncias astronômicas, que a luz, na sua velocidade de 315.000 quilômetros por segundo, levaria muito tempo para percorrer. Tal é o caso referido no Cap. II, que relata a ascenção em zigue-zague pelos ares, ao manifestar o desejo de visitar um outro mundo, e o retôrno imediato, com uma censura nos ouvidos, ao ter manifestado intenção de assustar a criança que alvejara o meu espírito com uma pedra. A ocorrência referida no início do Cap. X também dá notícia da possibilidade de o espírito superar longas distâncias num átimo. Acredito, porém, que mais expressiva é a que passo a reproduzir:

"21-2-66: — Dei por mim em uma sala iluminada. Observava, por uma janela, as estrêlas do céu e falei a respeito delas com alguém que estava ao meu lado. No íntimo, tinha um grande desejo de ultrapassar os espaços e visitar outros mundos. Nisso, comecei a ser elevado espaço afora, tendo sob a minha vista um conjunto de estrêlas, que estivera observando. Ascendi velozmente e tive a impressão de assistir a um aumento no brilho daquelas estrêlas que, todavia, foram ficando para a minha direita até serem ultrapassadas, enquanto mudavam ou davam a impressão de mudar de posição entre si. Continuava a observar essas estrêlas, quando notei que me achava sôbre uma rua, ou estrada não calçada,

junto a um edifício que me pareceu uma oficina, dentro da qual se acumulavam vasilhas. Ultrapassando essas vasilhas, aproximei-me de uma máquina, a que encostei a minha testa. Verifiquei, ao retroceder um pouco, que a ponta da gola da minha camisa se esticou na direção da máquina, como que imantada por esta. Senti-me, então, cansado e logo acordei. Terá sido para mostrar a influência de campos magnéticos?!"

Acredito que, realmente, o desejo que me animava foi compreendido pelo espírito que em minha companhia se achava e êste tenha decidido atendê-lo. O fato de estar fixando um grupo de estrêlas e ter podido ver-lhes o ligeiro aumento de brilho e a sua deslocação para o meu lado, enquanto modificavam as posições entre si, evidencia uma extensa viagem feita em poucos minutos. Tal viagem devia ter implicado na saída do sistema solar, porque de dentro dêste não teriam sido possíveis aquelas observações. A estrêla mais achegada ao nosso sol está a 3,7 anos luz de distância. No entanto, no retôrno, êsse espaço teria sido percorrido num átimo, isto é, num instante. Para o espírito, no mundo astral, não há espaço. Talvez o infinito se resuma em um ponto, ou talvez nosso "Eu" participe do próprio Infinito, e possa estar, portanto, no mesmo instante, em qualquer dos pontos que o integram, desde que atenda aos requisitos exigidos para essa percepção.

Estas conclusões não fogem daquelas a que estão chegando as pesquisas no campo da parapsicologia. São de J. B. Rhine estas frases:

"Neste ponto, o problema, velho como o tempo, da liberdade, submete-se à luz de pesquisas, visto como as experimentações de ESP e PC revelam ser o espírito livre da lei física" (1).

"No primeiro passo, reconhecemos a ocorrência de ação de espírito para espírito, sem um meio físico conhecido. No segundo, que tratou do ESP de objetos, mostramos que o espírito pode entrar em relação cognitiva com a matéria sem fazer uso de qualquer meio sensorial mecânico que se conheça. O terceiro passo verifica que essa capacidade mental é capaz de transcender ao espaço, e o quarto afirmou o mesmo quanto ao tempo" (2).

As leis que regem o mundo astral diferem das que atuam no mundo físico.

---

(1) O alcance do Espírito, Cap. XII.
(2) O alcance do Espírito, Cap. VI.

5.ª CONCLUSÃO

Mercê das leis que o governam, êsse mundo extra-físico, ou astral se desdobra em aparências ou aspectos e condições que variam, pràticamente, de maneira infinita, os quais poderíamos chamar de planos, existentes numa gradação que vai das vizinhanças da matéria física, com tôdas as aparências desta, para estágios de pureza e sublimação, que estão acima de nossa capacidade imaginativa.

As modestas experiências que estiveram ao meu alcance e foram atrás relatadas já dão uma informação precisa, confirmativa desta conclusão.

Por elas se verá que várias vêzes, estando o meu "Eu" junto ao corpo, suas percepções eram eqüivalentes à dêste corpo. Via os móveis do quarto, a cortina da janela e a luz que por esta entrava. As percepções que então eu tinha do mundo astral não dissemelhavam das do mundo físico. A exemplo, cito a ocorrência referida no Cap. VI, quando pelo quarto, ao meu lado, sem ver-me, passa o espírito de uma ex-companheira, fazendo-me sentir o perfume que ela usava. Noutras vêzes, já ao sair do corpo, eu não divisava o que existia no quarto, mas coisas diferentes, que lá nunca tinham existido, não obstante sentisse estar no âmbito do meu quarto. Tal é, por exemplo, a ocorrência que refiro no Cap. IX, quando até cheguei a sentir a presença de minha espôsa no quarto, ouvindo vozes com o timbre característico da de minha espôsa, cuja pessoa, porém, não pude ver e que, aliás, ao entrar no quarto, não falara.

Em outras ocasiões mais, saindo do corpo e percebendo o meu quarto, era levado a mergulhar no solo, onde nada existia de meu conhecimento e passava a percorrer um submundo de sombras, com encontros de criaturas inquietantes, de fisionomias deformadas e de uma existência pràticamente material, pelo ruído que faziam, pelo cheiro que exalavam, como se vivas fìsicamente elas fôssem.

Em outras ocasiões, ainda, como no caso já citado na conclusão anterior, podia entrevisar, do mesmo local sombrio em que me achava, outra paisagem formosa, ensolarada, ou também podia ver figuras cheias de luz que me observavam, porém inacessíveis, não raro parecendo a própria lua ou o sol, o que eu percebia não serem quando se moviam, afastando-se e deixando-me nas sombras em que me encontrava.

Êstes mesmos exemplos que estou citando servem, também, para confirmar a conclusão que se segue a esta, a saber:

6.ª CONCLUSÃO

Êsses planos nem sempre estão em lugares diferentes do espaço, pois que êles são, mais pròpriamente, estados de vibração; de forma que, no mesmo lugar, podem coexistir planos diferentes.

Todavia, além daquelas experiências, interessante é recordar a referida no Cap. VII, quando, querendo encontrar certa pessoa amiga no astral, fui parar em um local de diversões, de que precisei fugir e, ao fazê-lo, fui perseguido. Nessa ocasião, mercê da ação de alguém que me acompanhava e me tranquilizou, notei que o meu corpo (astral) se rarefazia, tornando-se mais leve, e passei a enxergar e a ver ali os meus perseguidores, que não me viam. Nada fôra interposto entre mim e os meus perseguidores. A modificação se operara sòmente em mim. A substância de que se compunha a minha figura poucos momentos antes pràticamente se dissolvera.

A teoria vibratória explicaria, perfeitamente, as ocorrências referidas na conclusão anterior e nesta. Apenas para melhor esclarecer os meus leitores, lembro o que ocorre com as ondas vibratórias do rádio e da televisão. Quando nos encontramos num determinado local, é certo que por êle passam, no mesmo instante, muitos tipos de ondas. Graças a isso é que, com um aparelho apropriado, nós podemos, à medida que mudamos no "dial" a estação, apanhar músicas diferentes, ou figuras, imagens diferentes. Tôdas elas (músicas e imagens) estão, no mesmo momento, no mesmo lugar. Elas, todavia, não se atrapalham, porque estão em faixas vibratórias diferentes, bastando, porisso, para que apanhemos cada uma delas, simplesmente que sintonizemos o aparelho para a faixa vibratória respectiva. Tais conclusões eu as tiro hoje melhor examinando o conjunto das minhas experiências e aproveitando, também, o ensinamento da yoga, que tenho procurado conhecer. Todavia, ao tempo em que relatei o fato atrás mencionado, acreditava que os planos se estratificassem a partir da superfície terrena. Tal hipótese, exarada àquela época, verifico hoje ser inexata. O fato de me ser possível, em espírito, atravessar divisões como paredes e portas, e o de ir notando, no mesmo quarto, coisas diferentes, ocupando os mesmos lugares em que outras coisas materiais existiam, revelaram-me a procedência de hipótese diferente: — os planos correspondem a faixas vibratórias mais ou menos densas. O interessante, porém, é que...

7.ª CONCLUSÃO

Dentro dêsse mundo extra-físico, espiritual, ou astral, o nosso "Eu", subordinado às leis que regem aquêle, é atraído, ou imantado aos planos com os quais se sintonizam as suas vibrações. Os fatôres dessa sintonia são, porém, de natureza ética, e não física.

Já no Cap. XVI escrevi não ser despropositada a hipótese de que seria o nosso "Eu", a alma, uma especial ou típica entidade energética. Como tal, poderia ela irradiar ou polarizar fôrças. Esta mesma hipótese explicaria, por outro lado, os fatos comprovados no campo da parapsicologia, denominados PC, psicocinésia, que vem a ser a ação do espírito sôbre o mundo físico. "O processo PC não é reação do cérebro sôbre o objeto. Não é o cérebro como processo físico, mas o espírito como fôrça não física que influi sôbre os dados que rolam", escreve J.B. Rhine, no seu "O alcance do Espírito", (Cap. VII).

Admitindo que seja realmente entidade energética, é, portanto, natural que a alma sintonize ou se imante aos campos de fôrças criados pelos pensamentos, isto é, pelas vibrações semelhantes. Os planos e sub-planos seriam, no Cosmos, como que conseqüentes ou resultados das emoções, pensamentos e volições de tudo quanto tem existido, e que os tem engendrado, constituindo-se, por si, campos de fôrça de alto poder de atração sôbre as entidades energéticas a êles sintonizados. O fator da sintonização, porém, não pode provir do corpo, ou do mundo físico, mas da própria entidade energética e tal fator só pode ser o decorrente da variação da qualidade mais ou menos grosseira das tendências dessa entidade. Se essas tendências são para o mundo físico, os planos sintonizados são os que resultam das emoções, das idéias e anseios semelhantes dêsse mundo. Se são mais sublimadas tais tendências, mais sublimados serão os planos sintonizados.

Acredito que um dos mais altos merecimentos das minhas experiências é, talvez, o da comprovação que tive dessas conclusões. Elas aí estão referindo, em vários capítulos, que o meu comportamente moral se refletia logo na situação do meu "Eu" no mundo astral. Já no Cap. VII, eu assinalava: "O interessante, porém, é que as modificações ocorridas em meus hábitos afetaram, profundamente, as condições em que se realizavam as exteriorizações". Seguem-se, ali, referências às modificações de planos que passei a freqüentar, em conse-

qüência do fato de me haver enredado, durante certo período, em aventuras que não tinham só aspecto sentimental, mas essencialmente sensual.

Mais tarde, conforme consta do Cap. XVI, as observações feitas no mesmo sentido foram abundantes, deixando clara a conclusão de que a minha posição no mundo astral, isto é, os planos acessíveis ao meu "Eu" dependiam exclusivamente do meu comportamento moral, da ordem de idéias e preocupações que "Eu" sentia quando acordado.

Em conseqüência, pude também chegar à

8.ª CONCLUSÃO

A sintonização significa para o espírito (o nosso "Eu") que êle se integra ao plano e não só passa a influir sôbre êsse, como também a sofrer a influência dêste plano sôbre si próprio.

A respeito, não faz muito tempo, tive uma ocorrência que demonstrou, à evidência, em como o nosso "Eu" pode interferir no plano em que estamos. Foi, aliás, uma ocorrência em princípio tão agradável, que até iniciei a anotação que fiz da mesma, verificada em 25-12-65 (isto é, na noite de Natal), com um agradecimento às entidades que me proporcionaram a ocorrência. Em seguida, escrevi: "É como devo principiar, face à beleza surpreendente dos lugares em que estive sucessivamente, e que dificilmente poderei reproduzir. Foram, aliás, vários, mas a dois eu posso referir-me sumàriamente. Um foi nas vizinhanças de um local denominado *NAVE LUIZ.* Muita gente por aí andava e o surpreendente era a riqueza de detalhes de um grande edifício, de uns 4 ou 5 andares, cujas fachadas estavam cobertas de alto relevos, que circundavam, a espaços, retratos de grãos-senhores ou de grandes damas, todos trajados à feição dos séculos 17 e 18. Acompanhava-me, na visita, um espírito pequeno, que era o de um parente meu, achegado, que me chamou a atenção para o nome do local. A êle eu fiz notar que, pelo aspecto de todos os presentes, até parecia que tínhamos retornado ao tempo antigo. O ar era festivo, como se algum acontecimento estivesse atraindo a multidão para ver alguma coisa que teria ocorrido em uma casa vizinha, de menor porte e mais modesta arquitetura. Daí seguimos para outro lugar, em que fomos introduzidos como quem entra em uma frisa ou camarote de um grande teatro. Toda-

via, ao invés de palco, ou platéia, embaixo estava um amplo lugar cheio de môças formosas, que dançavam ou faziam movimentos em várias atitudes. Eram môças altas, de fisionomias de raças diferentes, tôdas bonitas e de corpos muito bem feitos. Essa circunstância me levou a um pensamento, melhor diria, a um estado de atração sensual, que repeli, mas deixou em mim um ressaibo de inquietação. Senti, então, que a claridade esplêndida, que tudo iluminava, decaiu, provocando um oh! geral do povo que ali estava. Essa claridade tentou voltar mas fugiu novamente. Então percebi que o fato ocorrera por minha causa e observei que eu e meu companheiro fomos sendo afastados do local e, à medida em que isso ocorria, a luz, a distância, ia voltando, enquanto a sombra nos acompanhava.

No momento em que explicava, ou procurava explicar o fato ao meu companheiro, fui acordado".

Da influência do plano sôbre o nosso "Eu", o Cap. XV dá várias indicações. Aliás, estas ocorrências relatadas a seguir nos permitem ir mais longe, a uma

9.ª CONCLUSÃO

Não obstante a influência do plano astral sôbre o nosso "Eu" seja de natureza espiritual, enquanto habitamos o corpo físico aquelas influências acabam afetando o nosso comportamento nas sociedades humanas, pela sua insistência, e pelas afinidades com outros espíritos que nos planos se estabelecem.

Foi, aliás, com o empenho de evidenciar essa influência, que me animei a escrever o Cap. XV, quando já me sentia convencido de certo paralelismo entre a evolução da ordem das ocorrências que comigo se verificavam e os acontecimentos de minha vida física, que acompanharam a modificação de minha conduta, ou lhe sucederam.

Reputo essa conclusão de assinalada importância na atual conjuntura da vida da humanidade. Hoje, tanto ou mais do que antigamente, acredita-se nos efeitos dos trabalhos de magia ou de promessas feitas por uns sôbre as vidas de outros. Na realidade, o mal ou o bem de tais volições está eminentemente na dependência do comportamento, ou da conduta moral da criatura visada. Isto porque esta é que estabelece, com os padrões morais de existência, os planos que seu espírito freqüenta enquanto o corpo dorme. E se as condições de existência e os planos freqüentados diferem

daqueles a que as promessas ou "trabalho" se dirigem, nenhum efeito poderão êstes produzir. Assim, na verdade, os males que nos atingem resultam de nós mesmos e não dos outros, da mesma forma que o bem que possamos sentir depende de nós. Essa conclusão e as anteriores nos permitem chegar a uma outra de valia maior.

10.ª CONCLUSÃO

Sendo éticos os fatôres de sintonia do espírito com os planos astrais, está ao alcance de qualquer pessoa humana assegurar melhores condições para o seu espírito, bastando para isso que se concentre na adoção de hábitos e preocupações que devam corresponder aos melhores, mais formosos e delicados planos. Tais hábitos e preocupações têm que se inspirar em objetivos cada vez mais nobilitantes e dignificadores, num sentido cada vez mais pronunciado de bondade, humildade, capacidade de renúncia e pureza.

Na experiência atrás referida, de 25-12-64, está patente uma censura imediata feita no mundo astral a um pensamento impuro. Apesar de repelido, tal pensamento me excluíra, de imediato, de um local agradável que me proporcionava um espetáculo formoso.

No Cap. II está referida, também, uma punição imediata, acompanhada de censura, que sucedeu a uma intenção maldosa, produto de uma irritação. O desejo de assustar uma criança tornou-me indigno de permanecer em um mundo distante. No Cap. XIX também está evidente a reação que sofri ao desejar cometer uma violência, tentando esbofetear uma entidade mais fraca.

Pràticamente, aliás, quase tôdas as experiências relatadas neste livro refletem, também, a linha sinuosa dos resultados das variações do meu comportamento moral, melhorando as percepções na nitidez, nas emoções deixadas, quanto melhor era êsse comportamento.

Tudo, pois, torna evidente que, não obstante os percalços da existência, que nos põem à prova, é de suma importância esforçarmo-nos por elevar o nível moral do nosso comportamento, certo como é que, quanto mais nos apegamos às coisas do mundo, riquezas, prazeres, vaidades, etc., mais subalternos, mais grosseiros e cheios de surprêsas desagradáveis serão os planos que estaremos preparando para o nosso espírito. Por outro lado, quanto mais alto o nível ético do

nosso comportamento, do nosso procedimento moral, de nossas aspirações, melhor a nossa situação no mundo astral. Confirmando tal conclusão, a 19 de janeiro de 1960 tive uma ocorrência que até me revelou um critério de medição da "fôrça moral" de cada um, o que me surpreendeu e dá uma indicação valiosa das leis de automaticidade das causas e efeitos no plano astral, pelo que vou reproduzir, em parte, agora: "De manhã, às 7 horas mais ou menos, depois de uma ligeira concentração, tornei a deitar-me e então senti, em dado momento, que me estava exteriorizando. Um vulto esbranquiçado como que me arrancava do meu corpo. Foi assim que, inopinadamente, me vi como que numa janela, face à qual divisava uma cidade ainda imersa na sombra da noite. Percebendo vários espíritos ao meu lado, agradeci-lhes a ajuda que me haviam dado e mencionei que, infelizmente, havia muito tempo que não tinha oportunidade dessas exteriorizações (espécie). Alguém, ao meu lado, respondeu que haviam aproveitado um momento de expansão, ou desabrochamento instintivo, ao passo que, antes, a ocorrência era mais natural, pela reserva que eu tinha superior *a...... morais...* A expressão que êle usou, além de um número de que não me recordo, mas que era da casa dos milhares, pareceu-me ser uma medida de "fôrça moral", da mesma forma como existe o "erg", ou o KWA. Respondi-lhe que, efetivamente, naquela época, a minha linha de conduta, no que respeita a pensamentos e ações, era muito melhor do que a que depois passei a viver. Nesse momento, reparando a beleza do céu", etc.

Assim, o nosso comportamento moral cria reservas que formam um potencial mensurável, condicionando a nossa posição no mundo astral de maneira automática e irremediável.

Neste ponto, acho interessante a reprodução de um trecho do livro do Yogue Ramacháraka, "A vida depois da morte", em seu Cap. VIII:

"Princípios sutis de atração psíquica levam cada alma ao lugar particular para o qual sente simpatia e ao qual corresponde o seu interior. A grande lei de atração opera aqui infalìvelmente, não admitindo acaso em seu mecanismo. A lei opera com absoluta precisão e uniformidade e não comete erros. Cada alma restringe-se no seu campo por suas inerentes limitações e degraus de desenvolvimento. Não há necessidade de polícia astral para conter as almas desencarnadas nos seus lugares próprios. É impossível à alma desencarnada viajar aos planos superiores à sua própria série

imediata. A lei da vibração o proíbe. Pelo contrário, tôda alma pode, se o deseja, visitar livremente os planos e sub-planos abaixo de sua própria série e observar livremente o cenário e os fenômenos dêsses planos inferiores e ajuntar-se com seus habitantes".

Não tenho dúvida de que assim seja no mundo astral.

Portanto, certo é que com o padrão do nosso comportamento moral no mundo físico, nós estabelecemos a nossa identificação prévia ao plano para o qual nos deslocamos, assim que deixamos o corpo físico.

Ora, é verdade que o mundo material é assoberbante, com as necessidades que nos impõe, as atrações e encantamentos que sôbre nós exerce, com as desilusões e desencantos que nos atordoam e desorientam, mas verdade também é que tudo isso pode ser superado por quem intensamente deseje impor-se padrões morais elevados de conduta. A tôdas as adversidades, tentações e decepções pode a alma humana superar, como o têm provado muitos cujas histórias conhecemos. E é nessa capacidade cada vez maior de superação que está o progresso; é a ela que chamamos "Fôrça Moral". Assim, se quisermos preparar melhores condições, ou planos para o nosso espírito, caminhemos no sentido do aumento dessa Fôrça Moral. Aumentemos a nossa paciência e, com isso, a nossa humildade. Aumentemos a nossa capacidade de amar e, com isso, a de perdoar. Aumentemos o nosso interêsse pelas virtudes do espírito e, com isso, a nossa capacidade de renúncia das coisas do mundo material. Sem dúvida, a luta é extremamente difícil, mas para realizá-la temos a eternidade. E o importante é começar essa luta já.

11.ª CONCLUSÃO

O progresso espiritual, no sentido de estar assegurada a cada qual sua ascenção de níveis subalternos, inferiores, de percepções grosseiras, para níveis de percepções sutis, belas, puras emoções e superior entendimento, não só está ao alcance de cada um, como só pode ser realizado por um esfôrço próprio, que modifique o íntimo da pessoa. Não são fatôres externos, decorrentes de preces, ou promessas, que influem. As leis que regem o progresso do espírito, porque éticas, são justas. A lei do "Karma" deve ser uma das leis do mundo astral.

Se são os nossos próprios pensamentos e comportamento moral que condicionam o plano para o qual vamos quando deixamos o corpo físico, claro está que sòmente o esfôrço, a luta que travamos conosco mesmos para vencer as nossas fraquèzas e maus hábitos é que, modificando o nosso íntimo, alterando as nossas atitudes e reações, criam as condições de progresso. Sôbre estas, as preces e promessas nada influem. Quando muito poderão êstes instrumentos da fé resultar num estímulo imediato, ou ajuda estimuladora, que nos predisponham àquela transformação de pensamentos e comportamento. Esta última — a saber, a transformação — é que operará, depois, o progresso.

Todos sabem, perfeitamente, no que respeita aos resultados que desejamos obter de nós mesmos, que não basta que os desejemos. Para sermos alegres, constantes, pacientes, modestos, enfim, virtuosos, não basta optar. Indispensável é travarmos uma peleja constante, reafirmando, a cada oportunidade, o nosso empenho de alcançar tais resultados, especialmente nos momentos em que a Providência nos experimenta, apresentando oportunidades excepcionalmente favoráveis para procedermos de maneira contrária. Quantas vêzes não incidimos e reincidimos nos mesmos erros, apesar dos protestos íntimos de não recairmos na falta! Na verdade, a prática das virtudes nas suas mais altas expressões é eminentemente difícil, dado que implica numa integral modificação da personalidade e tem de ser adquirida lentamente. O mérito principal das religiões está em nos dar uma causa para perseverarmos nessa modificação. Mas à medida que a ascenção se verifica, problemas éticos se apresentam de natureza cada vez mais sutis, ao ponto de parecerem aos que mais retardados na peleja se encontram, como sendo absurdos, ou inumanos. O exemplo de Jesus revela que o pleno serviço de Deus — que vem a ser a integração do espírito às lides estritamente do espírito e do exercício das nobres qualidades dêste — requer o rompimento de todos os laços, de todos os liames que não sejam os dos deveres para com Deus. O amor parece ser a essência dêsses deveres, amor que não esteja a serviço do egoismo, mas que seja apenas dedicação e justiça, com integral capacidade de renúncia. Assim, o serviço a Deus é também o serviço às criaturas de Deus, é a identificação do espírito ao Criador e ao Universo criado. Uma tal escalada ao cume do aperfeiçoamento espiritual não é, pois, apenas a prática de atos de bondade, nem apenas alguns sacrifícios pessoais praticados sob a inspiração forte de algum fator religioso ou emocio-

nal. É muito mais, porque é a verdadeira transformação ou transfiguração da personalidade. Sòmente uma tal transformação é que poderá levar espíritos, antes inexperientes, a suportarem depois, no decurso de existências que se exprimem por períodos de decênios, uma sucessão infinita de pequenas e grandes contrariedades, entremeadas de tentações, que se apresentam como oportunidades aparentemente compensadoras de prazeres e folgas, sem verem frustrada sua vigilância e comprometidos os seus melhores propósitos. É o caminho que todos teremos que percorrer e, como é extenso, temos a nosso dispor longo tempo e não apenas o de uma existência física, que seria absolutamente insuficiente para alcançar aquêle resultado. Porisso, fica o espírito, numa longa sucessão de existências, sujeito à lei do "Karma".

"Karma" (explica o Yogue Ramacháraka, em seu livro "Jnana Yoga", ou Yoga da Sabedoria", Lição XI) "é um têrmo sânscrito com que se designa a grande Lei conhecida dos pensadores ocidentais sob o nome de "causação", ou "de causa e efeitos espirituais". "Esta Lei refere-se às complicadas afinidades para o bem ou para o mal, que foram adquiridas pela alma através de suas múltiplas encarnações".

Isto significa que os pensamentos e ações que nos conduzem aos planos astrais que lhes são próprios também condicionam a nossa existência seguinte. O Yogue Ramacháraka (loc. cit.) esclarece: "E assim se segue que o que cada um de nós é nesta vida depende do que foi e fêz nas vidas passadas. Através das operações da Lei do Karma é patente a manifestação de uma perfeita justiça. Não somos castigados *por causa* dos nossos pecados, como geralmente se crê, mas sim *por êles,* isto é, os nossos próprios pecados nos castigam". "O Karma faz com que o efeitos produzidos por nossos pecados adiram a nós e não nos deixem senão quando sentirmos sua repugnância e procurarmos sua causa em nossos corações. Quando descobrimos (ou compreendemos) a má causa dêsses efeitos, aprendemos a odiá-la e atiramo-la fora como um objeto abominável, e assim ficamos livres dela para sempre".

O fato de o mal praticado por nós ficar conosco e assim nos arrastar aos planos a que seu padrão de moralidade se sintoniza e depois condicionar a nossa vida seguinte, sem dúvida cria fatôres que estimulam não só a regeneração como também, progressivamente, um interêsse maior pela evolução espiritual, só possível através da transfiguração ética.

Portanto, resulta, ainda, uma

12.ª CONCLUSÃO

A Ordem Universal é perfeita, pois, enquanto no mundo físico ela se desdobra por ciclos, num processo lento, mas inexorável, de desenvolvimento dos elementos simples para corpos e organismos sempre mais complexos e capazes, no espiritual também estabelece ciclos ascencionais, que vão desde a reprodução das condições físicas mais subalternas e escravizadoras até manifestações esplendorosas de superioridade.

Os conhecimentos proporcionados pelo desenvolvimento das ciências revelam, hoje, não só ao estudioso, mas a qualquer curioso das coisas científicas, um surpreendente e metódico processo evolutivo na ordem universal física. Todos sabem que o corpo mais simples é o átomo de Hidrogênio, que já é um complexo de uma partícula elétrica positiva, o próton, como núcleo e um eléctron (partícula elétrica negativa) girando ao redor daquele como a terra ao redor do sol. O Hidrogênio é o elemento dominante no Universo, existindo numa proporção de 93% em relação a todos os demais. Todavia, é êle que, submetido a condições diferentes de calor e pressão e ao atrito com outros elementos energéticos, como o méson, o nêutron, o hiperon e outras partículas carregadas de eletricidade, ora positiva, ora negativa, fornece o material base para os demais elementos, de que são feitas tôdas as coisas do Universo, desde as substâncias presentes nas estrêlas até as que compõem as pedras preciosas e os corpos dos sêres vivos. As transformações tendentes à realização dos elementos mais complexos, contendo no núcleo e ao seu redor os maiores números de prótons e eléctrons, ocorrem em fases sucessivas, trabalhado o material, em cada fase, em condições mais severas, no seio das estrêlas. Quando, afinal, o calor decai na superfície dos satélites expelidos da superfície das estrêlas ou das nuvens de poeira a que estas dão origem, então surgem novas condições de transformação dos elementos já criados.

John Pfeifer, em seu interessante livro "Das Galáxias ao homem" (item 6), assim descreve a ocorrência: — "Elementos nascidos das nuvens de sóis remotos, numa espécie de poeira estelar, combinam-se nas águas de uma terra-satélite. As coisas acontecem de forma invisível e se conservarão invisíveis durante centenas de milhões de anos. Substância a deriva, destroços atômicos. Partículas que se pre-

cipitam e desviam e se chocam entre si e às vêzes se unem. Que compõem formas e fragmentos de formas, treliças, cruzes, estruturas ramificadas e desenhos sem classificação semelhantes aos de algumas pinturas modernas. Moléculas que se dispõem em anéis e em celas, moléculas com cadeias laterais que se projetam como chifres. Matéria que se move incessantemente em soluções, um redistribuir de átomos. Não é a gravidade que ora mantém unidas as coisas, mas a atração de partículas carregadas elètricamente, vínculos químicos". Depois: — "abundantes quantidades de amino ácidos, estruturas de 10 a 20 átomos, unidades como fechos prontos a se unirem, formando variados tipos de moléculas complexas". "O tempo passa e a estrutura gera estrutura. Moléculas em longas cadeias reunem-se em fibras e estas se juntam em feixes. Películas transparentes curvam-se e enrolam-se constituindo superfícies intrincadas, e glóbulos formam-se, pequenos esferóides onde substâncias reagem, sob a proteção de tênues paredes elásticas. Os glóbulos não são células e ainda não aprenderam o estratagema de durar ou reproduzir-se. Mas êles podem existir durante períodos surpreendentemente longos, como bôlhas de espuma arrastadas pela praia e que rebentam e deixam pequenas depressões ao longo da areia, com que se chocam antes de explodirem". "Os catalizadores apressam a marcha do fenômeno". "Evoluem simultâneamente com as demais substâncias. Tornam-se mais complexas e mais eficientes no acelerar o rítmo das sínteses, até que alguns dêles possam aumentar a velocidade das reações de tanto quanto um bilhão de vêzes". "Os precursores da vida convergem mansamente para o fluxo das coisas. Em uma zona de substância concentrada, em um outro sítio remoto, aparece uma variedade desusada de moléculas. É uma molécula de longa cadeia, composta de muitos elos e retorcida em uma estrutura helicoidal e avança através de águas povoadas de elos, ou grupo de elos soltos, como peças sobressalentes que não foram montadas. A helicoidal começa a desenrolar-se em um extremo, como um fio desfeito e algumas das peças sobressalentes aproximam-se e prendem-se a êle". "O processo completa-se, uma helicoidal desenrola-se inteiramente. Peças sobressalentes, grupos de átomos estruturados encontram pontos onde se podem prender ao longo de tôda a extensão da molécula que se desenrola. Unem-se para formar uma superestrutura. Uma segunda longa cadeia destaca-se, constituindo uma unidade separada. Enrola-se em uma segunda helicoidal, uma duplicata da primeira. Os elos da nova helicoidal são do mesmo tipo dos que compõem a heli-

coidal-mãe e estão dispostos na mesma ordem. Logo muitas helicoidais se desenrolam e muitas uniões ocorrem e surgem enxames de helicoidais".

A reprodução orgânica começou. Surgiu o ADN. Os cristais também se reproduzem em chuveiros de estruturas simétricas. Porém, "O futuro pertence às novas moléculas terrestres que se reproduzem, estruturas helicoidais, que são também cristais de outros tipos e podem apresentar igualmente "falhas" ocasionais. Mas estas falhas não desaparecem. Estas falhas, ou mutações se reproduzem, passam de geração a geração. E o segrêdo de tôda a evolução está em que às vêzes as imperfeições herdadas são úteis".

A reprodução e a mutação constituem as chaves da evolução, que nos leva, através de milhares de milhões de anos, dos organismos mais simples aos mais complicados, com fases críticas em que fatôres desfavoráveis supervenientes, ameaçando extinguir as espécies, selecionam as melhores e as forçam a adaptações e aperfeiçoamentos.

Assim chegou a Natureza aos organismos superiores e ao próprio homem.

Para compreendermos agora o que poderá ocorrer no plano astral, acho interessante reproduzir o raciocínio do Padre Pierre Teilhard de Chardin, no seu interessante livro "O Fenômeno Humano", quando perscruta, no âmbito da biologia, aquilo que chama o "Dentro das coisas", antes de chegar à expressão do "Pensamento" no Homem. O ilustre filósofo formula, inicialmente, considerações várias, para chegar à observação de que na natureza nada surge de improviso e sempre como um produto ou fase de um processo de evolução. No que respeita à consciência, é certo, esta não surge com inteira evidência senão no Homem, mas "entrevista neste único clarão, ela possui uma extensão cósmica e, como tal, aureola-se de prolongamentos espaciais e temporais indefinidos". "No fundo de nós mesmos, sem discussão possível, surge, como que por um rasgão, um interior no âmago dos sêres. É o bastante para que, num grau ou noutro, êste "interior" se imponha como existente por tôda parte e desde sempre na Natureza. Uma vez que, num ponto de si próprio, o Estofo do Universo tem uma face interna, é forçosamente porque êle é bifacial por estrutura". "Coextensivo ao "Fora das coisas", existe um "Dentro das Coisas" (Parte I A "Pré Vida" Cap. II).

Em seguida, na Parte III, relativa a "O Pensamento", esclarece: "O Homem, tal como a ciência o consegue re-

constituir hoje em dia, é um animal como os outros, tão pouco separável, pela sua anatomia, dos antropóides, que as modernas classificações da Zoologia, regressando à posição de Lineu, o incluem com êles na mesma super-família dos Hominóides. Ora, a julgarmos pelos resultados biológicos do seu aparecimento, não será êle precisamente algo de completamente diferente?" "Se queremos resolver essa questão da "Superioridade" do homem sôbre os animais, eu não vejo senão um único meio: pôr decididamente de lado, no feixe dos comportamentos humanos, tôdas as manifestações secundárias e equívocas da atividade interna e encarar bem de frente o fenômeno central da *Reflexão*. Do ponto de vista experimental, que é o nosso, a *Reflexão*, como a própria palavra o indica, é o poder adquirido por uma consciência de se dobrar sôbre si mesma e de tomar posse de si mesma como de um objeto dotado da sua própria consistência e do seu próprio valor: — já não só saber — mas saber que se sabe". "O sêr reflexivo, precisamente em virtude da sua inflexão sôbre si mesmo, torna-se, de repente, susceptível de se desenvolver numa esfera nova. Na realidade, é outro mundo que nasce. Abstração, lógica, opções e invenções ponderadas, matemáticas, arte, percepção calculada do espaço e da duração, ansiedade e sonhos do amor"... "bem entendido, o animal sabe, mas *não sabe que sabe*".

Assinala, aí, que tal diferença já "não é simples mudança de grau, — mas mudança de natureza — que resulta de uma mudança de estado".

É uma mutação.

Esclarece mais, a seguir: — "Desde que a Evolução é transformação primàriamente psíquica, não há *um* instinto na Natureza, mas uma multidão de formas de instintos, cada um dos quais corresponde a uma solução particular do problema da Vida. O psiquismo de um inseto não é o de um vertebrado, nem o instinto de um esquilo o de um gato ou de um elefante: — e isto devido, precisamente, à posição de cada um na Árvore da vida". "Se o instinto é grandeza variável, os instintos não podem ser apenas diversos: — êles constituem, na sua complexidade, um sistema crescente — figura, no seu conjunto, uma espécie de leque, onde os têrmos superiores, em cada nervura, são reconhecíveis por um raio maior de opção, apoiado num centro mais bem definido de coordenação e de consciência. E é exatamente o que observamos. O psiquismo de um cão, diga-se o que se disser, é superior ao de uma toupeira, ou de um peixe".

É, ainda aqui, o processo da evolução, com a mutação.

A alma, aquela entidade ou princípio a que nos referimos no cap. XVII, não tem forma que lhe seja própria. Porisso mesmo, tôdas as formas podem ser suas e o desconhecimento de si própria e de suas qualidades a leva às primeiras experiências em condições subalternas. Assim, no decurso das idades, aprende a identificar as coisas que a cercam até o momento em que se sente, em que também se identifica, momento êsse em que, tendo consciência do próprio pensamento, inicia a pesquisa à procura de soluções através de confrontos e comparações. No mundo físico, a alma racional não encarna senão em organismo preparado, através das mutações biológicas, para o exercício de suas faculdades racionais, mas, no astral, onde as expressões de sua racionalidade não requerem um instrumento físico permanente, a sua conformação aparente pode variar em conseqüência dos sentimentos, pensamentos e preocupações dominantes. Daí, portanto, poderem verificar-se representações animalescas, monstruosas ou degradantes para espíritos que se deixaram dominar por emoções ou preocupações grosseiras e de igual maneira animalescas, monstruosas e degradantes, assim como representações de sublime beleza, inacessíveis mesmo à nossa atual compreensão, para aquêles outros espíritos que se concentram e se sublimam em atividades e objetivos de superiores padrões éticos.

Finalmente, podemos atingir uma

13.ª CONCLUSÃO

A disciplinação universal, tão patente no mundo físico pelas leis que governam a matéria e no mundo espiritual pelas leis éticas que presidem à ascenção do espírito, revela, através da justiça e do amor que inspiram a ordem do Cosmos, a imanência, nesta, de uma Inteligência Criadora e Absoluta: — DEUS.

Lentamente, no decurso já de milênios, vêm os homens se empenhando em conhecer a natureza das coisas que o rodeiam e, mercê dêsse esfôrço, descobrindo que tôdas elas estão subordinadas a leis rigorosas, inflexíveis: a amplitude dos conhecimentos já adquiridos permite hoje concluir, que, na verdade, tais leis são as mesmas no imensurável Universo físico em que vivemos, e dada a circunstância do movimento permanente e da tendência constante para a elevação dos

padrões físicos das estruturas, atingindo sempre níveis de maior complexidade, num aperfeiçoamento seguido, resulta a convicção de que existe uma Ordem, uma disciplina Cósmica.

Agora, das furtivas visões que as experiências dos Yogues, místicos e iluminados, ou as ocorrências acidentais, como as que se verificaram comigo e foram relatadas neste livro, ensejam apreciar sôbre o Universo espiritual (os planos astrais), também resulta claro que, de igual forma, êsse Universo está submetido a leis rigorosas e inflexíveis, que condicionam e impelem os espíritos a um processo evolutivo.

Mais pode ser dito ainda neste ponto. A própria circunstância de as leis que presidem as ocorrências nos planos astrais serem éticas, demonstra, desde logo, que uma de suas bases é a Justiça, a equanimidade.

Esta evidência inicial é profundamente confortadora, pois revela que as desigualdades eventualmente observadas em quaisquer dos planos, ou entre êstes, são absolutamente transitórias e decorrentes das diferenças de opções de cada um, em determinado momento, no rumo adotado para o seu comportamento, ou nos objetivos visados. Tais desigualdades, portanto, no decurso das eras, desaparecem, porque todos terão as mesmas oportunidades, todos têm em si as mesmas aptidões inatas e as mesmas possibilidades e todos terão pela frente as mesmas reações dos planos astrais aos seus comportamentos respectivos, reações essas que se expressarão como prêmios ou penalidades às ações cometidas semelhantes.

Todavia, ainda uma evidência mais confortadora pode ser assinalada: outra base das leis éticas que dominam os planos astrais é o amor. Não o amor que gera apêgo, ou cause preferências ou favoritismos, mas que se manifesta em tolerância, compreensão e ajuda desinteressada. Conforme já assinalei no transcurso do relato das ocorrências, as grandes alterações no plano astral não resultam de erros ou práticas de virtudes ocasionais, mas da reiteração de faltas ou de comportamento virtuoso. Assim, deixa-nos a Providência larga margem de oportunidades para nos recuperarmos, ou tempo para reafirmarmos os nossos propósitos. De igual forma, pelos relatos feitos, torna-se evidente que sempre que em nós desabrocha um propósito sincero e forte de recuperação, ou de evolução das nossas aptidões espirituais temos assistência a par de oportunidades para vermos postos à prova os nossos intentos. Evidentemente, a assistência e ajuda diferem de acôrdo com o grau e as condições em que

se encontra cada um. Mas, em verdade, todos as têm, ora manifestadas no feliz resultado de certo empenho, ora num suposto "milagre", que surpreende o próprio beneficiário e reafirma sua fé, ora num socorro fraternal imprevisto, ora, ainda, nos casos de mediunidade, em manifestações, ou revelações que atendem aos anseios do beneficiário das mesmas. Tais circunstâncias são evidências de tolerância, de compreensão e, mesmo, de amor. Dadas como certas, portanto, a ordem e uma disciplinação sábias, tendentes a um aperfeiçoamento, ou superior complexidade, tanto nas expressões físicas dos corpos, como na vida do "Eu" nos mundos astrais; dado mais, como certo, que nessa disciplinação não existe só evolução, como também justiça e amor, óbvia fica a conclusão de que uma Inteligência superior presidiu a tal ordenação, ou disciplinação.

Que tipo, porém, de inteligência será essa? Alguma que esteja imanente e portanto presente na ordem criada, vivendo e expressando-se nos fenômenos da natureza, ou alguma outra superior à própria natureza manifestada? Não tenho dúvida em optar pela segunda hipótese, não obstante o tema transcenda às minhas possibilidades culturais e tenha sido e o será, no decurso dos tempos, sempre debatido. Em complemento, animo-me a reproduzir umas anotações que fiz a 29 de agosto de 1965 e que refletem sumàriamente êsse entendimento.

Nesse dia, em conseqüência de ter ouvido, certo tempo antes, falar das maravilhas que o ácido lisérgico operava sôbre o ânimo do paciente, facilitando-lhe uma integração de personalidade, que afastava estados de indecisões, submeti-me a uma aplicação do mesmo. Não recomendo a experiência a ninguém, pelas razões que então verifiquei e constam de nota no final do relato da mesma. Reproduzo-a, porém, porque, na verdade, não só ela me ensejou, pela hipersensibilização que no momento me provocou, uma afloração de conceitos presente no fundo da minha mente, como também me conferiu percepções, que passo a referir.

Horas depois de me haver submetido à experiência, fiz as anotações.

Começo descrevendo a estranha sensação de entumecimento na região bulbo-cérebro e cerebelo, associada a outra sensação de ruptura das células nervosas. Assinalo que passo a perceber, em seguida, projeções de coloridos, como se decorrentes da decomposição prismática da luz. Éramos três pessoas deitadas em divãs diferentes e o médico presente recomendou-me que me encolhesse e me imaginasse na forma de

um embrião no útero materno. Sem esfôrço, consegui alcançar êsse resultado, porém fui mais longe. Logo me senti como se a minha forma fôsse a de uma larva e logo transpus êsse estágio para me sentir partícipe da agitação de formas cristalográficas, que se compunham e decompunham. Quando me cansa essa percepção, me movimento e me levanto, tendo, então, a estranha sensação de perceber e ver, fugazmente, projeções em camadas sucessivas, dos braços, mãos e corpo, com suaves nuances coloridas. Eu me pergunto se não seriam áureas. Concentro-me sôbre a minha pessoa e me sobrevém, aos poucos, a certeza de que sou um intelectual, uma vitória do espírito sôbre os nervos. Os pensamentos aceleram-se e eu percebo, adquiro a certeza de que na origem tudo é espírito, ao qual se sucede a energia e depois desta, a matéria. Tenho a impressão de ter participado do processo da evolução da matéria, dos cristais, que se compunham e se decompunham, do limo e da larva.

Enquanto dou ao médico a notícia dessas e outras impressões que me afloram à mente, passo a ouvir uma música suave, de um disco que alguém colocara numa vitrola, na sala vizinha. A música chama-me a atenção e eleva-me. Passo a sentir-me identificado com tôdas as coisas que existem. Sinto afeto imenso e compreensão. Sou levado para a sala vizinha, onde se encontram outras pessoas, e o médico me mostra um livro de telas de Picasso e Van Gogh. Antes, eu jamais apreciara êsse tipo de arte que, num confronto com o requinte de fidelidade à natureza física da pintura clássica, sempre me pareceram a evasão da incompetência. No entanto, com pequeno esfôrço, logo compreendo aquelas pinturas e percebo que tôda a sua discrepância com as da arte clássica está em que elas reproduzem as visões de sub-mundos, de planos diferentes, de uma vibração diferente, mas que também são autênticas, são fiéis reproduções de realidades ocultas antes a minha percepção física.

Observo-me cuidadosamente. Não há dúvida que me controlo bem; todavia, nas conversas que travo com outras pessoas, na sala, tenho dificuldade para expressar o que vou sentindo. Pior ainda, há desconexão entre as idéias e a linguagem, pois nem sempre o que falo é o que eu desejava falar. Mais: noto que a memória, registro comum das coisas, está falha; se o dado não é essencial, logo me esqueço dêle. Porisso, quando converso, logo me perco e paro num silêncio, com a sensação de me ver num vazio.

Observo-me. A sêde é enorme e bebo grandes quantidades de água, sentindo, logo depois, a garganta e a bôca sêcas. Todavia, a micção é quase nula e tenho a sensação de forte compressão ao redor do pescoço, ao ponto de não tolerar o colarinho ou a gravata ajustados. A respiração é arrítmica e a intervalos, com haustos enormes.

Olho-me e penso em mim. Tenho a sensação de ser o meu corpo um frágil instrumento de muito pequena durabilidade. O que de essencial em mim existe (o meu "Eu") é muito maior, e a parte que não está à mostra (o inconsciente) vejo projetar-se como um imenso gigante atrás da minha face. Êsse gigante nunca poderia manifestar-se no corpo pequeno, pois êste frágil instrumento se arrebentaria. Outras percepções ainda me ocorrem, tais como a de que sou muito velho, muito mais do que o meu frágil corpo físico e que tenho tido muita experiência, à custa de muitos sofrimentos, mas que isso é bom porque me robustece, me faz cada vez mais dono do meu destino. Sei que todos precisam sofrer para chegar à compreensão do nosso Universo, da sua complexa e supreendente multiplicidade de formas e expressões.

Em dado momento, o médico me perguntou sôbre o fim da criação e sôbre a pessoa de Deus. Pensando nessas questões, senti logo que os problemas são muito diferentes e de difícil penetração. Todavia, fixo-me no assunto e pouco depois me vem uma certeza: o Universo criado o foi para o meu "Eu" (espírito) e para o "Eu" de todos os que existem. Todos somos, aliás, um só grande espírito, para o qual existe o Universo. Êste é só para nós. Mas Deus está além, está fora de nossa percepção. Êste Universo é uma manifestação d'Êle; mas existem outros Universos. E Deus fica além dêsses Universos. Êle está fora de nossa percepção. Há muita luz lá [3].

---

(3) Ao começar o retôrno à normalidade, algumas horas depois de aplicada a Delyside-Sandoz, esforço-me para a recuperação de tal normalidade, e tenho a impressão de tê-la conquistado e de controlar bem os movimentos. Assim, retiro-me do local da experiência em meu automóvel. Mas logo verifico que estou incapaz de reconhecer, senão vagamente, os lugares por onde vou passando. Começo a dar voltas cegas pela cidade (S. Bernardo), retornando duas e três vêzes ao mesmo local. Perdera a noção de rumo, de direção; sentia-me perdido. As informações que solicito não consigo retê-las na memória. Porisso, sòmente à custa de informações sucessivas é que retorno de São Bernardo para São Paulo, gastando mais de uma hora para o mesmo percurso em que gastara 25 minutos na ida. Fiquei com a impressão de que as minhas percepções são rápidas em confronto com a realidade. Talvez porisso eu me distancio desta, tudo me parece

Êsses conceitos assim expressos sôbre Deus e a vida, quando da experiência lisérgica, defluem, naturalmente, das lições em que o Yogue Ramacháraka, no seu livro "Jnana Yoga" ou Yoga de Sabedoria, nos dá (v. V lição).

Ali se lê:

"A verdade fundamental das filosofias dos sábios do Oriente é a inexpugnável doutrina do "Ego" uno nos muitos "egos", e dos muitos "egos" no "Ego Uno". "É verdade que tôdas as formas vivas estão na Vida Universal e d'Ela são penetradas — que Tôda Vida é Una... Porém uma verdade superior e mais Alta Verdade é que esta Vida Universal mesma não é o Uno, mas é só uma manifestação e emanação do "Uno". "Assim, o mais alto ensinamento é que a Vida Universal, que enche todos os sêres vivos não é, por si mesma, o sêr e a vida do Uno".

"Fora do Universo, mas criador e inspiração do mesmo, Deus é, em relação a tudo que do Universo consta, inclusive os nossos "Eus", ABSOLUTO."

---

diferente e às vêzes não reconheço lugares de há muito conhecidos. A convicção de que não tenho aptidão para me orientar me faz nervoso. Felizmente, aproximei-me da fàbrica onde trabalho e em cujo recinto, ao chegar, peço a um guarda da Companhia para chamar uma pessoa amiga, que foi apanhar-me e conduzir-me até minha casa.

Analisando friamente tôdas as percepções sentidas, chego às seguintes conclusões:

1) O produto gera um estado tóxico, de forma que as percepções tanto podem corresponder a alucinações como a agravações de idéias imanentes no subconsciente. Porisso, tais percepções diferem muito das feitas no estado de desdobramento, que fluiam normalmente, sem excitação, não obstante muitas me surpreendessem pela sua novidade.

2) Afora a superexcitação mental, com as percepções decorrentes, não notei qualquer aprimoramento de qualidade normal, como sejam percepção ou transmissão de pensamento, ou sentimento alheio, etc. Em contraposição, tive sensível perda de aptidões normais, como a memória, a continuidade do raciocínio, a noção de rumo, etc.

3) Mesmo as percepções que referi, afora as que bem podem explicar-se pelas reações das células nervosas com efeitos da droga (os coloridos. a sensação da identificação ao processo cristalográfico, etc.) poderiam ter resultado da fixação de certas idéias contidas na mente e no subconsciente, pois a própria indicação sôbre a natureza de Deus e o fim da criação, que no momento me surpreenderam, lembro-me que fluiu da leitura de um livro do Yogue Ramacháraka.

4) A idéia de que proporciona uma integração da personalidade não se justifica. Senti-me, depois, mais dispersivo, mais indeciso, algo atemorizado. Talvez isso se deva às condições em que a experiência foi feita.

Mas êles refletem, hoje, o meu entendimento da Ordem Universal, que sei ser magnânima e perfeita.

Há os que a consideram injusta, porque ao nosso redor estão visíveis desigualdades de condições entre os sêres, que criam para uns inferioridade em relação a outros. Essas manifestas diferenças de tratamentos muitos as invocam para julgar a Deus e para concluir que Êste não é equânime e, portanto, não é perfeito. Outros, daí partindo, chegam mesmo a negar Sua existência. Tais conclusões são, todavia, superficiais e precipitadas. Resultam do êrro de se considerar cada sêr apenas pela forma transitória de que está revestido numa dada época. Mas se, ao invés de fixar o momento que passa, o julgador puder estender sua vista para o infinito e a eternidade (os imensuráveis perceptíveis do Universo físico) e na moldura da objetiva por que olhar puder abranger os séculos e milênios que cada "Eu" vive em condições sempre diferentes, ampliando cada vez mais suas experiências, e, nas oscilações transitórias das suas indecisões, fragilidades e inconstâncias, ir sempre avançando, sempre crescendo, não há dúvida de que em sua mente se fixará a percepção nítida de que a Obra Divina é justa, é perfeita.

Acho, ainda, que cabe reproduzir outra afirmação do yoga:

"Tudo foi feito do melhor modo possível. Tudo é bom e, no fim, assim parecerá".

"Êle — o Deus — vive em nós, conosco, através de nós. Detrás de todo o sofrimento no mundo, pode encontrar-se um grande Amor, que sente e sofre. E neste pensamento está o confôrto para a alma que duvida, paz à mente aflita".

Assim, para os que se julgam infelizes, eu digo: a felicidade já lhes pertenceu muitas vêzes e, seguramente, ainda lhes pertencerá muitas vêzes... Dêem tempo ao tempo; aproveitem as lições da adversidade e confiem na estruturação perfeita da Ordem Universal, que é o instrumento da Justiça de Deus.

Se "Vida" é ter a gente a alma retida
No cárcere do corpo, de tal sorte
Que ela, ao seu jugo, torne-se vencida...
Então... a "Vida" não é "Vida": é "Morte".

Se "Morte" é o eximir-se a alma do forte
Grilhão da carne, alçando-se, em seguida,
Para o alto céu, num rápido transporte...
Então... a "Morte" não é "Morte": é "Vida"!

Se "Vida" é d'alma a escravidão que a humilha,
Treva que envolve a estrada que ela trilha...
Se "Morte" é a mutação da sua sorte,

É a volta sua, livre, à Luz perdida...
Por que êsse apêgo que se tem à "Vida"?
Por que êsse mêdo que se tem da "Morte"?

INDIO TAMOIO PRADO

HAMILTON PRADO

AINDA
NO LIMIAR DO MISTÉRIO
DA SOBREVIVÊNCIA

SÃO PAULO
1969

AINDA

NO LIMIAR DO MISTÉRIO DA SOBREVIVÊNCIA

Hamilton Prado

ÍNDICE

ETERNA INDAGAÇÃO

Mistério eterno da vida:
Donde eu vim?! Para onde eu vou?!
Que fôrça desconhecida
Para a amplidão me arrastou?!

Sou andorinha perdida,
Que velho ninho deixou
E aflita voa impelida
Por ventos que Deus lançou.

E subi rodopiando...
Por entre mundos rolando,
Que, no espaço, DEUS semeou.

Ó SENHOR! minha ânsia acalma!
Dize-me... dize a minhalma:
Donde eu vim?! Para onde eu vou?!

Sonêto inédito de INDIO TAMOYO PRADO
(aos 80 anos de idade)

CAPÍTULO

I

ESCLARECIMENTO NECESSÁRIO

Ao apresentar o livro "NO LIMIAR DO MISTÉRIO DA SOBREVIVÊNCIA", meu propósito foi dar divulgação a uma série de ocorrências de desdobramento, ou clarividência, que comigo se verificaram durante decênios, aproveitando para enunciar, sumàriamente, umas tantas conclusões lógicas que a observação metódica dessas ocorrências me proporcionara, de significativo sentido filosófico.

Tais ocorrências, que ao leitor comum e desavisado podem parecer surpreendentes e incompreensíveis, na realidade são conhecidas e freqüentes no âmbito de fatos sabidos e estudados desde há muito, sob o nome de "ocultismo", sôbre parte dos quais a metapsíquica e a parapsicologia já estão trazendo, hoje, a luz da compreensão científica.

Uma ligeira busca que o leitor dê na bibliografia de fenômenos ocultistas logo lhe permitirá encontrar vários livros, depoimentos, ou estudos e explanações sôbre essa curiosa faculdade de o nosso Eu, isto é, nossa individualidade poder, em certas circunstâncias, deixar o corpo físico e, fora dêste, que se transforma em um objeto estranho e inanimado, passar a receber impressões de todo tipo (visuais, auditivas, de olfato, tato, etc.), algumas provenientes do mundo físico, outras do chamado mundo astral (não percebido pelos sentidos do corpo físico). Neste estado, o nosso Eu, deixando inerte, despersonalizado, como coisa estranha a si próprio, o corpo

físico, pode viajar, atravessar obstáculos físicos, ascender no espaço, encontrar pessoas vivas e fazer-se ver pelas mesmas, ou encontrar representações, ou espíritos de pessoas já mortas e com estas conversar, etc.

À minha frente, na estante, tenho, neste momento, um livro de autoria de Ivone A. Pereira, "Devassando o Invisível" (edição da Federação Espírita Brasileira), um outro de Sylvan J. Muldoon e Hereward Carrington, "Projeção do Corpo Astral (da Editôra Pensamento), além de "Místicos y Magos del Tibet", de Alejandra David Neel (Editôra Espassa Calpe Argentina S.A.) (fls. 174/180), Nuestras Fuerzas Ocultas", de Swami Panchadasi (Editôra Kier, Buenos Aires — Segunda Parte de "Telepatia y Clarividencia, do mesmo autor) e outros.

Tão ampla bibliografia, de que, aliás, o Livro de Muldoon e Carrington dá melhores notícias no seu capítulo "Literatura Sôbre a Matéria", confirma, à evidência, a freqüência dessa estranha ocorrência de projeção da vida consciente do nosso Eu em planos astrais, fora do corpo físico, percebendo e vivendo impressões que não lhe chegaram ao conhecimento pelos veículos normais (cinco sentidos) do corpo.

Mas, se assim é, perguntará o leitor, por que eu, Hamilton Prado, me preocupei com a divulgação de ocorrências, de um tipo já tão divulgado, que comigo se verificaram?

As razões eu as dou: as observações que fiz sôbre tais ocorrências foram metódicas, especialmente porque duvidei, de início, da normalidade de suas causas, que procurei encontrar. Assim, não obstante elas se tivessem iniciado quando eu era ainda bem jovem, sòmente à altura dos 30 anos de idade, graças aos resultados das observações, senti-me compenetrado da importância das mesmas, por duas conclusões fundamentais a que cheguei: 1) a nossa individualidade, o nosso Eu pode alcan-

çar — observados certos requisitos — um estado especial, em que lhe é possível viver, numa continuidade perfeita dessa individualidade, de forma a tomar conhecimento de fatos autênticos, até mesmo já passados e futuros, próximos ou remotos, sem o auxílio dos cinco sentidos do corpo físico; 2) êsse estado especial, que tudo indica será o estado permanente que o nosso Eu assumirá quando para o corpo físico sobrevier a morte, sofre profundas influências com as modificações de comportamento, com as mudanças de conduta moral da pessoa, numa evidência impressionante da existência de leis éticas governando a projeção do nosso Eu no mundo extra-físico, astral, ou espiritual. E a existência dessas leis éticas é, por sua vez, a garantia de um princípio de responsabilidade pessoal, que permite a cada qual construir o seu destino nos planos físico e astral.

Essas conclusões capitais passaram a pesar na minha consciência, impondo-me, progressivamente, a obrigação de as comunicar aos meus semelhantes, bem assim as observações feitas, não obstante as dificuldades e até os inconvenientes que tal emprêsa envolvesse para mim.

Sabia, de plano, que alguns me compreenderiam; que outros, que me conhecem, mesmo não aceitando como exatas as observações e conclusões, respeitar-me-iam, mas que muitos não só descreriam de tudo como impiedosos seriam no julgamento do meu propósito.

Não podia, porém, deixar de ser solidário com os que sofrem e, em especial, com os que se desesperam. O interregno que vai do nascimento à morte de uma pessoa, não obstante seja um lampejo fugaz no amplo desdobramento da história multimilenar da humanidade, representa, na verdade, para a criatura viva, uma lenta e prolongada sucessão de impressões e experiências, em que a sempre procurada felicidade se esquiva por entre alegrias e prazeres fugazes, enquanto se acumulam, progressivamente, conseqüências e fatos mentais e físicos,

que chegam a tornar, para alguns, insuportável a própria permanência na vida. Além disso, a humanidade cresce ràpidamente, o progresso da tecnologia e da ciência aumenta os fatôres que interferem nas condições da vida das pessoas, e os atritos, os assaltos à tranqüilidade, à segurança e ao bem estar dos indivíduos se aceleram, tornando aquêle interregno cada vez mais cheio de incidentes e, portanto, de choques, de dores, de anseios, de insegurança. Porisso, a muitos, no mundo, se faz necessário um arrimo, um apoio para prosseguir no caminho da vida até seu têrmo natural.

Para os dotados de resignação e paciência, a fé em uma recompensa futura, a crença numa entidade superior e protetora dão êsse apoio.

Mas há os inquietos e rebeldes, os que nos resultados das pesquisas físicas, astronômicas, biológicas e antropológicas reconhecem a erosão de certos dogmas religiosos básicos. Para êstes, aos quais a fé haurida em princípios religiosos se desfaz, é importante mostrar que a ordem que preside o universo físico é não só inteligente e dirigida num sentido de aperfeiçoamento, e, conseqüentemente, de melhoria no decurso das eras, como também que essa ordem é imanente no universo espiritual, penetra em nós, que dêle somos parte, rege os nossos destinos e nos aperfeiçoa, nos aproxima de um ponto de equilíbrio em que a felicidade se estabiliza, bastando, para que isso percebamos, que correlacionemos os fatos de nossa vida física com as revelações do mundo astral que há tempo se têm oferecido ao estudo e à observação dos homens.

Essa foi a tentativa do meu modesto livro. As observações que fizera e as conclusões que tirara me haviam ajudado a enfrentar, na vida, momentos de grande dificuldade e me forneceram estímulos valiosos para a perseverança em propósitos construtivos. Porisso, quis proporcionar aos meus semelhantes o mesmo arrimo com que o destino me favorecera e tanto me aju-

dara, cabendo-me, para realizar êsse intento, ser honesto, não só relatando as ocorrências, como ainda, o que já era bem mais difícil, confidenciando as correlações profundas que notara entre o meu comportamento e os planos astrais que, em conseqüência dêsse comportamento, frequentara.

Com tal franqueza — que muitos não apreciarão — visava afirmar aos que sofrem e se desesperam: 1.º) a sobrevivência do nosso Eu após o perecimento do corpo físico; 2.º) a influência decisiva do comportamento moral de cada um nas condições da sobrevivência do nosso Eu no mundo astral, ou espiritual, o que demonstra a prevalência, neste, de leis éticas; 3.º) a existência de um princípio de justiça absoluto, em decorrência do qual, no decurso das eras, todos são de igual forma experimentados e terão as mesmas oportunidades. Assim, os transes bons ou maus da vida atual são apenas fases transitórias de um processo evolutivo, de valor relativo, portanto, que não justificam, nem autorizam qualquer ato de desespêro. Antes, devem ser sentidos e observados como lições, ou aprendizado.

Não sei se o livro terá alcançado tão significativo propósito. Aliás, êle apresenta falhas. Venho, até, reunindo as críticas e observações várias que entre meus conhecidos e amigos a leitura do livro tem suscitado. Desejo debater tais críticas e observações para que o leitor as julgue. Eu mesmo, dada a pressa com que elaborei as "Conclusões" que enunciei, senti a necessidade de complementos esclarecedores em temas de relevância que a leitura suscita. Por exemplo, que tipos de princípios, ou leis éticas presidem o mundo astral? Serão, porventura, as mesmas regras morais que disciplinam os costumes das sociedades e sofrem a influência das transformações que nestas se verificaram por fatôres vários? O problema sexual é tão decisivo ou mais decisivo do que a avareza, o orgulho, a impiedade, na sintonização

dos espíritos aos planos astrais subalternos e inferiores? Quais as linhas gerais de comportamento que podem assegurar a projeção do espírito em planos astrais formosos e penetrados de envolvente e suave serenidade?

Enfim, êsses e outros assuntos são os que constituem o objeto dêste complemento a "NO LIMIAR DO MISTÉRIO DA SOBREVIVÊNCIA" (Edição do Serviço Social Batuira, Rua Bittencourt Rodrigues, n.º 37 — Tel. 33-6856-. (*)

(*) A leitura de "No Limiar do Mistério da Sobrevivência" é necessária para o conhecimento não só do relato dos desdobramentos ocorridos com o A., como também das circunstâncias, peculiaridades e razões lógicas ou científicas que encaminharam o A. às treze conclusões, ou evidências da existência da alma, sua sobrevivência, sua subordinação às leis éticas que regem o universo espiritual e do império do amor e da Justiça na obra da Criação. Os direitos autorais foram doados ao SERVIÇO SOCIAL BATUIRA, com livraria no enderêço supra-indicado.

CAPÍTULO

II

SONHO — ONIRISMO

HOUVE uma objeção levantada no sentido de serem as ocorrências do desdobramento por mim relatadas simples sonhos, ou manifestações oníricas. Por coincidência, essa hipótese foi uma das primeiras que afloraram em minha mente, quando as ocorrências passaram a evoluir. Agora, ouço-a levantada por um amigo materialista, que acredita no meu depoimento mas duvida da legitimidade e lucidez das observações. Verifique-se, entretanto, no Capítulo 1 de "No Limiar do Mistério da Sobrevivência" que, numa das fases iniciais da evolução do fenômeno, êste sobrevinha ao sonho. Lá está escrito: "Todavia, logo adiante, começou a ocorrer comigo outro fato curioso. Em meio a qualquer sonho, vinha-me a compreensão de que o que estava vendo era efetivamente um sonho, e então, ou se desfaziam as imagens, ou elas permaneciam, e eu, quando sentia o desejo de acordar, percebia tudo escurecer, enquanto uma forte ventania assoprava sôbre os meus ouvidos, como se em grande velocidade eu fôsse arremessado no espaço, acordando imediatamente depois. E o interessante é que, às vêzes, resultava na minha idéia o conhecimento do local em que estivera, ou com o qual sonhara". Cito, em seguida, um exemplo de identificação do lugar, que pude conferir posteriormente ser exata.

Na verdade, a mutação brusca do mero estado de vivência de um ambiente, com a percepção de imagens e fatos que me rodeavam, como acontece no sonho, para um estado nôvo, de lucidez absoluta, com pleno domínio

da consciência individual, e conhecimento surpreendente de que a minha pessoa, que ali estava, não era a "minha pessoa física", mas o meu Eu distanciado desta, representava para mim um acontecimento extraordinário, chocante. Mas, pensava eu, não seria um simples tipo de sonho?! Às vêzes — e isso também aconteceu comigo —, não é certo que a gente sonha que está sonhando e, em seguida, acorda e se levanta do leito, quando, na realidade, êsse acordar não passa de uma fase do sonho, que após prossegue?

Porisso, minhas cautelas, à medida que o processo do desdobramento foi evoluindo, aumentaram no sentido de evitar um ludíbrio, que o próprio sonho poderia causar-me.

Verificado o início da ocorrência, muitas vêzes procurava acordar. Em seguida, tomava medidas para poder, na manhã seguinte, comprovar que realmente eu acordara antes do reinício da experiência e, para isso, ou levantava-me, ia ao escritório e fazia anotações, inclusive da hora, ou acordava a minha companheira, sob um pretexto qualquer, a fim de, no dia seguinte, conferir e saber com segurança se, realmente, eu estivera acordado.

No Cap. XV, refiro uma passagem, no início de minha vida matrimonial, numa fase em que minha espôsa se revelava nervosa e amedrontada, até quando eu percebi, conforme mo permitia o "desdobramento" que comigo se verificava, a presença de alguns espíritos perturbadores molestando-a enquanto dormia no quarto. Então, ao apelar, através de uma prece, por ajuda, "vi fulgir uma estrêla e ouvi uma voz, que reconheci como sendo de um velho amigo de papai, há muito falecido, e que disse que me ajudaria se eu estivesse disposto a lutar. Para isso, porém, devia eu, tôdas as madrugadas, ficar vigilante até que os importunos chegassem. Prometi que o faria. Na madrugada seguinte, ao redor das

duas horas, acordei com o susto de quem vê uma ave vir voando de encontro ao rosto. Logo me lembrei de que devia permanecer vigilante. Lutando contra o sono e o cansaço, procurei estar atento e assim caí em imobilidade, ficando o meu espírito acima do corpo deitado..." "Nas madrugadas seguintes, continuei sendo acordado de várias formas e pude observar que, às noites em que não soube vencer o cansaço, seguiram-se dias em que ia encontrar a minha espôsa da mesma forma nervosa, intimidada, chorando fàcilmente".

Na verdade, a essa época, as ocorrências se davam sem necessidade da pasagem prévia pelo estado de sono. No estado de vigília, perfeitamente acordado e atento a tôdas as peculiaridades da ocorrência, eu caía, progressivamente, em imobilidade absoluta, com a respiração tênue, quase ausente, e então, aos poucos, ia-me destacando do corpo físico, até por partes. Inúmeras vêzes, deitado, destacava, primeiro, um dos braços e, se o corpo estava coberto, sentia aquêle atravessar a coberta. Perpassava, depois, o braço livre frente à minha vista entreaberta, percebendo-o transparente e, através dêle, a cortina, e a luz que entrava pela janela. Referi o fato, de passagem, na parte segunda do Cap. IV de "No Limiar do Mistério da Sobrevivência", com outros detalhes, que passo a confirmar.

Várias vêzes, após assim exteriorizar um braço, fazia o mesmo com o outro, e aproximava as duas mãos espirituais, esfregando-as e levando-as ao meu rosto para perceber neste o contacto "sui-generis" que elas proporcionavam, pois pareciam constituídas de uma substância froculosa, que não oferecia resistência alguma. Em seguida, deslocava as pernas, levantando-as acima das cobertas, se o corpo físico estava acobertado, e afinal deslocava a própria cabeça, quando, então, ocorria, com freqüência, passar a ouvir vozes ou rumores tanto no cômodo em que estava como em cômodos vizi-

nhos, e, mesmo, a perceber vultos, que deslizavam pelo quarto. No momento seguinte, se desejasse retornar ao corpo físico, eu o fazia com a mesma facilidade, recuperando êle todos os movimentos que, pouco antes, perdera por completo, pois, quando o meu Eu se ausentava dêle, o mesmo já não podia mais mover-se. Com freqüência, eu o observava longamente — o corpo físico —, anotava a posição em que se encontrava, ou a das cobertas, ou do travesseiro, para ulterior conferência, e aquêle corpo constituía para mim coisa estranha, objeto distinto do meu Eu, como as próprias cobertas, a cama, a mesinha de cabeceira, ou outro móvel do quarto. Êle sòmente recuperava o movimento quando o meu Eu a êle retornava integralmente. No Cap. II refiro até a estranha percepção que no desenvolvimento da fase inicial tive, vendo, pelos olhos entreabertos, as minhas duas mãos, a física e a espiritual, esta acima da primeira pousada à frente do meu rosto, no travesseiro, e inerte, apesar dos esforços que fiz para movê-la. O movimento só foi possível quando a espiritual se incorporou na mão física.

Aquelas experiências eu as fazia iniciando-as no estado de vigília, isto é, completamente acordado. Infelizmente, a facilidade com que as realizava não me inspirou a cautela de minudenciá-las, escrevendo a respeito e guardando as anotações. Só em 1956, quando me esforçava na recuperação da mediunidade, anotei uma delas, anotação essa que reproduzi no início do Cap. XX do mencionado livro. Por ali se verifica que no dia 13 de agôsto daquele ano, numa segunda-feira, no Rio de Janeiro, depois de ter trabalhado nas primeiras horas da manhã, das 10,30 às 11 horas, forcei uma exteriorização do meu Eu, de que transcrevi, a seguir, o minucioso relato.

Ora, essa circunstância de proceder à exteriorização no estado de vigília exclui, positiva e definitivamente, a hipótese de as ocorrências serem sonho, ou oníricas.

O sonho ocorre quando a pessoa dorme ou se acha em estado de sonolência. Freud, ao desenvolver sua teoria psicanalista, já classificara o sonho como "guardião do sono", por se achar integrado à ocorrência dêste e verificar-se, freqüentemente, em condições que indicam estar preservando a continuidade dêle. Assim é, por exemplo, nos casos em que o sonho surge em virtude de fatôres externos, que tendem a despertar quem está dormindo.

Para Freud, resulta o sonho de três tendências: a de dormir, a decorrente de um desejo chocante, proibido pela censura íntima, e a que constitui a própria censura. O sono é a base fundamental da ocorrência, porque é nêle que o desejo chocante e habitualmente proibido aflora. Ao que sei, ainda para os psiquiatras ou psicólogos modernos, na formulação dos requisitos para a conceituação do sonho em geral continua o sono. É lógico que assim seja. Na verdade, o sonho é uma vivência em ambiente com imagens próprias, criado por fatôres diversos, alguns de ordem externa (odores, ruídos, contactos, etc.), outros de ordem interna, a saber, fisiológica (peristaltismo, incômodos, etc.), ou psíquico-profunda (emoções contidas, aspirações, etc.). Todavia, para o desencadeamento do processo de que resulta o surgimento dêsse ambiente e das imagens se faz necessária a redução da atividade consciente, ou melhor, a redução da vigilância do Eu responsável e atento à ordem física circundante. Assim, quando essa vigilância fraqueja ou desaparece é que aquêles fatôres atuam através do sistema nervoso central, periférico, ou vegetativo, sôbre o cérebro e geram as imagens e percepções que passam a constituir a vivência estritamente mental da criatura adormecida. Segundo lemos no "Dicionário Enciclopédico de La Psique", de Bela Szekely (Editorial Claridad — B.A.), Adler e Jung, que investigaram em profundidade a função compensadora do ato de sonhar, concluíram que a personalidade onírica tem a oportunidade

de encontrar, no reino inconsciente, um contrapêso para as unilateralidades da atividade consciente, e para isso, isto é, para a produção de seus sonhos, a personalidade sonhante, que é tôda personalidade humana, deve estar menos controlada pelo Eu responsável. Eweline Weilenman, que com simples mas lúcido estudo se empenhou na decifração dos sonhos, ao definir essa ocorrência (El mundo de los sueños — 4.ª ed — Fondo de Cultura Economica — Mexico — B.A.) "como vivências psíquicas, enquanto dormimos ou estamos em estado de sonolência", reitera a seguir: "Temos dito que um sonho representa o transcurso de vivências psíquicas enquanto dormimos", e logo adiante: "Também importa observar que, quando sonhamos, aparecem enèrgicamente sufocados o raciocinar cotidiano e a vontade. A consciência, a relação com a realidade se acha transposta; em troca, as representações, os produtos da fantasia são, quase em seriação lógica, muito mais vivos e plásticos". E conclui: "O decisivo é nossa liberação quase completa de tôdas as vinculações ou atividades normais que se dão no estado de vigília".

A vigília, êsse estado de interêsse pela realidade, como diz Bergson, de "atitudes interrogativas", como lhe chama Kaplorem, "função do real", como a designa Pierre Janet, ou ainda tensão psíquica, no dizer de outros estudiosos, *é a consciência lúcida da realidade circundante,* é a negação do sonho. Porisso é que Theobaldo M. dos Santos, em seu Manual de Psicologia (C. Edt. Nac. — Fls. 168 e segs.), ao estudar as relações do sonho e o sono e a fôrça de realidade que podem adquirir as imagens no drama onírico, observa: "Não se deve, porém, confundir a crença do sonho, inteiramente passiva, escrava das imagens e resultante da falta de elementos para criticar a realidade, com a crença inteligente e ativa da vigília, revestida do sentido claro da vida atual, do mundo presente, e implicando, para isso, um alto grau de tensão psíquica e, portanto, de concentração

mental" (Loc. cit.). Mais adiante, ao estudar a estrutura do sonho, o mesmo autor, citando ainda Henry Ey, destaca que nêle "a dissociação das instâncias superiores do psiquismo e a ausência do contrôle e da crítica exercidos pelas estruturas racionais do Eu libertam as fôrças reprimidas do inconsciente, que passam a dominar o cenário da vida mental". [1]

Ora, as ocorrências que tive oportunidade de descrever em "No Limiar do Mistério da Sobrevivência", como atrás ficou dito, na sua fase de melhor e mais positiva verificação, eram não só plenamente conscientes, como, além disso, cuidadosamente fiscalizadas, analisadas, à medida que se processavam, pelo meu Eu Responsável. Nada havia de sono, menos ainda de sonho. Acresce que, normalmente, ao exteriorizar-se o meu Eu, aquilo que êle continuava vendo, já agora sem a ajuda dos órgãos, ou sentidos do corpo físico, ao seu redor, não eram imagens, ou fantasias criadas na mente, mas a realidade objetiva do que existia no meu quarto, na minha casa e em muitos dos lugares a que ia, alguns antes desconhecidos, mas autênticos, como seguidamente verifiquei. Não era, portanto, e nem podia ser sonho, quer pelas condições da ocorrência, quer pela natureza das percepções, que nada tinham de oníricas, pois eram autênticas, materiais até. Se não eram oníricas, no sentido de serem produto de sonho, também não eram "alucinação visual", produto do chamado "onirismo", ou "alucinações hipnagógicas", isto é, reproduções de ima-

---

(1) No campo da neurofisiologia, as afirmações supra-citadas lá se encontram hoje de certa forma comprovadas. As experiências de Walter Rudoph Heas, Michel Jornet e outros levam à conclusão de que a inibição condicionada produz sono. A estimulação elétrica de alta freqüência na área frontal do hipotálamo (área preóptica), assim como estímulos de baixa freqüência em muitas partes do cérebro, mobilizando as células corticais ou do mesencéfalo para uma atividade sincrônica, portanto inibitória, produzem o sono. Porém, é quando êste se acentua, chegando ao chamado sono paradoxal (porque o EEG assemelha-se ao do cérebro desperto, não obstante esteja o sujeito profundamente adormecido) que os sonhos, a fase onírica ocorrem (v. Psicologia Fisiológica, de Philip, Teitelbam, Zahar Editôres, fls. 111 e segs.).

gens que se completam e desfazem num instante, nos períodos de sonolência, isso quer pela coerência dos fatos comigo verificados, como pela durabilidade das ocorrências, e, finalmente, pela absoluta inexistência de sonolência, dada a vigilância, o estado de "interêsse pela realidade", de tensão psíquica em que me mantinha quando voluntàriamente provocava a ocorrência.

Mas não é só. Convém, neste ponto, destacar que, por sinal, uma das circunstâncias que me convenceram da importância das ocorrências foi a de, por elas, isto é, sem a ajuda dos sentidos do corpo físico, eu tomar conhecimento de realidades materiais, fôssem presentes, como futuras e passadas, que dantes desconhecia. Essa circunstância me evidenciou, no decurso do tempo, claramente, que aquelas ocorrências me permitiam, sem a ajuda dos cinco sentidos do corpo físico — é bom repetir —, conhecer fatos e coisas reais e que, portanto, elas eram a demonstração da existência de um meio de informações e conhecimentos para o meu Eu responsável, que não podia ser minimizado e, menos ainda, desprezado. Representava, afinal, quando menos, um instrumento do meu Eu responsável para pôr-se em contacto com realidades do mundo material inacessíveis ao meu corpo físico.

A partir daí, evidentemente, cumpria-me examinar a natureza das outras percepções, isto é, dos outros fatos e encontros que aquêle estado de desdobramento me possibilitava, os quais inexistiam no mundo físico, tais como os vultos das pessoas que eu via ao meu redor, no quarto, as vozes que ouvia, especialmente quando vultos e vozes eram de pessoas que eu sabia já mortas e com as quais conversava, os panoramas e visões extraordinários que as minhas viagens pelo espaço a inúmeros lugares me proporcionavam, etc. Seriam tais percepções também autênticas, no sentido de corresponderem a realidades de um mundo extra-físico, portanto não perceptíveis pelos sentidos do corpo físico, mas tão efetivas

como a luz que o cego não vê e o som que o surdo não ouve?

A essa, ainda outra questão complementar estava prêsa, todavia, de igual ou superior relevância: a exteriorização, ou sensação de exteriorização do EU, possibilitando a percepção de coisas físicas circundantes, ou distantes, tanto presentes, como passadas e futuras, não seria simplesmente um sexto sentido do corpo, isto é, não seria uma das aptidões do organismo, essa de recolher e distinguir, talvez em algum recanto do sistema nervoso central, as vibrações dos fatos e coisas próximas ou remotas, etc?

Se a resposta a esta última questão fôsse afirmativa, isto é, se realmente o corpo físico tivesse uma faculdade, passível de desenvolvimento, para alcançar todos aquêles resultados, a conseqüência poderia ser também a negação da existência do espírito, ou da alma. As visões que o desdobramento ensejava de pessoas já mortas seriam mais fàcilmente criações da mente, isso porque as telepercepções seriam também uma faculdade, ou uma resultante das aptidões da mente, do sistema nervoso; o espírito poderia inexistir, e quando o corpo físico viesse a falecer, nada mais sobraria.

Para resolver o problema, preciso foi distinguir que, nas ocorrências, quando a exteriorização se verificava — e isso também acontece com todos os médiuns de desdobramento — a noção do EU é que se ausentava do corpo físico e êste, à medida que aquêle se distanciava, nem sequer era mais visto ou percebido. Passava a não existir. O notável, ainda, era que o EU que se ausentava levava tudo quanto compõe sua individualidade, isto é, não só seus conhecimentos e memórias, como as aptidões de percepção, inclusive as que defluem dos cinco sentidos, a saber: vista, ouvido, olfato, gôsto e tato.

Assim, *primeiro,* não eram as percepções trazidas ao centro nervoso e dêste ao EU; *segundo,* era o EU que se ausentava dêsse centro e colhia, longe, suas impressões.

A hipótese de um sexto sentido confirmar-se-ia caso ocorresse o contrário do indicado na primeira afirmação, isto é, caso de longe viesse a percepção para ser identificada em algum recanto do sistema nervoso, no corpo físico. Mas como o que ocorria é o referido na segunda afirmação, ficava evidente a possibilidade de o EU destacar-se dêsse corpo, ter impressões e percepções independente dêste, revelar-se, portanto, autônomo, valendo por si. Porisso, sempre me preocupei em esclarecer, retornando muitas vêzes ao corpo, se o que estava chegando ao meu conhecimento não teria primeiro, isto é, anteriormente, impressionado o meu corpo físico. Assim com relação ao ruído de chuva e outros, ao sabor de remédios e outras coisas, à sensação de frio e calor, de vento, etc. E quase tôdas as vêzes em que assim procedi, retornando ao corpo para apurar, verifiquei que a percepção eu a tivera no local em que o meu EU se encontrara, a distância do meu corpo, e que nada no mundo físico que a êste rodeava havia ocorrido que pudesse haver dado origem, na mente, à percepção tida. O meu Eu, em verdade, ausentara-se e vivera, na plenitude de suas aptidões, longe do corpo físico.

Algumas poucas vêzes notei, neste, a subsistência de sensações, ou sinais, conseqüências da percepção tida fora dêle, como, por exemplo, na ocorrência de 22-3-54, em que relato a visão surpreendente de um fogo astral, pelo qual fui atingido no braço direito do meu corpo astral, tendo subsistido a sensação de queimadura por muitos minutos depois de acordado e no mesmo local do corpo físico (fls. 119). Neste caso, ainda se poderia perguntar: — não teria um eventual ardimento da pele suscitado tôda a visão?

Não creio que tenha sido assim, quer pela variedade e riqueza de percepções que se verificaram no decurso da longa ocorrência, antes de eu ser atingido pelo fogo astral, o que foi um acidente no final do desdobramento, quer ainda porque a sensação de queimadura não teve uma causa fisiológica ou física aparente e, também, foi-se acabando em pouco tempo, depois de acordado, como relato ali. Se a sensação fôsse suscitada por causa fisiológica, teria permanecido por muitas horas, se não por vários dias. A sua causa, quando menos, seria psíquica.

Porém, o normal nas ocorrências era verificar que a chuva, o cheiro, o frio, ou o calor, o gôsto, os ruídos que vira ou percebera em algum lugar distante, no plano físico, ou astral, não existiam no local em que se encontrava o meu corpo físico. O meu Eu, realmente, se ausentava globalmente. Então, surgia evidente não poder ser a exteriorização um mero sexto sentido do corpo e não havia como fugir ao dilema: — ou as percepções seriam simples criações fantasistas da mente (e daí a alegação de onirismo, acima examinada) ou, na verdade, o espírito, a alma, enfim, o nosso Eu é autônomo, e tem a capacidade da percepção, da identificação, e o corpo físico é um simples instrumento, ou veículo de comunicação para aquêle, com determinados ambientes — quando restringe as percepções a êsses ambientes —, instrumento que, quando suprimido, não aniquila, porém, a existência da personalidade que o utiliza, a qual recobra a plenitude das suas possibilidades de percepção do universo que a rodeia, nos planos físico e extra-físicos.

Do ponto de vista teórico, científico, nenhuma impossibilidade há da existência de mundos extra-físicos não perceptíveis pelos sentidos do nosso corpo material. Aí não estão, dentro do próprio mundo físico, a radiofonia, a televisão e a eletrônica em geral a evidenciar

que por nós, a cada momento, passam sons, imagens, energias em movimento que não vemos e não percebemos senão com a ajuda de aparelhos especializados? Quem pode negar, portanto, a existência de uma longa gama de fatos outros e movimentos no plano das vibrações além da área de percepção dos nossos modestos sentidos físicos? Aliás, que é o mundo físico senão uma faixa ampla de vibrações e processos de movimentos, de que resultam os elétrons e os nêutrons que compõem os átomos de substâncias conhecidas, cujas combinações nos oferecem os gazes, os líquidos e os sólidos todos?

Devia, pois, investigar, analisar, com cuidado, as ocorrências, as condições em que se verificavam, confrontá-las, apurar sua homogeneidade, enfim, testá-las longamente, para poder opinar, finalmente, com honestidade e coragem, já que sabia dos riscos das incompreensões. Foi o que fiz durante decênios antes de divulgar as ocorrências e minhas conclusões.

Essas cautelas levaram-me à certeza da realidade dos mundos extra-físicos.

Qual, porém, a dimensão dessa realidade?

É o que procurarei examinar no capítulo que segue.

CAPÍTULO

III

ONDE ESTÁ A REALIDADE? NO MUNDO FÍSICO OU NO ASTRAL?

O eterno e o permanente só existem em nós mesmos — O eterno presente.

É NATURAL que a enunciação de ocorrências e conclusões, em que se afirma a existência de mundos extra-físicos, ou astrais, desdobrando-se conjunta e paralelamente ao mundo físico, os quais recebem o nosso espírito enquanto dormimos e o receberão em definitivo quando ocorrer o falecimento do corpo físico, haja suscitado uma pergunta que me foi formulada: — Se lá está o definitivo, então não estaríamos vivendo aqui na vida material uma ilusão?

A resposta que me parece óbvia é a negativa. Tanto aqui como lá temos uma realidade. Não havendo ficção, não havendo criação fantasista da mente, mas verdadeira vida de relação entre o EU e fatos e coisas diferentes do Universo que o rodeia, é a realidade que aquêle vive. Uma realidade de faces múltiplas, que vão sendo apresentadas e vividas, cada qual por sua vez, num processo surpreendente de renovações de horizontes e experiências em escala infinita.

Para ter-se uma visão global do processo, importante é fixarmos, todavia, algumas particularidades. Uma delas é que nós existimos e êsse sentido de existência desabrochou-se lentamente num sistema de acumulação

de experiências e desenvolvimento de aptidões evidente no estudo das espécies animais até chegarmos à espécie humana. Mercê dêle, mesmo quando, em virtude de algum acidente, ou intervenção cirúrgica, o corpo humano perde algumas de suas partes, ou as substitui, como se faz hoje na técnica dos transplantes, nem porisso deixa o sêr de sentir-se a si próprio, o seu EU. Mais ainda, todos os que já avançaram em idade e viram o seu corpo envelhecer, num processo biológico que, segundo os modernos conhecimentos, substitui todos os componentes das células em cada ciclo de sete anos, mantêm vivo êsse sentido da existência, até com caráter de continuidade, pois, não obstante a idade e as modificações decorrentes das experiências sofridas, sentem e sabem que são os mesmos que eram na infância ou na mocidade, isto é, que conservaram a mesma individualidade original. Tal sentido da existência é que me fêz examinar, inúmeras vêzes, a princípio perplexo, depois curioso e indagativo, o meu corpo abandonado sôbre a cama, ou no canàpé, corpo sôbre o qual eu já não tinha mais comando algum e que jazia inerte e distante de mim como outro objeto qualquer, a saber, a própria cama, ou o canapé! Um corpo que já não mais me transmitia qualquer informação que os cinco sentidos pudessem colhêr do mundo material circundante, não obstante essas mesmas informações e muitas outras que os cinco sentidos jamais poderiam captar, inclusive por se acharem fora do tempo, portanto, fora do mundo físico, eu as continuasse percebendo.

Assim, pude eu verificar comigo que, muito embora vejamos tal sentido de existência aflorar com o nosso corpo físico, dêle não depende, nem se liga a qualquer de suas partes.

Já agora, estabelecido êsse sentido de existência possível fora do corpo físico e fixado, mais, que as condições de relação do EU responsável com o Universo

que o rodeia não se limitam apenas às que decorrem dos sentidos do corpo físico, abre-se para aquêle EU responsável a perspectiva de sentir, ou melhor, de perceber realidades do citado Universo em dimensões infinitas.

Isto porque poderá perceber realidades em graus vibratórios diferentes ao infinito, podendo conhecer fatos físicos e astrais que podem coexistir no mesmo local, interpenetrando-se conforme a variação de suas vibrações.

A extensão e variedade de tais percepções ainda avulta mais se admitirmos, conforme a tanto fui levado por minhas experiências, que elas se estendem ao passado e ao futuro, que o EU responsável também pode viver.

E mais, que além do tempo, em determinadas condições, o EU supera o espaço. Para êle inexistem distâncias.

Assim, as realidades que o Universo oferece à possível percepção do nosso EU responsável estendem-se, na verdade, ao incomensurável, num desenrolar de eterno presente, a saber: a cada momento presente, percepções, informações, experiências se sucedem e se armazenam, engrandecendo nossos conhecimentos e modelando, formando nossa identidade. Nesse presente de cada momento nos podem chegar não só o que é em qualquer dos planos (físico ou extra-físicos) mas também o que já foi e o que será e, ainda, aquilo que próximo se acha, ou em remota estrêla se encontra. O EU responsável vive, ou pode viver, pois, em cada momento, a eternidade e o infinito.

Outra particularidade é que o presente domina o passado e o futuro. Pôsto em linha continuada, êle é a vida. E o passado e o futuro sòmente quando trazidos ao presente passam a ser vividos. E a revivescência de um passado pode mudar a feição dêste, fazendo o sêr sentir, com tristeza, um passado alegre, ou vice-versa.

De igual forma, o presente condiciona o futuro. As opções agora feitas, os hábitos que se vão adquirindo por novas atitudes que se adotam, os conhecimentos adquiridos em cada momento criam o futuro

Em complemento a esta última, outra particularidade se destaca: o presente é eminentemente transitório, e mais, tôdas as influências e percepções que em cada presente, no decurso da vida, se transmitem ao EU são essencialmente transitórias. Em conseqüência, transitórios são todos os transes, fatos e sucessos a que é submetido o espírito, em qualquer fase do seu processo evolutivo. A transitoriedade dos fatos e sucessos não lhes retira, porém, a característica da realidade, desde que êles não tenham sido criados pela imaginação, mas percebidos e vividos, em função da capacidade que o nosso EU tem de senti-los, percebê-los e avaliá-los, enquanto ocorrem. Mas essa tansitoriedade acentua o absurdo da tendência acomodatícia, do apêgo de criaturas humanas às coisas que as impressionam. Viver prêso a objetos, pessoas, interêsses, paixões, idéias ou ficções, como se tais coisas, porventura, pudessem subsistir eternamente ou a nós ficarem ligadas para sempre, é ignorar a essência da vida, que é movimento, que é transição.

Tendo em linha de conta essas particularidades, fácil é chegarmos a algumas conclusões de grande proveito, se as tivermos presentes como determinantes de nossas reações, ou de nosso comportamento. Assim:

1 — Na sucessão de momentos que vão sendo vividos, estará sempre presente o nosso Eu responsável, recebendo as conseqüências de atos e comportamentos anteriores, ou revivendo o passado, ou, ainda, podendo antecipar percepções do futuro, quando menos, preparando êsse futuro. O EU responsável permanece, enquanto tudo o mais passa. Em conseqüência,

2) — É vã ilusão prender-se demais às coisas, como se elas fôssem eternas, ou eternamente devessem ficar conosco. O apêgo excessivo só nos pode levar ao padecimento exagerado e inútil, fazendo-nos sofrer com as vicissitudes, fraquezas e perecimento das coisas que não estão em nós mesmos e, porisso, de nós não dependem, sendo elas, ademais, necessàriamente transitórias.

3) — Nada é definitivo e irreparável e, portanto, no decurso do tempo, o Eu responsável poderá não só reviver o passado, como construir a alegria, o prazer e a felicidade no futuro. Não há razões para o desespêro. Deve-se ter paciência, apenas, e o presente se modificará; êle sempre se modifica.

4) — O que está ao alcance do espírito na conjugação das vidas no mundo físico e no extra-físico não tem limites e é de uma riqueza e satisfação indescritíveis.

5) — O presente vale, principalmente, pelas oportunidades de aprendizado que nos oferece, pois o que sobrará dêle em nós serão o conhecimento ensejado pela experiência vivida e as conseqüências dos nossos atos, as quais nos ilustrarão melhor sôbre o mérito dos mesmos. Recebamo-lo com êsse sentido e não só aprenderemos mais e mais depressa, como sentiremos menos amargura nos maus momentos. Aproveitemo-lo com tal fito porque difìcilmente o futuro nos ensejará iguais condições para nos ministrar iguais ensinamentos. Êstes enriquecerão a nossa sensibilidade e a capacidade de avaliarmos e apreciarmos as novas coisas que a nós forem chegando no futuro.

CAPÍTULO

IV

ÉTICO

Em "NO LIMIAR DO MISTÉRIO DA SOBREVIVÊNCIA", a sétima das conclusões que procurei extrair das experiências tidas com o EU astral ficou assim concebida: "Dentro dêsse mundo extra-físico, espiritual, ou astral, o nosso EU, subordinado às leis que regem aquêle, é atraído, ou imantado aos planos com os quais se sintonizam as suas vibrações. *Os fatôres dessa sintonia são, porém, de natureza ética e não física*".

Para bem se julgar da relevância de tal afirmativa, útil é relembrar as conclusões anteriores, que assim enunciei:

1.ª — No homem existe algo extra-físico, e êste algo — o espírito — tem outros instrumentos de percepção, conhecimento e ação que não resultam dos sentidos e qualidades do corpo físico.

2.ª — Êsse algo extra-físico — o espírito — pode destacar-se do corpo físico e continuar a viver com intensidade, na plenitude da consciência de sua identidade e de percepções as mais variadas, enquanto o corpo físico permanece inerte e despersonalizado.

3.ª — A êsse algo extra-físico, ao espírito, que enquanto habita o corpo físico colhe impressões através dêste e exerce sôbre o mundo físico ação mercê dos instrumentos que aquêle corpo lhe proporciona, corres-

ponde, também, um mundo extra-físico, espiritual, ou astral, que constitui o seu "habitat" normal.

4.ª — Êsse mundo extra-físico, espiritual, ou astral, de igual forma como o mundo físico, está sujeito a leis dominadoras, irrefragáveis, que não são as mesmas que governam êste último. Nêle, não prevalecem o tempo, o espaço, a gravidade terrestre.

5.ª — Mercê das leis que o governam, êsse mundo extra-físico, ou astral, se desdobra em aparências, ou aspectos e condições que variam, pràticamente, de maneira infinita, os quais poderíamos chamar de planos existentes numa gradação que vai das vizinhanças da matéria física, com tôdas as aparências desta, para estágios de pureza e sublimação, que estão acima de nossa capacidade imaginativa.

6.ª — Êsses planos nem sempre estão em lugares diferentes do espaço, pois que êles são, mais pròpriamente, estados de vibração; de forma que, no mesmo lugar, podem coexistir planos diferentes.

Ligada a essas conclusões anteriores, a sétima indica, portanto, que, dentro da variedade infinita dos planos astrais, o espírito é atraído ou imantado para aquêles com que se afina ou sintoniza o seu comportamento moral. Isso indica mais que a ascenção do subalterno e grosseiro para os planos superiores se estabelece em função de fatôres éticos.

Como, porém, entender do significado ou conceituação do vocábulo ético neste caso? Valerão, para se julgar ético, ou moral, um comportamento, as condições que justificam o chamado "ético socialmente imanente", que compreende as normas recomendadas por uma cultura, ou crença, como necessárias à boa disciplina de uma sociedade particular? Mais singelamente, o ético que preside às relações do espírito com o plano

astral é o mesmo que preside ao julgamento do comportamento, tendo em vista a ordem vigorante em determinada época numa coletividade? Ou ainda, influi na posição do espírito aquilo que as sociedades, em determinado momento, acham que é o bom ou que é o mau? Ou, ao contrário, êsse ético que preside à sintonia do espírito com certo plano astral transcende às normas relativas e seria aquêle a que se chama "absoluto", ou "universal", que compreende normas de comportamento cuja só finalidade é a preservação e o aperfeiçoamento da sociedade?

Antes de respondermos a tais questões, acho que seria conveniente observarmos que a sintonia ou imantação do espírito com o plano astral se processa em função de um princípio de harmonia, ou de similitude. Assim, se o espírito se inclina a preocupações, pensamentos, e, posteriormente, à prática constante de atos, que o levam a uma integração maior com o mundo físico, a sua sintonização se verifica com os planos onde êsse mundo se reproduz e aquêles pensamentos, preocupações e atos encontram condições de harmonia. Por outro lado, se os hábitos que adota são inspirados em pensamentos e preocupações que fogem à materialidade do mundo físico e envolvem um progressivo distanciamento dêsse mundo, com renúncia das satisfações que êle produz, a sintonização se processa com planos mais sutis, em harmonia com tal comportamento. Em outros têrmos, quando o espírito encarnado no corpo físico se deixa dominar pelas exigências dêste e, na convivência com seus semelhantes, desenvolve o seu egoísmo e se preocupa em satisfazer as propensões que distinguem sua individualidade, tais como o orgulho, a usura, a ambição de riquezas ou posições, a prepotência, a luxúria, a impiedade, ou, simplesmente, abandona a compostura que o senso crítico natural (a sensibilidade de sua consciência) lhe recomenda e se entrega a vícios e ao desregramento, êle, automàticamente, passa a sintonizar-se

ou a harmonizar-se, a vibrar em consonância com os planos astrais vizinhos ao mundo material, onde subsistem as condições propícias a tais propensões e atividades e onde permanecem espíritos de pessoas de iguais pendores e comportamentos, ainda vivas (enquanto dormem), ou mortas. Não é de estranhar que tais planos sejam perigosos, dado que nêles dominam a competição, a rivalidade, o desrespeito, a agressão, resultantes óbvios dos comportamentos egoísticos.

Quando, porém, o espírito reage às propensões sugeridas pelas exigências do corpo e das condições de competição da vida material e, superando a fase egoística, passa a inspirar-se em conceitos de tendências universalizantes, como os de igualdade, solidariedade, respeito para com seus semelhantes e todos os demais sêres, amor, bondade, compreensão, tolerância, paciência, simplicidade, tornando-se capaz de renúncias e sacrifícios pessoais, desliga-se êle dos planos astrais vizinhos ao mundo físico e passa a vibrar em freqüências que lhe asseguram sintonias com planos outros de condições menos materializadas, mais delicadas e em harmonia com aquêles pensamentos e sentimentos que estão distinguindo sua individualidade.

Pràticamente, a imantação ou sintonização aos planos astrais, com afinidades às virtudes ou aos defeitos de cada um, seria, em última análise, o equivalente à atração de campos vibratórios de características iguais, ou semelhantes, ou, ainda, a atração e a mistura de corpos de densidades iguais, ou semelhantes, como no velho caso da água e do óleo colocados no mesmo recipiente e que, naturalmente, se acumulam em níveis diferentes. Também poderíamos assemelhar essa sintonização à que se dá nos aparelhos de rádio e televisão, onde se faz necessária a mesma freqüência para ligar-se a uma ou outra estação emissora.

Todavia, ao afirmarmos que os fatôres de sintonia são de natureza ética e não física, o fizemos por estarmos convencidos de que a mudança da natureza, qualidade, ou freqüência vibratória do espírito está na dependência estrita da mudança do caráter, do modo de ser, do comportamento do espírito. Ora, tal mudança, claramente, só pode ser o fruto de atos livres e conscientes e não qualquer tipo de ato, de natureza reflexa aos estímulos externos. Atos livres e conscientes que progressivamente fixem um estado de espírito, uma atitude moral permanente, não ocasional apenas. Tal estado de espírito, ou comportamento moral é que estabelece o padrão vibratório que permitirá imantar-se aos planos de padrão semelhante. A imantação é uma decorrência, é o "processo" da aproximação ou da conectação, enquanto que o "ethos", o caráter obtido mediante o hábito, a atitude moral continuada, que passa a configurar a individualidade, é que fixa o nível, ou a intensidade vibratória. Atrás do "processo", esconde-se a lei, e esta é de natureza ética.

E agora podemos voltar às questões iniciais: de que tipo ético e com que sentido se revela tal lei?

As explicações acima terão mostrado que nos planos astrais os fatôres éticos não poderão ser aquêles a que chamamos "socialmente imanentes", a saber, as normas recomendadas em determinadas fases pela cultura das sociedades. De maneira geral, tôda a humanidade já reconheceu, alías, que tais normas não definem o merecimento do caráter de uma individualidade. Tanto assim é que as figuras exponenciais da perfeição moral respeitadas nas tradições de várias culturas viveram, não raro, em contradição com as normas de comportamento comum que prevaleciam ao seu tempo. Tal é, por exemplo, o caso de Buda, o de Sócrates e o de Cristo.

Serão, portanto, de natureza absoluta, ou universais. Mas, em que sentido? Serão as que, dentro da concei-

tuação de Marco Aurélio, ou de Stuart Mill tendem a tornar o homem útil a todo o gênero humano? Serão no sentido de agradar a todos, como preconiza a "moral da simpatia", de Adam Smith, ou do sacrifício pessoal em favor do próximo e da humanidade, como sugere a "moral altruista" de A. Comte?

Tenho para mim que as leis éticas que governam o Universo impõem normas de muito maior amplitude e muito mais radicais. Elas exigem não apenas uma mudança de comportamento subordinado à vigilância de uma consciência alertada ou estimulada pelo propósito da realização de um objetivo, mas requerem e progressivamente realizam uma verdadeira transmutação da individualidade dos espíritos. Tive disso prova no fato de sòmente a continuidade de meu comportamento, acompanhada de mudanças de hábitos, provocar comigo a modificação nos planos astrais a que era levado. As leis éticas seriam, pois, categóricas, no sentido de serem superlativas e perenes em todo o Universo, e impositivas, no sentido de constrangerem o espírito a um processo evolutivo. A evolução, na base de mutações progressivas, desperta a consciência do espírito para o que o rodeia, em seguida, para si próprio, e, em fases ulteriores, arranca essa consciência da egolatria, do egocentrismo e a identifica com campos sempre mais amplos do Cosmos.

Assim, na fase atual de evolução do espírito *humano,* tudo indica que as normas de conduta decorrentes das leis que regem o mundo astral, àquele aplicáveis, são as que tendem à eliminação progressiva do egoísmo e da egolatria, e à elevação do espírito ao nível de uma identificação crescente com o Universo, com a Criação.

Assim, na fase em que nos encontramos, os marcos sinaleiros da rota evolutiva, no plano ético, são: sentimento de igualdade, capacidade de renúncia e de amor universal.

É de admitir que o espírito, depois de identificar o que o rodeia e tomar conhecimento da própria existência, seja naturalmente arrastado para a egolatria e o egoísmo, que geram, nas relações daquele com o referido meio, orgulho, anseio da posse de bens materiais e do prazer, e, em decorrência, a intolerância, o desrespeito às pessoas e às posses dos semelhantes, a usura, a prepotência, a luxúria, o ciúme, a violência e a impiedade. Tais sentimentos, ou atitudes espirituais, e outros que lhe são afins esmaecem à medida que o espírito se compenetra da absoluta igualdade que o nivela aos demais, e, também, da inutilidade do egoísmo. Inutilidade porque, ainda quando as conquistas por êle realizadas para satisfação dêsse sentimento não venham seguidas de malefícios e desilusões, um dia se revelam tôdas eminentemente transitórias e não atendendo ao anseio natural de felicidade perene.

O sentimento de igualdade reabilitador começa pelo que emerge da relação ou confronto de sêres parecidos, e se sublima quando o espírito identifica no princípio inteligente que preside à ordem universal, a proveniência, a origem de uma única essência, ou um único elemento como matéria prima dos "egos" individuais. Se essa materia prima é uma só, todos são, em essência, absolutamente iguais e de idênticas possibilidades.

O expurgo do comportamento egoístico inicia-se com as contrariedades e desilusões que acompanham as vitórias nas lutas travadas para realizar sonhos e alcançar posições. Acentua-se, porém, e evolui ràpidamente quando, depois da nítida percepção da transitoriedade daqueles resultados, o espírito é atraído pela serena felicidade que a renúncia e o amor engendram. Eloqüentes, maravilhosas, ao mesmo tempo que comovedoras são as expressões com que descreve o desabrochar dêsses estágios de comportamento o saudoso escritor Paulo

Setúbal, em "CONFITEOR". Vale a pena lê-las, quando menos em sua parte conclusiva:

"Pois ao volver agora os meus olhos para o caminho percorrido, vejo que tive ao longo dessa minha jornada alguns pobres triunfos que outrora me enlevaram. Mas nos momentos exatos dêsses triunfos, nos momentos em que, por circunstâncias várias e em várias ocasiões, parecia que o meu destino ia alar-se a sucessos ainda maiores eis que um golpe adverso, áspera vergastada dos fados, matava no seu nascedouro, sem dó, a vitória que despontara ontem. Essa vergastada era sempre uma doença. Um sofrimento. Êsse sofrimento, contra o qual eu, espumando fel, me rebelei tantas vêzes de punhos fechados, sofrimento que estrangulava tôdas as minhas ambições, que arredava com mãos de ferro a minha mocidade do mundo vão que eu amava, êsse sofrimento que, culminando, terminou por fazer de mim êste mísero trapo humano que hoje sou; êste sofrimento foi — quem jamais soube lá os desígnios secretos de Deus? — o caminho dorido e áspero, mas abençoado, que, fazendo-me ascender do charco às estrêlas, levou-me devagarinho, mansamente, para esta doce paz de espírito em que hoje vivo, para êste remansado sossêgo de consciência, e, sobretudo, para esta felicidade — escute-o bem, meu irmão: — para esta paradoxal felicidade de me ver doente, certo de morrer breve, e, por isso mesmo, ditoso, serenamente ditoso, porque sinto que fui assinalado pela mão oculta e misteriosa do Cristo. Há quem não creia nessa felicidade. Eu bem o sei. Mas olhe, meu irmão, meu desconhecido companheiro de desgraça, não dê ouvido a êsses. Não dê. Aproxime-se do Cristo! Aproxime-se resolutamente do Cristo. E então você compreenderá, na sua nudez, a verdade da minha palavra".

CAPÍTULO

V

O BEM E O MAL — O CRIME E O CASTIGO OS GRAUS DA MORALIDADE

ACREDITO que, na amplitude das leis éticas que presidem o processo evolutivo do espírito, a conceituação do bem e do mal poderia ser admitida para se distinguir o que ajuda ou acelera aquela evolução do que não ajuda, ou retarda. Tal entendimento, manifestamente, muito se distancia da conceituação dêsses vocábulos no campo ético relativo, em que o bem e o mal se equacionam com o interêsse da ordem estabelecida na sociedade. Porém não é de estranhar que assim seja. Na ordem cósmica, o principal é a evolução dos espíritos, pois a da sociedade advirá como conseqüência daquela.

Não receamos admitir que tal afirmação poderá parecer, à primeira vista, extremada, e de sabor exageradamente individualista. Todavia, uma análise um pouco mais atenta das circunstâncias em que a evolução espiritual se processa revelará logo sua exatidão.

De fato. Qual o sentido da vida de cada um, do ponto de vista espiritual? — Oportunidade para aquisição de conhecimentos, experiências, evolução. Ora, observe-se que êsses mesmos resultados obtidos pelos indivíduos sobram para as coletividades a que êstes tenham pertencido e que tais resultados são, também, o patrimônio cultural, científico, técnico das sociedades em evolução e, no final, da própria humanidade.

Em verdade, as próprias sociedades servem como meio de formação espiritual e para isso elas resultam, e, quando tenham cumprido êsse fim, elas desaparecerão. Assim tem sido na história dos povos, em que vemos a revelação de muitas culturas apenas pelas ruínas de seus edifícios descobertas em desertos, ou florestas, sem qualquer sinal de fatos e modestas indicações das condições de vida e progresso das coletividades que ali viveram. Tais culturas, todavia, cumpriram sua finalidade: foram escolas para as almas das criaturas que ali existiram, trabalharam e aprenderam.

Assim temos que considerar a coletividade dêste século, que engloba a humanidade. O fim desta — seu desaparecimento — como nós a conhecemos, está na linha provável do desaparecimento das condições adequadas à sua sobrevivência na superfície do globo terrestre, de que a física astronômica indica várias possibilidades. Um dia, um cataclisma (mesmo os inventos humanos podem ser causa de um) poderá fazer a humanidade retroceder a um padrão de vida precário nas florestas, ou no sub-solo. Poderá, mesmo, destruir a humanidade, ou qualquer espécie de vida na superfície terrestre. Mas a atual civilização terá cumprido seu fim: terá instruído, criado condições favoráveis à evolução de gerações sem conta, ou melhor, de um número sem conta de almas. Veja-se, pois, a importância destas — das ALMAS. *O Universo existe para elas.*

Tais circunstâncias não podem, entretanto, levar à conseqüência da justificação do comportamento anti-social, porque sendo guias da evolução o sentimento de igualdade, a capacidade de renúncia e de amor, o espírito, dentro das leis éticas do mundo astral, òbviamente deve cooperar para o progresso e a melhoria das condições de vida de seus semelhantes e da sociedade. Mas, pode ocorrer que aquilo que se apresenta como um bem no campo ético relativo não o seja no mundo astral.

E daí resulta o risco de o espírito, em consonância com as normas do mundo astral, poder comportar-se de maneira extravagante e até indesejável no seio de determinada ordem social e neste tornar-se passível de perseguição ou punição. Isso tem ocorrido com muitos dos mais nobres vultos da história da humanidade.

A mais destacada conseqüência dessas circunstâncias é, porém, que, enquanto na ordem social ao bem e ao mal correspondem ou devem corresponder prêmios ou castigos dependentes de julgamentos à base dos valores ou padrões éticos aí consagrados, no mundo astral não há julgamento, nem prêmios ou castigos, mas o simples desencadear das conseqüências resultantes da sintonização do espírito ao plano astral equivalente, melhor dito, propício, homogêneo ao seu comportamento moral e tendente a facilitar e promover o seu progresso. O espírito, em conseqüência, enquanto o corpo dorme, ou depois que êste falece, vive em tal plano e ali encontra outros espíritos de iguais propensões ou semelhantes a si, que lhe farão o que está disposto a fazer com êles.

Fazem sentido com essas afirmações as conclusões seguintes à sétima, que formulei em "NO LIMIAR DO MISTÉRIO DA SOBREVIVÊNCIA". Pela oitava, asseverei que a "sintonização significa para o espírito (o nosso Eu) que êle se integra ao plano e não só passa a influir sôbre êste, como também a sofrer a influência dêste plano sôbre si próprio". Pela nona, disse mais que, não obstante a influência do plano astral sôbre o nosso Eu seja de natureza espiritual, enquanto habitamos o corpo físico aquela influência acaba afetando o nosso comportamento nas sociedades humanas, pela sua insistência, e pelas afinidades com outros espíritos que nos planos se estabelecem".

Daí resulta que, em geral, uma atividade persistente, de sentido material, grosseiro, subalterno, tende a agravar-se, ou a acentuar-se, conduzindo o espírito a

uma imobilização ou permanência duradoura no plano correspondente. Os corretivos a semelhante risco, na ordem universal, são os impactos provocados pelas catástrofes, ou desditas chocantes que o Destino pode apresentar no decurso da vida de cada um, aliás, dentro da chamada "lei do Karma", que corresponde à lei da causação ou de causa e efeito vigorante no astral. Os impactos e as desditas acarretam mudanças no comportamento da pessoa, porque criam novas situações absorventes, dão preocupações e condições novas, que impõem, não raro, outra conduta, outra ordem de pensamentos e objetivos. Pela lei kármica, as conseqüências dos atos praticados e do comportamento tido pelo espírito enquanto vive em um corpo físico envolvem-no mesmo após a morte dêste e influem nas condições do seu futuro renascimento e na vida física seguinte, de forma a pesar sôbre sua sensibilidade, incomodando-o e ferindo-o. Essa convivência com as más conseqüências gera repulsa aos atos e comportamentos capazes de provocá-las, enquanto que a convivência com as boas conseqüências estimula o espírito na senda que as produz.

Assim, não há julgamento, nem castigo, mas nem porisso a disciplinação do mundo astral deixa de ser muito mais eficaz que a humana, pois absolutamente rigorosa e corretiva. Nenhum espírito precisa esperar a presença de um julgador para sofrer ou beneficiar-se com as conseqüências dos seus maus ou bons atos. Tais conseqüências, automàticamente, passam a envolvê-lo e atingi-lo imediatamente, ou logo mais. A percepção clara dessa automaticidade, que o espírito obtém quando desencarnado, cria-lhe o desejo de recuperação e lhe desenvolve a sensibilidade da consciência quanto ao mérito ou demérito das próprias ações.

O problema da classificação consuetudinária da moralidade, ou imoralidade das ações e do comportamento não deve ter, pois, sentido no mundo astral. É

fato reconhecido que os costumes variam com os tempos e lugares. Assim, virtudes que entre certos povos, em determinadas épocas, são tanto admitidas como até comuns, em outras coletividades e outras épocas são consideradas contrárias aos bons costumes, indecentes, enfim, condenadas pela opinião pública. Não têm, portanto, os padrões relativos de classificação da moralidade das ações vigorantes no mundo físico como impor-se ao gabarito de normas universais. Tanto não significa, porém, que o espírito consciente das realidades astrais deva transformar-se em elemento de escândalo nas sociedades. Isso porque, òbviamente, dentro dos pressupostos éticos que governam o mundo astral e cuja existência estamos apenas aflorando, o espírito deve acatar as leis e os costumes das coletividades em que viver, procurando conduzir-se sem escândalo, com dignidade e disciplinadamente, exceto se tais costumes ferem ou contrariam aquêles pressupostos, entre êles o da igualdade, o do amor que inspira a solidariedade humana e o desapêgo às coisas materiais. Todavia, mesmo quando na defesa dêsses pressupostos, e exatamente por causa dêles, não pode usar da intolerância e da violência. Tem que ser paciente, e, mesmo, humilde, ainda que precise ser firme nos seus propósitos.

Se dizemos, porisso, que a classificação, ou a padronização da moralidade das ações e do comportamento não deve ter sentido no mundo astral é porque nos parece que, em princípio, tôdas as ações são peculiares aos respectivos estágios evolutivos e, assim, para o espírito grosseiro devem ser naturais, até mesmo necessários — dado que peculiares ao seu atrazo — atos e comportamentos inadmissíveis em espíritos refinados, adiantados ou evoluídos em experiências e sensibilidade. O fato de não padecerem o risco de reprovação tais atos praticados por espíritos grosseiros nem porisso é melhor para êstes. Isso não só porque a lei kármica sobrecarrega o autor com as conseqüências dos maus atos

praticados, como também porque tais atos, que refletem um estado de ânimo permanente, uma condição de caráter, estabelecem a sintonia do espírito com o plano em que o seu comportamento constitui o normal dos que ali habitam ou frequentam. Se procede e raciocina como porco, será entre os porcos que irá viver; de igual forma terá uma sociedade similar a si, se procede como um cão, como tigre, ou como santo.

As experiências que tive no mundo astral, através dos desdobramentos que menciono em "NO LIMIAR DO MISTÉRIO DA SOBREVIVÊNCIA", foram eloqüentes em demonstrar-me que os hábitos que eu adquiria em conseqüência de convicções ou volições deliberadas, quando mudavam para melhor, ou para pior, transferiam-me, também, dos planos que antes frequentava.

Êsse fato, a meu ver, constitui, aliás, o melhor ensinamento que me foi ensejado por aquelas experiências e me dotou, no decurso dos anos, de uma inestimável capacidade de domínio, que muito me tem ajudado a procurar as mais justas e decentes soluções para inúmeros dos problemas normais da vida. Também foi êle, talvez, que muito contribuiu para a minha resolução de divulgar aquelas experiências. Tal divulgação, acredito, será útil a muitas pessoas.

É útil que todos saibam da importância fundamental do seu comportamento moral nos desdobramentos de sua vida atual e futura. É útil que todos sintam a conotação íntima da sua conduta com a ordem universal a que estamos integrados, pois que dela fazemos parte e, assim, tanto influímos como recebemos influxos dessa ordem, na base da natureza ética dos nossos atos.

A humanidade atravessa uma fase em que se acumulam fatôres vários, que tornam mais difícil e dolorosa a crise da transformação necessária ao espírito para evoluir. A ampliação dos conhecimentos científicos, destruindo dogmas e conceitos alicerçados na fé, arre-

messa cada dia maior número de pessoas na descrença e na confusão. A falta de fé, como assinala Erich From (Análise do Homem — 3.ª ed Zahar, fls. 178) "é o signo de profunda confusão e desespêro". Por outro lado, as especializações profissionais ou de conhecimentos científicos, tecnológicos, artísticos, etc., associadas à premência da luta pela sobrevivência, limitam o campo de ilustração humanística e filosófica, tornando as criaturas prêsas fáceis de doutrinas, ou ensinamentos superficiais, freqüentemente criados para atender aos reclamos imediatistas e não raro subalternos das buscas de confôrto e da felicidade fácil de parcelas consideráveis das multidões. Também o desenvolvimento economico-financeiro geral, ensejando prosperidades súbitas e, com isso, prazeres fáceis, conduz contingentes apreciáveis a uma visão sibarita da vida, enquanto outros, frustrados nos seus esforços de enriquecimento, concluem que qualquer expediente de luta deve ser usado para alcançar as regalias desfrutadas por aquêles e que o sucesso justifica os meios. Por sua vez, as condições de vida nas grandes cidades levam ao abandono freqüente parcelas consideráveis da juventude que ficam sujeitas a todos os azares de convivências perigosas. Isso tanto ocorre com os filhos de casais ricos, em que é comum acontecer que enquanto o marido trabalha ou se diverte, a espôsa se dedica a reuniões sociais, modistas, etc., como acontece com os filhos de pobres, em que é freqüente pai e mãe trabalharem para poderem manter a casa, nada podendo fazer para melhor formação dos filhos. O Estado, obcecado com problemas do desenvolvimento, expande-se em investimentos de todo tipo e quase nada faz para a educação ou modificação de tendências da criança, na fase que sucede à sua alfabetização e em que se definem suas inclinações. Os jovens surgem, porisso, com todo o vigor de seu entusiasmo e arroubo e fragílimas disposições de respeito aos pais, aos mestres e às instituições criadas em

milênios de experiência e lutas. Mais confrangedor ainda é que instituições secularmente empenhadas na propagação de virtudes construtivas e pacificadoras, como a disciplina, o respeito às autoridades constituídas (dai a César o que é de César), a paciência, a humildade, o respeito ao semelhante, a compostura, etc., minadas pela infiltração de idéias tidas como revolucionárias (apenas novas roupagens sôbre antigos conceitos) e sujeitas a uma agitação interna explosiva, não só deixam de oferecer aos espíritos confundidos daqueles que procuram um rumo ideal, uma nova fé, o confôrto que poderiam prodigalizar, como ainda acentuam o estado de confusão em muitos.

A todos os que buscam um rumo estimulador e confortante, pareceu-me útil advertir que tal rumo existe, mas não deve ser procurado no campo das ilusões da matéria, tão sabidamente transitórias e, não raro, enganadoras, pelo amargor que as envolve ou que as substitui. Pareceu-me útil informar que o rumo existe, porém no infinito e na eternidade, que são realidades tão palpáveis quanto o mundo físico, como a ciência progressivamente o está revelando. E, assim, que o rumo certo de cada um se associa à grandiosidade do Universo em que vivemos, de que somos parcelas integrantes e que, porisso, podemos sentir e compreender. E mais que, à medida que nos submetemos aos requisitos necessários para essa percepção, iremos, com mais freqüência, além do benefício da maior compreensão e serenidade, enchendo a vida de momentos furtivos de encantamentos, surprêsas e admirações, que constituem compensações soberbas às dores e sacrifícios que porventura nos atinjam e um estímulo seguro para prosseguirmos no árduo empenho de vencermos a nós mesmos e os obstáculos externos que possamos encontrar.

CAPÍTULO

VI

O SEXO

Dentre as observações que me foram feitas, alertando-me sôbre a necessidade de alguns esclarecimentos complementares às conclusões que formulei em "NO LIMIAR DO MISTÉRIO DA SOBREVIVÊNCIA", uma me parece de especial relevância para o momento atual. É relativa ao fato de ter sofrido mudanças de planos, no astral, em princípio, por causa de algumas aventuras com mulheres que exerceram forte influência sexual sôbre mim. E então a pergunta: o problema sexual é assim importante para definir a posição do espírito no mundo astral?

Não tenho dúvida em afirmá-lo positivamente. As ocorrências de que fiz relato no livro citado documentam eloqüentemente a afirmativa. Todavia, por que o é?

Tenho para mim que o sexo é uma alavanca inestimável para o progresso do espírito animalizado, grosseiro, e passa a ser um entrave cada vez mais sério, à medida que ocorre a evolução daquele.

Inicialmente, convém assinalar que o sexo não é uma contingência do organismo, ou de um sêr vivo. Albert Ellis e Albert Abarbanel, em sua "Enciclopédia do Comportamento Sexual", vol. 4 (de N a U — Civilização Brasileira), no que respeita às razões biológicas para a existência do sexo, chegam, mesmo, a afirmar que "Não conhecemos qualquer motivo biológico básico por que a reprodução, a variação, a adapta-

ção e a evolução não possam prosseguir indefinidamente sem a sexualidade ou o sexo. Podemos corretamente considerar o sexo como um prêmio, um luxo". E mais adiante: "É claro que a reprodução assexuada povoou o solo, as águas e a atmosfera da terra com muitos milhares de espécies, cada qual representada por inúmeros indivíduos. Em grande parte, porém, essa reprodução consiste de organismos relativamente simples; nenhum, ao que parece, alcançou uma organização animal extremamente elevada, sob assexualidade contínua". "É claro que a sexualidade predomina entre as diversas classes de organização animal e se revela a fonte daqueles valores e realizações animais que tornam a terra e o homem um lugar e um sêr significativos. Assim, dentro de muito poucos grupos animais, ela tem promovido ou gerado o aparecimento de qualidades como a sociabilidade, o amor, a ética, a vontade e a civilização".

Observação fundamental, importante é, pois, a de que o sexo não é uma constante na natureza. É, antes, uma ocorrência em determinadas áreas e mesmo em fases do processo do desenvolvimento da matéria organizada, ou melhor, dos sêres. Feito êsse destaque, passemos adiante.

Realmente, se concebermos um sêr de inteligência em estágio primário, desatento à própria noção do EU, podemos compreender, no sexo, um poderoso instrumento para despertar e transformar êsse sêr. É um estímulo enérgico que leva aquêle a procurar e a identificar a presença de outros. É um fator que continuará atuando sôbre o indivíduo, levando-o a atritos com os competidores e à aproximação com o que se acasala ou pode acasalar-se. Determina, em conseqüência, situações que geram estados de curiosidade, de inquietação, irritação, rancor, luta, mêdo, simpatia ou atração. Posteriormente, essa inteligência desperta e transformada por muitas percepções e estados de emoções será levada pelo sexo

a cultivar sentimentos embrionários de solidariedade, de amizade, de ousadia e até de sacrifício pessoal, de que resultam, para o sêr, atitudes no sentido de defender e proteger o casal, os filhos e o ninho. Não fica, porém, nisso a obra criadora do sexo sôbre a inteligência ou a mente do sêr. Êle estimula a formação do sentido de posse, o surgimento da vaidade e da competição, e associado à fome e ao anseio de sobrevivência, desenvolve a iniciativa na ação e a capacidade da criação dos múltiplos expedientes que visam atender a essas necessidades fundamentais do sêr. É, não há dúvida alguma, o inspirador de uma multiplicidade quase infinita de atitudes e comportamentos, que, com suas conseqüências, se transformam em um manancial também imenso de experiências e ensinamentos para o espírito.

Tal ação estimuladora prossegue no decurso das eras, influindo na elevação dos níveis da inteligência e transformando o apêgo e a atração sexuais em sentimentos mais desinteressados, como a dedicação, o amor, e até, como se disse, a capacidade do holocausto voluntário.

Todavia, é o sexo um elo forte, que prende o espírito à animalidade. Isto porque o sexo não apenas estimula como também pode subjugar e escravizar o indivíduo, quer aos anseios que desperta, quer aos prazeres que proporciona ou às violentas emoções que engendra. E a escravidão dos sentidos tanto desperta o ciúme, com as desconfianças, a instabilidade emocional e as tiranias que êste suscita, como desenvolve o sensualismo obsedante, a luxúria e, não raro, a depravação, os vícios, e o crime. A história da humanidade está, aliás, repleta de exemplos que revelam em como a violência, a brutalidade e a impiedade e os dramas os mais variados estiveram associados ao problema sexual, em especial, à devassidão, e um estudo dêsses exemplos revela que êstes engendraram aquelas. Natu-

ral que assim seja, porque, quando escravizado aos sentidos, perde o espírito muito de sua sensibilidade na apreciação das regras éticas, enquanto que imperiosa se faz sentir a tentação de conseguir os meios que satisfaçam aos seus desejos.

A escravização ao sexo é, portanto, uma reaproximação, ou melhor, uma agravação da animalidade.

As experiências que tive no astral evidenciaram-me isso com excepcional clareza. Eloqüente chegou a ser a ocorrência referida no capítulo XIX, verificada a 10 de setembro de 1953, quando, como aconteceu outras vêzes, meu espírito foi submetido a um teste que êle não soube vencer. Naquela ocasião, asim que abri as válvulas de meu sensualismo, agarrando sôfrego uma mulher que se me apresentara, essa se desfez nos meus braços, "enquanto, ao meu lado, alguém fazia um comentário, cujas palavras significavam mais ou menos o seguinte: "Qual, não passa de certo tipo de animal! E então, êsse alguém me segurou pela mão e levou-me para um quarto vizinho. Nesse quarto, havia uma portinha baixa e larga, diante da qual, na escuridão, vi deslocar-se uma sombra meio deformada. Próximo dessa portinha paramos e o meu acompanhante, fazendo-me abaixar, prendeu em meu pescoço uma coleira, da qual saía uma corrente que se fixava na parede. Enquanto me achava ali de cócoras e desfilavam pela minha mente vários pensamentos, inclusive o de que eu estava sendo castigado, a meu ver com muita justiça, o meu acompanhante jogou na minha frente um prato de fôlha vazio, igual ao em que se dá, habitualmente, comida aos cães e retirou-se". V. pág. 114).

O que acontecera? Em verdade, não obstante soubesse ali estar em espírito, fôra incapaz de manter-me com a dignidade e a compostura de uma inteligência responsável. Procedera como um cachorro, incapaz de domínio e contrôle da exigência dos sentidos. O com-

portamento fôra igual ao dêsse animal e a seu nível eu me colocara.

As considerações acima expendidas, que são as que me têm ocorrido em conseqüência das experiências astrais que tive e observações outras que fiz, levaram-me à conclusão de que o ato sexual não é, do ponto de vista espiritual, um mal em si. É uma decorrência normal do estágio evolutivo do espírito, e não só um processo para assegurar a sobrevivência da espécie como, principalmente, um instrumento valioso que cria condições de progresso e ampliação de experiências daquele. Parece, porém, inevitável que, em sua senda evolutiva, o espírito deve lutar para alcançar o domínio integral do desejo sexual e ir rompendo, assim, um dos fortes liames que o prendem à vida estritamente animal, e um momento chegará em que êle deva alcançar a pureza absoluta. Acredito que, vencida essa prova, que é, sem dúvida, das mais difíceis, outros mundos no universo infinito serão sede de suas novas e diferentes existências.

CAPÍTULO

VII

PREZADO LEITOR

NÃO há quem atravesse sua existência sem sofrimento. Cada qual recebe um quinhão de dores, contrariedades, frustrações e desencantos. Procurar na própria vida material a plenitude da felicidade é entreter-se com uma ilusão e preparar-se para colhêr desenganos. Todavia, a felicidade é um estado íntimo possível de ser alcançado e que, além dos momentos fugazes que dela podemos desfrutar enquanto vivemos, pode iluminar os horizontes de nossa existência. Para tanto temos, necessàriamente, que colocá-la além das fragilidades e contingências da vida material. Uma tal manobra, sôbre não ser um mero expediente — o que poderia desnaturar o valor da felicidade assim alcançada —, também está justificada por razões lógicas e científicas.

Lògicamente, se fizermos depender o estado de felicidade de coisas frágeis e necessàriamente transitórias, é evidente que preparamos angústias e sofrimentos para nós nos momentos em que a fratura e a ultrapassagem de tais coisas se verificarem.

Cientìficamente, será legítimo admitir que haverá sempre *"um depois"* para o nosso EU? Um depois em que possamos desfrutar os benefícios das próprias angústias e sofrimentos padecidos e em que possamos, desvendando um passado imensurável de experiências, sentir as raízes profundas e maravilhosas que nos prendem ao Universo infinito e eterno?

No campo biológico, estamos acostumados a ver a presença da *"morte"*, isto é, da cessação da existência para todos os organismos vivos. Todavia, a ciência nos informa que êsse fenômeno é apenas o da desagregação orgânica, dado que cada um dos elementos integrantes do organismo subsiste por tempo muito mais longo, e os elementos fundamentais, isto é, os átomos, que são a base do organismo, vivem indefinidamente. Se isso ocorre na parte física essencialmente sujeita às fases de transformação dos ambientes físicos, não terá o espírito, aparentemente de natureza não material, assegurado sobrevivência muito mais duradoura?

Se o corpo fôr mero instrumento de ação do espírito, óbvio está que os danos que aquêle sofra podem prejudicar as condições de manifestações dêste, mas não significam a sua destruição definitiva.

Mas existe o espírito?

Ainda agora estou tomando conhecimento da organização de um grupo de pesquisadores junto à Universidade de Rajasthan, Jaipur, India, composto de catedráticos, entre êles o filósofo Daya Krisma, matemático G. C. Patui e o parapsicólogo Hemendra Banerjee, para estudarem numerosos casos em que memórias referidas por determinadas pessoas, especialmente crianças, não possam ser lògicamente ligadas ao cérebro de quem as invoca e devam ser associadas ao cérebro de um defunto, com o fito de apurar a possibilidade da reencarnação. Demonstrada esta, òbviamente o estará a existência e a sobrevivência do espírito. Parece-me que o esfôrço, no plano das pesquisas, não deveria ficar aí, mas penetrar ainda no âmbito de outras ocorrências — inclusive a dos desdobramentos realizados pelos iogues e médiuns — passíveis de permitir conclusões de alta valia no mesmo sentido.

Rhine, o grande pesquisador, que deu à parapsicologia um patrimônio inestimável de provas colhidas

em longo e meticuloso trabalho e que hoje asseguram fôro indiscutìvelmente científico a essa área dos conhecimentos humanos, em o "Novo Mundo do Espírito", cap. 4, fls. 142 (edição Bestseller) escreve: "a parapsicologia, seja o que fôr que se possa dizer quanto ao resto da psicologia, é uma área em que as leis da física, pelo menos a física de espaço, tempo e massa (haverá qualquer outra?) ainda não encontraram aplicação". Porisso, mais adiante, a fls. 200 (Cap. 7) é levado às seguintes asserções de grande significado: — "É inevitável concluir que algo há funcionando no homem que transcende as leis da matéria e, portanto, por definição, lei não física ou espiritual tornou-se manifesta. Portanto o Universo não se conforma ao conceito materialista dominante. É conceito em relação do qual é possível ser religioso; possível, pelo menos, se a exigência mínima da religião fôr filosofia da posição do homem no universo baseada na atuação de fôrças espirituais".

E referindo-se aos resultados já colhidos no campo das pesquisas parapsicológicas, continua: —

"O que pode estar por trás dêsses efeitos fugazes já descobertos o cientista deve, por enquanto, evitar afirmar, mas ao mesmo tempo pareceria absurdo supor que êsses vislumbres descobertos experimentalmente representam a soma total dessa espécie de operação em a natureza. Por analogia com as descobertas em outros campos, êstes vislumbres devem conduzir sòmente à suspeita da existência de grande sistema oculto de operações por trás dêsses fenômenos passageiros. Se tal fôr o caso, êste nôvo mundo do espírito, representado e talvez sòmente sugerido pelas operações de psi já identificadas, talvez venha a expandir-se, por meio de maiores explorações, em significação para universo espiritual muito além dos sonhos dos profetas e místicos religiosos. Assim se deu com outros setores de explo-

rações. Ninguém algum dia previu nas fantasias mais exageradas a abundância de revelações que a ciência nos tem feito em qualquer domínio" (v. fls. 200 cit.).

É natural o receio do cientista pesquisador aventurar afirmações além do que conseguiu provar no laboratório.

Para mim, porém, graças às experiências que tive e vêm em parte relatadas no meu livro citado, não tenho dúvida alguma em afirmar que o que há de espiritual em cada um de nós tem condições de conotar-se com o presumido universo espiritual a que Rhine se refere. Aquelas experiências me permitem mesmo dizer que não tenho dúvida alguma de que o nosso EU, o nosso espírito sobrevive ao corpo físico e reencarnar-se-á muitas vêzes, num processo de evolução a que está submetido pelas leis que regem o Cosmos, cujo desdobramento se confunde com a própria criação e transformações do universo físico. Tenho como certa a afirmação de Teilhard de Chardin, a que me referi na conclusão 11.ª (fls. 148) de "No Limiar", no sentido de que o universo é bifacial por estrutura, de forma a que "coextensivo ao Fora das Coisas" existe um "Dentro das Coisas", e o desdobramento do processo evolutivo da matéria tem a acompanhar-lhe as fases o desenvolvimento da essência, do espírito, que inspirou o movimento, origem da matéria, e que a esta anima.

Os argumentos de que disponho em abono de minhas convicções estão sumàriamente alinhavados nos relatos das experiências e nas Conclusões que constam de "No Limiar do Mistério da Sobrevivência". Outras teorias, especialmente a materialista, não possuem melhores. Querer atribuir apenas ao sistema nervoso o mérito de engendrar com seu funcionamento a figuração do EU, que desapareceria com a desintegração daquele, é confundir a máquina com a inteligência que a manipula e deve aprender a dominá-la.

O corpo não é o sêr, é um compôsto de órgãos, de aptidões diversas; o espírito não é um compôsto, é uma unidade de múltiplas aptidões.

Apenas a título informativo queremos observar que a neurocirurgia e a neurologia não têm mais, hoje, (ao contrário do que aconteceu quando se fizeram as primeiras localizações cerebrais) elementos para destruir nossa conclusão de ser o sistema nervoso simplesmente veículo, instrumento utilizado pelo espírito para sua ação através do corpo. "Provaram, sim", nos informa Wilder Penfield, do Instituto Neurológico de Montral, em o "Contrôle da Mente" (Zahar Editôres), que, "quando há dano ou interferência na haste cerebral superior provocado por concussão indireta ou dano direto pela pressão de um tumor, ou de um "derrame vascular", o resultado é invariàvemente a perda da consciência" (Fls. 27).

Essa haste é chamada o centro encefálico, pois na sua parte superior se processam as ligações da enervação da coluna espinhal com a dos dois hemisférios cerebrais.

Porém, logo a seguir, adverte Wilder Penfield: "Não se julgue estar eu sugerindo que a haste cerebral é a sede de uma entidade chamada consciência. Um destacado neurologista já incidiu nesse êrro e perdeu com êle algum tempo. Isso seria tão errôneo como sugerir que a consciência está localizada no córtex, porque tem esta ou aquela localização. Só podemos supor o seguinte: — A ação funcional que ocorre em alguma parte do córtex, de um ou ambos os hemisférios, e em alguma parte da haste cerebral, torna possível os processos mentais conscientes, ou estados da mente. É através do sistema centro-encefálico de ligações que a *coordenação da ação* cerebral se processa" (fls. 28).

E, mais adiante, W. Penfield ainda explicita: —

"Há, como podemos ver, muitos mecanismos demonstráveis. Funcionam com os objetivos determinados pela mente, quando automàticamente convocados. Êsses mecanismos, que estamos começando a compreender, constituem parte, pelo menos, da *base fisiológica da mente*" (grifo nosso). "Mas qual o agente que convoca tais mecanismos, escolhendo êste e não aquêle? Será outro mecanismo, ou haverá na mente algo de essência diferente?" (fls. 32).

Dentro dessa ordem de idéias, convêm outros esclarecimentos. A circunstância de a noção do EU não se manifestar no recém-nascido senão através das reações à dor, à fome, à sêde, ao cansaço e sòmente por volta dos três anos começar a entender a irreversibilidade do tempo (que não volta atrás), a impenetrabilidade do espaço (que não pode ser ocupado por dois corpos simultâneamente) e a duração do movimento (que não pode ser instantâneo) também nada prova contra a existência do espírito. Para êste, não só o nôvo corpo — que é sempre diferente de todos os outros que anteriormente conheceu — não está formado e precisa adquirir os reflexos condicionados e as maneiras de manifestação de sua vontade — inclusive idioma — como ainda se faz indispensável — para o espírito — a sua readaptação ao mundo material, desde que deixou no astral condições opostas às do ambiente físico, isto é, onde são normais a reversibilidade do tempo, a penetrabilidade do espaço e a instantaneidade do movimento.

Convém, ainda, assinalar que, vindo para uma nova experiência, o espírito traz apenas o fundamental de sua individualidade, que é o seu caráter, com suas propensões, fraquezas e deficiências. No organismo jovem, fará o arquivamento progressivo de todos os fatôres de ligação com o mundo material e os nomes das coisas, a coordenação dos movimentos do corpo, inclusive os necessários à escrita, à linguagem, à defesa e ao ataque

conduzidos, etc. Porisso, recebe êle um corpo que deve preparar e ser preparado por ocorrências fatais para a missão ou destino que traga, destituído de recordações antecedentes que podem interferir perniciosamente com êsse destino.

Desastrosa seria para a realização de tal destino a recordação de vidas anteriores, com os horrores e excelências eventualmente já vividos, contrapesando, dentro da fragilidade estrutural do jovem organismo, a delicada elaboração da nova personalidade através de experiências diferentes. As exceções como as de que dão notícias as modernas pesquisas de Jaipur não só confirmam a regra — e ocorrem para êsse efeito — como revelam a possibilidade, á medida que o organismo humano se transforma, de poder conquistar, entre outras aptidões, a da evocação de vivências anteriores do espírito, numa ligação íntima dos arquivos da memória do corpo com as do espírito que o anima.

Todavia, sendo o espírito essência, por que estaria sujeito a normas de perfectibilidade, ao invés de ter sido criado perfeito? Por que está subordinado ao processo, ao invés de dirigi-lo?

De materialistas ouvi essas indagações, quando diziam: — Se Deus, ou um inteligente criador existe, sendo bom e todo poderoso, por que já não nos fêz perfeitos, ao invés de fazer o que aí está, cheio de contrastes, fraquezas e misérias?

Acho que teve a Providência sabedoria absoluta em adotar a solução que adotou.

O espírito criado perfeito iria conhecer tôdas as coisas, menos uma: — a dificuldade do aperfeiçoamento. Isto porque, para conhecê-la, nunca bastaria saber de sua existência e das peculiaridades de sua manifestação, ou ocorrência. Indispensável seria que a tivesse *sentido,* isto é, experimentado consigo próprio. Sem essa

experiência, não poderia valorizá-la, nem tampouco as coisas que através dela alcançasse. Porisso é que as doutrinas que concebem a criação do espírito perfeito não fogem à lógica de admitir a queda, isto é, a oportunidade para a avaliação do mérito, ou dificuldade da perfeição.

Sem o conhecimento, através da experiência, da dificuldade do aperfeiçoamento, o espírito viveria tentado pelo êrro. E o êrro significaria a degradação, muito mais dolorosa, além de humilhante, do que a ascenção. Acresce notar que se os espíritos das criaturas fôssem criados perfeitos, tôdas seriam iguais e suas relações e convivências seriam monótonas, não dando ensejo para apreciar quer o belo, quer o bom, pois só os contrastes e diferenças realçam a excelência e a beleza. A monotonia seria o desastre da Criação. Ademais, o destaque da criação de individualidades pensantes perfeitas destoaria profundamente da ordem universal criada, de que aquelas, todavia, devem fazer parte. Isto porque, dentro dessa ordem, o Cosmos foi criado a partir de fatôres e partes elementares, infinitesimais, cujas energias, em combinações sucessivas, no decurso das eras, esgendram o todo. Assim, enquanto neste tudo é movimento e um perpétuo agitar em transformações e em número infinito, o espírito seria um elemento estático, não partícipe do movimento, portanto, um intruso. Poderia observar o Cosmos, jamais vivê-lo. Seria, portanto, inútil. Seria um condenado em tôda a sua eternidade.

Sujeito à regra da perfectibilidade, acompanha o espírito tôdas as transformações do Cosmos e as vive numa acumulação constante de conhecimentos, através de um número infinito de experiências. Seguramente, a conjugação dos processos de renascimentos sujeitos à lei do "Karma" e ao jôgo das diferenciações dos mundos físico e astral, progressivamente: 1) desperta a capacidade de entendimento do espírito quanto ao

Cosmos (Universo físico e extra-físico) que o rodeia; 2) faz germinar e crescer o autodomínio do Ego e o liberta progressivamente da subordinação, encantamentos e influências dos meios em que vive; 3) eleva o Ego ao nível da capacidade de apropriação, com pleno conhecimento e experiência, das fôrças imanentes na natureza e o leva à serena e prudente utilização dessas fôrças. Em suma, deixa de ser o verme, torna-se consciente da própria existência, liberta-se das fraquezas próprias e das pressões e influências de fôrças capazes de dirigi-lo e escravizá-lo, tornando-se o senhor sereno e prudente do próprio destino. Faz-se, finalmente, soberano da natureza que o rodeia, com um mérito complementar: — sabe a extensão infinita e o que há de árduo no processo de integração da sabedoria e da perfeição.